

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO –
MESTRADO E DOUTORADO

VIVIANE DULIUS DE LIMA FERNANDES

**JOGOS MUNICIPAIS DOS ESTUDANTES SURDOS DE PORTO ALEGRE
(JSPOA): SINALIZANDO UMA HISTÓRIA DO ESPORTE (2003-2019)**

Porto Alegre
2022

VIVIANE DULIUS DE LIMA FERNANDES

**JOGOS MUNICIPAIS DOS ESTUDANTES SURDOS DE PORTO ALEGRE
(JSPOA): SINALIZANDO UMA HISTÓRIA DO ESPORTE (2003-2019)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientador (a): Prof^a. Dr^a. Janice Zarpellon Mazo

Porto Alegre
2022

VIVIANE DULIUS DE LIMA FERNANDES

**JOGOS MUNICIPAIS DOS ESTUDANTES SURDOS DE PORTO ALEGRE
(JSPOA): SINALIZANDO UMA HISTÓRIA DO ESPORTE (2003-2019)**

Conceito final:

Aprovado em dede.....

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Ester Liberato Pereira – Universidade Estadual de Montes Claros
(UNIMONTES)

Prof^ª. Dr^ª. Gisele Maciel Monteiro Rangel - Instituto Federal do Rio Grande do Sul
(IFRS)

Prof^ª. Dr^ª. Roséli Belmonte Machado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(UFRGS)

Orientadora - Prof^ª. Dr^ª. Janice Zarpellon Mazo - Universidade Federal do Rio
Grande do Sul (UFRGS)

CIP - Catalogação na Publicação

Fernandes, Viviane Dulus de Lima
Jogos Municipais dos estudantes surdos de Porto Alegre (JSPOA): sinalizando uma história do esporte (2003-2019) / Viviane Dulus de Lima Fernandes. -- 2022.
120 f.
Orientadora: Janice Zarpellon Mazo.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Jogos Escolares. 2. Surdos. 3. História do Esporte. 4. Educação Física. 5. Memória esportiva. I. Mazo, Janice Zarpellon, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é para mim um dos sentimentos mais nobres, pois para onde eu olho, vejo as muitas mãos que nos apoiaram e que possivelmente também poderemos contar para nos apoiarem futuramente. Acredito que sozinho, o ser humano não consegue ir muito longe. Um olhar apenas pode falhar e até errar o dobro, mas se ouvirmos as orientações, e aqui me refiro as orientações acadêmicas da minha orientadora Janice, das minhas avaliadoras que na etapa de qualificação, estes muitos olhares, permitiram que eu notasse a magnitude deste trabalho e juntas direcionamos o prosseguimento deste, gratidão professoras Ester, Gisele e Roseli.

Sempre que há a oportunidade de agradecer, eu volto o meu pensamento, a minha energia, a minha fé para a minha história, para os meus passos e medito nas boas vivências, estas para além das demandas acadêmicas, vividas nos momentos de lazer, de intervalos da graduação, nas viagens para congressos em que acrescentei dias a mais para conhecer a cidade do evento. Valorizo aqui as lembranças das pausas que eu dava para poder escrever, as pausas me permitiam fazer o meu melhor quando eu estava criando.

Criar fez parte desta etapa inovadora para mim. Posso dizer que a gratidão me alimenta e é empolgante, todas as oportunidades me são importantes. Obrigada mãe, irmãs, família, amigos, vocês me ouviram, me viram escrevendo, lendo, e muitas vezes deixando de lhes dar atenção. Portanto preciso agradecer e deixar claro que estes momentos em que pude relaxar e extravasar, foram o combustível da escrita, a recarga da bateria, o motivo de não reclamar ou desistir.

Em especial, quero deixar os meus agradecimentos ao meu esposo, Everson Misael, que em todas as etapas desta produção me auxiliou, lendo meu pré-projeto, conversando comigo para aliviar minha ansiedade e sempre trazendo palavras de esperança. Sentiu cada alegria e descontentamento que eu partilhava ao descobrir algo novo, obrigada pelas críticas, te amo infinitamente.

Passaria dias e horas, citando nomes de pessoas que foram e são essenciais nesta trajetória, mas meu desejo é que vocês possam perceber meu agradecimento no meu sorriso, no meu dia a dia, no exercer da minha profissão. Meu coração é só gratidão.

A pesquisa contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

RESUMO

Os Jogos Municipais dos Estudantes Surdos de Porto Alegre (JSPOA) são uma competição esportiva que congrega tanto os estudantes surdos de escolas da capital do Rio Grande do Sul -Porto Alegre, como também os de outros municípios da região metropolitana. Este evento realizado anualmente, desde o ano de 2003, foi interrompido no ano de 2019, em razão da pandemia de covid-19, quando estava prevista a realização da 18ª edição dos JSPOA. Diante disso, o objetivo geral da pesquisa é compreender como ocorreram as edições dos Jogos Municipais dos Estudantes Surdos de Porto Alegre (JSPOA) no período de 2003 a 2019. Tal objetivo desdobra-se em três objetivos específicos: a) Apresentar o cenário das escolas participantes dos JSPOA; b) Delinear as transformações sucedidas nas edições dos JSPOA no período de 2003 até 2019; d) Descrever a trajetória do idealizador dos JSPOA. A pesquisa está localizada no âmbito da História do Esporte e foi guiada pelo referencial teórico-metodológico da Nova História Cultural. Para a sua realização foram coletadas e analisadas fontes históricas, tais como fotografias, documentos textuais do idealizador dos JSPOA, reportagens e documentos disponibilizados na *web*. Conclui-se que existem poucos estudos relacionados à temática dos JSPOA, sendo assim, busca-se destacar os estudos relativos aos esportes surdos. Foi identificado como um personagem importante o professor Eli Danilo Thomé, não apenas porque foi o idealizador do JSPOA, mas também pela sua atuação visando a manutenção das edições dos jogos; tendo inclusive continuado a atuar como voluntário após a aposentadoria da função de professor da rede municipal de ensino de Porto Alegre. Os JSPOA passaram por várias transformações tais como: mudanças nos locais onde ocorriam as edições do evento e inclusão e exclusão de modalidades pertencentes ao longo das edições.

Palavras-chave: Jogos Escolares. Surdos. História do Esporte. Educação Física. Escola. Memória esportiva. LIBRAS.

ABSTRACT

The Porto Alegre Deaf Students Municipal Games (JSPOA) are a sports competition that brings together deaf students from schools in the capital of Rio Grande do Sul - Porto Alegre, as well as those from other municipalities in the metropolitan region. This event, held annually since 2003, was interrupted in 2019, due to the covid-19 pandemic, when the 18th edition of the JSPOA was scheduled to take place. In view of this, the general objective of the research is to understand how the editions of the Municipal Games of Deaf Students of Porto Alegre (JSPOA) took place from 2003 to 2019. This objective unfolds into three specific objectives: a) Present the scenario of schools JSPOA participants; b) Outline the transformations that took place in the editions of the JSPOA in the period from 2003 to 2019; d) Describe the trajectory of the creator of the JSPOA. The research is located within the scope of the History of Sport and was guided by the theoretical-methodological framework of the New Cultural History. For its realization, historical sources were collected and analyzed, such as photographs, textual documents from the creator of the JSPOA, reports and documents available on the web. It is concluded that there are few studies related to the theme of the JSPOA, therefore, we seek to highlight the studies related to deaf sports. Professor Eli Danilo Thomé was identified as an important character, not only because he was the creator of the JSPOA, but also because of his role in maintaining the editions of the games; having even continued to work as a volunteer after retiring as a teacher in the municipal teaching network of Porto Alegre. The JSPOA underwent several transformations such as: changes in the places where the editions of the event took place and inclusion and exclusion of modalities belonging to the editions.

Key words: School games. Deaf. Sport History. Physical Education. School. Sports Memory. Brazilian Sign Language.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Avaliação da escola Lilia Mazon – FADERS	66
Imagem 2 – Reportagem do Rio Grande no ar, com Larissa Costa	67
Imagem 3 – Ficha cadastral das escolas	69
Imagem 4 – Ficha cadastral da Prefeitura de Porto Alegre	70
Imagem 5 – Reportagem da TV Brasil/Visual	71
Imagem 6 – Reportagem Panorama	72
Imagem 7 – Divulgação Prefeitura de Porto Alegre (PMPA)	74
Imagem 8 – Ficha da prefeitura com orientações	78
Imagem 9 – Comunicado divulgado pelo site da PMPA	81
Imagem 10 – Convite - Prefeitura de Porto Alegre	82
Imagem 11 – Divulgação da Prefeitura de Porto Alegre	83
Imagem 12 – Banner dos JSPOA	84
Imagem 13 – Banner de divulgação do 9º JSPOA	85
Imagem 14 – Modalidades/Idades e Naipes	87
Imagem 15 – Bastidores do evento	88
Imagem 16 – Capa do projeto: JSPOA	90
Imagem 17 – Imagem da prova de salto em distância	91
Imagem 18 – Imagem da prova de salto em distância	92
Imagem 19 – Solicitação de parceria	93
Imagem 20 – Certificado para voluntários que trabalharam durante o JSPOA	94
Imagem 21 – “Material contendo Sinais em LIBRAS95	
Imagem 22 – Medalhistas	96
Imagem 23 – Equipe do Concórdia no 1º torneio	99
Imagem 24 – Professor Eli observando o arremesso de peso	102
Imagem 25 – Eli Thomé	103
Imagem 26 – Anotações pessoais do professor Eli, sobre o 7º JSPOA	106
Imagem 27 – Viviane Dulus de Lima e Eli Danilo Thomé	107

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Documentos de pesquisa	23
Quadro 2 – Resultado da busca bibliográfica inicial	24
Quadro 3 – Resultado da busca bibliográfica subsequente	26
Quadro 4 – Materiais localizados em endereços eletrônicos	27
Quadro 5 – Quadro de registro (súmula)	79

LISTA DE SIGLAS

- APDSC - Confederação de Esportes para Surdos da Ásia-Pacífico.
- CADS - Confederação Africana de Desportos Surdos.
- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
- CBDS - Confederação Brasileira de Desporto Surdos.
- CEME - Centro de Memória do Esporte.
- CETE - Centro Estadual de Treinamento Esportivo de Porto Alegre.
- CISS - *Comité International des Sports des Sourds*.
- EDSO - Organização Europeia de Desportos para Surdos.
- ESEFID - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança/UFRGS.
- FACED - Faculdade de Educação/UFRGS.
- FASC - Fundação de Assistência Social e Cidadania.
- FENEIDA - Federação Nacional de Educação e Integração dos Deficientes Auditivos.
- FENEIS - Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos.
- IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus.
- ICSD - Comitê Internacional de Esportes para Surdos.
- INES - Instituto Nacional de Educação dos Surdos.
- JSPOA - Jogos Municipais de Estudantes Surdos de Porto Alegre/RS.
- LIBRAS- Língua Brasileira de Sinais.
- NEHME - Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física.
- PANAMDES - Organização Panamericana de Esportes Surdos.
- POA - Porto Alegre.
- PMPA - Prefeitura Municipal de Porto Alegre.
- RS - Rio Grande do Sul.
- SME - Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer.
- SMELJ - Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Juventude.
- TCC - Trabalho de Conclusão de Curso.
- UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

A PESQUISADORA E SEUS PERCURSOS	12
1 INTRODUÇÃO	16
2 REFERENCIAL TEÓRICO: NA TRILHA DA NOVA HISTÓRIA CULTURAL E DA HISTÓRIA DO ESPORTE	19
2.1 CAMINHOS METODOLÓGICOS	22
3 PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA SOBRE ESPORTES SURDOS	33
4 JSPOA E OS CENÁRIOS DAS ESCOLAS PARTICIPANTES	62
5 JSPOA: MUDANÇAS AO LONGO DAS EDIÇÕES DO EVENTO (2003 A 2019)	77
5.1 TRAJETÓRIA DO IDEALIZADOR DOS JSPOA: PROFESSOR ELI	97
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	116

A PESQUISADORA E SEUS PERCURSOS

Considero de suma importância que os leitores conheçam a minha trajetória de vida. Por isso, esta escrita inicial possui a intenção de aproximar vocês da minha história e dos passos que tenho trilhado, o que, para mim, é uma etapa essencial. Passo agora a descrever as motivações que me levaram a pesquisar, estudar e adentrar o universo dos estudos surdos, da cultura surda e do meu envolvimento com a temática dos esportes para pessoas surdas. É um privilégio poder compartilhar cada detalhe das minhas experiências.

Tenho 35 anos e nasci na cidade de Coronel Vivida/PR, onde morei até meus 11 anos de idade. Fui criada correndo, pulando, andando de bicicleta e brincando desde a manhã até a noite, às vezes, na rua. Após esse período, eu e minha família nos mudamos para Porto Alegre/RS. Sempre fui muito dedicada e apaixonada pelo ambiente escolar, sendo que as brincadeiras - minha e de minha irmã Eliane - por vezes, eram reproduções de aulas. Aprendi a ler com cinco anos de idade, em casa, com minha irmã. Por adentrar ao Jardim de infância na época, hoje educação infantil, já sabendo ler, me tornei ajudante da professora, minhas notas eram altas e me apaixonei pelos estudos.

Cursei meu ensino médio na modalidade Normal (antigo Magistério), entre os anos de 2003 a 2007 e foi neste período que eu conheci o universo da inclusão. Em um primeiro momento acreditei que eu pudesse “salvar os surdos”, que eu seria uma ótima professora, que iria incluir o surdo na escola regular. Tal cenário se modifica posteriormente.

Passando o primeiro ano de formada, me matriculei, no ano de 2008, no curso básico, intermediário e avançado em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) da Escola Especial Concórdia, localizada na cidade de Porto Alegre, onde moro até hoje. Foi um choque de realidade! Meu professor era surdo e descobri que ele e nenhum outro surdo queriam ser salvos, mas, sim, queriam ser aceitos por sua cultura.

Continuei a estudar. Concluí o Magistério, fiz amizades com pessoas surdas, iniciei a graduação em Pedagogia (no currículo tínhamos que cursar a disciplina de LIBRAS), todavia, não concluí o curso de Pedagogia por opção. Em 2013 resolvi cursar a Licenciatura em Educação Física na UFRGS. Novamente, no segundo semestre tive contato com a LIBRAS, o que me foi prazeroso. Ao cursar a disciplina

relembrei os sinais, ajudava os meus colegas e novamente a minha professora era surda.

No curso de Licenciatura em Educação Física na ESEFID/UFRGS, um colega me convidou para acompanhar um grupo de jovens surdos que queriam participar da “*Bubble Fest*”, um evento esportivo. Expliquei que não era intérprete, mas sabia a Língua de Sinais e aceitei o desafio. Acompanhei o grupo, que foi receptivo e me incluiu no seu universo cultural. Eles sinalizavam muito rápido e por vezes me sentia perdida. Tal experiência, me permitiu mais uma vez refletir que os surdos não precisam de auxílio quando estão entre seus pares e imersos na cultura surda, mas, ao participarem de eventos que são voltados para pessoas ouvintes, se faz necessário adaptações linguísticas como a comunicação em LIBRAS. Por este fator, eu consegui auxiliar o grupo.

Durante o curso de Licenciatura em Educação Física na UFRGS, participei de projetos de extensão, cursos de formação continuada, monitorias e voluntariado. Na minha participação em um projeto de extensão, conheci a professora Liliane Giordani (a Lili) da Faculdade de Educação (FACED)/UFRGS, coordenadora do LOBOGAMES¹. Então, me candidatei a vaga para ser bolsista de extensão e fui selecionada. Este, ensina jogos lógicos de tabuleiro em diferentes contextos, tais como aldeias, quilombos, escolas do campo e escolas para surdos.

O fator mais relevante que me aproximou dos estudos surdos da FACED, da UFRGS, é que Lili dividia a sala, os materiais e o mesmo espaço com os professores surdos da FACED. E, mais uma vez, eu via pessoas sinalizando, relatando viagens, defendendo teses e dissertações em LIBRAS. Minhas reflexões e percepções sobre a pessoa surda estavam mudando, mas, eu ainda não sabia explicar.

Quando acabou o meu tempo de dois anos como bolsista de extensão, me candidatei a vaga para ser monitora da disciplina de LIBRAS. Foi durante a execução do cargo de monitora da disciplina de LIBRAS na FACED/UFRGS que conheci algumas das possibilidades de identidades surdas. Durante esta atuação, tive contato com diferentes professores surdos, a exemplo: uma professora surda que oralizava, um professor que estudava as diferenças das linguagens de Sinais Internacionais e, para a realização da sua pesquisa, viajou por muitos países.

¹ Endereço eletrônico: <https://www.inf.ufrgs.br/lobogames/>

Conheci diferentes estudos e alguns perfis de professores e professoras surdas, percebendo que as muitas identidades surdas poderiam me auxiliar a pensar sobre estes atores que ocupam diferentes posições e espaços na sociedade, se identificando de maneiras distintas. Uma das exigências para os monitores da disciplina de LIBRAS I, era cursar a disciplina de LIBRAS II. Nesse momento, as leituras, os sinais e o aprendizado avançaram: auxiliei muitos alunos, treinei sinais novos com os meus colegas bolsistas, li muitos textos e me aproximei ainda mais da cultura surda e dos estudos surdos.

No ano de 2018, eu estava em mais um dia comum, circulando pelas dependências da ESEFID/UFRGS, quando me deparei com pessoas surdas por todo o lado, muitos surdos circulando, sinalizando, até que eu enxerguei os meus antigos alunos do projeto de extensão. Prontamente fui abraçá-los. Naquele momento encontrei pelo caminho, a professora Janice Zarpellon Mazo, que comenta: Está vendo isso Viviane? Ninguém pesquisa sobre esta temática! Tal colocação me inquietou e eu passei a ler, pesquisar, estudar, porém, nada se tinha escrito até aquele momento sobre os Jogos Escolares dos Estudantes Surdos. Um estudante surdo de doutorado, sob a orientação da professora Janice, pesquisava sobre as Surdolimpíadas. Fui em busca de textos e informações, mas, encontrei poucos materiais que viessem ao encontro do que eu acreditava sobre as pessoas surdas. A inquietação permanecia e eu me sentia com poucos recursos teóricos.

Em 2019, já graduada em Licenciatura em Educação Física, comecei a rascunhar o projeto que culminou nesta dissertação para a seleção de mestrado. Na época, o professor Marco Aurélio Di Franco concluiu sua tese de doutorado no PPGCMH/UFRGS, a qual serviu de inspiração na escrita do projeto de pesquisa elaborado a fim de participar do processo seletivo do curso de mestrado. Não participei do processo seletivo em 2019. No ano seguinte, em 2020, modifiquei a escrita do projeto e fui selecionada para vaga do curso de mestrado, iniciando o curso em 18/11/2020. Em paralelo com o curso de mestrado, dei continuidade, na mesma instituição, no curso de Bacharelado em Educação Física. O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Bacharelado foi uma revisão sobre os estudos produzidos no Brasil, na área da Educação Física, acerca dos esportes surdos.

As vivências com os esportes surdos foram sendo acrescentadas a cada dia, sendo um marco na minha trajetória participar das Surdolimpíadas de verão,

realizadas em Caxias do Sul/RS. Neste evento, realizado no período de 01 a 08 de maio de 2022, na Serra Gaúcha, fiz uma imersão desde a cerimônia de abertura até as diversas competições esportivas. Presenciei, nesse universo cultural riquíssimo, muitos surdos de distintos países e culturas. Também foi importante a proximidade que tive com o professor Marco Aurélio Di Franco, podendo revê-lo pessoalmente e ter acesso a outros colaboradores do evento através da sua pessoa, podendo assim me aproximar ainda mais da estrutura que envolve o referido evento mundial.

As experiências não pararam, ao comunicar em meu grupo de pesquisa que havia me organizado para assistir as Surdolimpíadas, novas oportunidades surgiram. Minha colega do curso de mestrado e integrante do Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte (NEHME), a professora de Educação Física Ana Maria Kich, atuou no Comitê organizador na modalidade do Judô, como coordenadora de área, e me convidou para trabalhar como voluntária. Durante esta imersão, minha visão de cultura surda muda novamente. Ao estar em contato com tantas pessoas agindo totalmente diferente das que estou acostumada (surdos oralizando em todas as línguas), precisei ler mais sobre o meu tema de pesquisa. Ainda, ao atuar como voluntária nas Surdolimpíadas, pude presenciar, de perto, as conquistas dos medalhistas brasileiros do Judô Surdolímpico, Rômulo Crispim e Alexandre Fernandes. Tal experiência rendeu a escrita de um relato de experiência e a apresentação em congresso de estudo intitulado “Surdolimpíadas 2021: protagonismo dos judocas brasileiros”. Por fim, espero que outros momentos de partilhas sobre o universo surdo surjam na minha jornada.

1 INTRODUÇÃO

Descobrir consiste em olhar para o que todo mundo está vendo e pensar uma coisa diferente (Roger Von Oech)².

Os Jogos Municipais de Estudantes Surdos de Porto Alegre/RS (JSPOA) são constituídos de competições esportivas em diferentes modalidades para estudantes surdos de escolas públicas e privadas desta capital e região metropolitana. Porto Alegre/Poa está localizada no estado do Rio Grande do Sul (RS), pertencente à região Sul do Brasil. A primeira edição dos JSPOA ocorreu através da parceria com a Secretaria Municipal de Esportes Recreação e Lazer/POA (SME), em 5 de junho de 2003, na Academia de Polícia Militar. Atualmente, os JSPOA são promovidos pela Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Juventude (SMELJ).

O evento encontra-se na sua 18ª edição (2022). Nos anos de 2020 e 2021 não ocorreram edições devido a pandemia de Covid-19. As duas últimas competições, a 16ª e a 17ª, que antecederam a pandemia, respectivamente nos anos de 2018 e 2019, ocorreram nas dependências da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEFID/UFRGS). Levantamento bibliográfico acerca da temática permite identificar lacunas de pesquisas nesse âmbito, o que justifica e valida a presente pesquisa. Não foram encontradas produções em bases de dados científicos, indicando que tal tratativa não tem sido objeto de pesquisa. Uma vez que o objeto de pesquisa fora identificado, pode-se estruturar um projeto de pesquisa que culminou nesta dissertação.

Dessa forma, a fim de delimitar o problema de pesquisa, um levantamento e coleta de informações sobre a temática foram realizados durante a 17ª edição dos JSPOA. Alguns materiais foram cedidos pelo Professor Eli Danilo Thomé (Eli), tais quais: dados referentes às modalidades integrantes, datas e informações sobre as escolas participantes, além de materiais que compunham seu acervo pessoal. Muitas foram as informações contidas nos documentos, advindas de imagens, textos, ilustrações, bem como dos escritos elaborados pelo professor Eli. Estas fontes apresentam fragmentos que permitiram dar início a construção de um mosaico, na medida em que as informações coletadas serviram como fundamento

² Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NDMx/>

desta produção. A comparação com outras fontes possibilitou uma produção historiográfica com uma variabilidade de elementos que contribuíram na construção desta narrativa não contemplada, até o momento, nos acervos de pesquisas anteriores.

Os JSPOA são compreendidos como uma das possíveis formas de representação cultural de pessoas surdas, sendo possível analisar as práticas esportivas dos surdoatletas através de sua cultura. Tais atores sociais são vistos como pertencentes a uma comunidade, denominada de comunidade surda. Neste sentido, para alcançar os objetivos a temática foi abordada através das perspectivas dos diferentes estudiosos da História Cultural, que descrevem o indivíduo e seu ambiente social como uma construção constante que perpassa por inúmeras mudanças. Além disso, compreende-se que os diferentes atores colaboram na construção da vida social, sendo estes os construtores de suas histórias e cooperadores das histórias alheias.

A historiografia amplia a compreensão acerca do objeto de pesquisa. Assim, estudar a história do povo surdo e suas representações, implica dar visibilidade à história de atores que, durante décadas, foram representados por setores sociais discriminantes, seletivos e classificadores, que deram “voz” aos surdos através da percepção dos ouvintes. Estas, por vezes, destoadas por intermédio de falas externas, por longo tempo limitaram a compreensão das histórias dos surdos através de suas próprias mãos e suas potencialidades, sendo assim, uma versão da história não contada.

Diante do exposto, o objetivo geral da pesquisa foi compreender como ocorreram as edições dos Jogos Municipais dos Estudantes Surdos de Porto Alegre (JSPOA) no período de 2003 a 2019. Tal objetivo desdobra-se em três objetivos específicos: a) Apresentar o cenário das escolas participantes dos JSPOA; b) Delinear as transformações sucedidas nas edições dos JSPOA, no período de 2003 até 2019; e) Descrever a trajetória do idealizador dos JSPOA.

A escolha do período inicial, ano de 2003, se justifica pela oficialização perante a apresentação do projeto do JSPOA à SME, já extinta. Logo, a data limite da pesquisa, o ano de 2019, refere-se à última edição do evento que antecedeu a pandemia de Covid-19, sendo que no ano de 2020 e 2021 não houve edições do evento. Ressalta-se que no ano de 2022 ocorreu o retorno dos jogos pós-pandemia.

Tais dados não estarão presentes nesta produção visto que a pesquisa se encontrava em fase de conclusão no ano de 2022.

Pesquisas como a aqui proposta tornam-se relevantes na sociedade moderna, a qual está em constante reconfiguração. Posto isto, é necessário analisar, pesquisar e buscar compreender as diferentes representações e manifestações culturais, principalmente pelo meio social dinâmico em que os indivíduos estão inseridos, o qual é moldado e modificado por diferentes esferas como, por exemplo política, acadêmica, religiosa e institucional. Outro fator de relevância acadêmica e social é a compreensão sobre o ato de registrar as possíveis versões de uma história, visto que a falta de registro pode tornar invisível determinadas práticas esportivas.

Este documento está estruturado em capítulos a iniciar pela "Introdução". A seguir o segundo capítulo "Referencial Teórico: na trilha da Nova História Cultural e da História do Esporte" aborda os pressupostos teóricos que nortearam a pesquisa. O capítulo três descreve os "Caminhos Metodológicos". O quarto capítulo apresenta a "Produção acadêmica brasileira sobre esportes surdos". No quinto capítulo apresentamos o cenário das escolas participantes dos JSPOA para, em seguida, delinear as transformações sucedidas nas edições dos JSPOA no período de 2003 até 2019. Após, passamos a descrever a trajetória do idealizador dos JSPOA e, por fim, Considerações Finais.

1 REFERENCIAL TEÓRICO: NA TRILHA DA NOVA HISTÓRIA CULTURAL E DA HISTÓRIA DO ESPORTE

Nesta seção apresentam-se as noções teóricas relevantes para o desenvolvimento desta pesquisa de cunho histórico, desenvolvida com base nos pressupostos da História Cultural, a qual guiou as análises na busca por compreender os surdos e a cultura surda³. Interpretar a história a partir da perspectiva de quem a vivencia ou vivenciou, como pertencente a um contexto cultural repleto de significações, demanda sensibilidade do pesquisador. Assim sendo, neste estudo foram adotados alguns dos pressupostos teóricos que têm norteado as pesquisas referentes ao ramo da história cultural, considerando os autores Chartier (2002), Pesavento (2008) e Barros (2011), além dos saberes de Perlin e Strobel (2014), na compreensão da noção de história cultural atrelada ao universo surdo. Buscou-se compreender os atores sociais - aqui representados pelos atletas surdos - a partir dos seus posicionamentos e expressões, tal qual como querem ser vistos. Neste sentido, a história cultural auxiliou e possibilitou a diferenciação de contextos, valorizando as motivações dos surdoatletas e seus possíveis interesses no esporte.

Ter a compreensão das formas e dos motivos de tais indivíduos permite identificar os significados que desejam apresentar através das possíveis versões pertinentes às narrativas de suas vivências. Para Chartier (2002), se faz necessário descrever a sociedade tal como os sujeitos em questão pensam ou gostariam que fosse. Além disso, o olhar da história cultural através do fator social que materializa a compreensão por intermédio das representações de mundo pode traduzir suas posições e interesses.

Para Pesavento (2008), a história cultural pressupõe abertura à interdisciplinaridade e a comunicabilidade entre os diferentes discursos que falam do real. Portanto, os historiadores da cultura implementam um novo olhar sobre o mundo, mergulhando no tempo passado. Entende-se que, através desta narrativa, os leitores poderão conhecer parte do contexto que vivenciam os surdoatletas através de suas potencialidades, suas performances e como participantes de jogos

³ A cultura surda nasceu da comunidade surda de forma natural e espontânea. São pessoas que possuem a visão como principal sentido para traduzir o mundo. Sua experiência de vida acontece através de percepções visuais, com influência das Línguas de Sinais e das vibrações sonoras, que podem ser sentidas (FOGGETTI, 2022).

escolares, sendo estes os representantes de suas instituições escolares e de suas comunidades em um âmbito local/regional.

Considera-se que os surdos constroem suas representações e apresentam suas historicidades através dos seus corpos. Sobre a história cultural atrelada ao universo surdo, Perlin e Strobel (2014) descrevem que a história cultural é uma nova interpretação de caminhos trilhados para as considerações do povo surdo, valorizando sua cultura, valores, hábitos, leis, língua de sinais e a política que movimenta tais questões. Sendo assim, vale ressaltar que a história registrada pelos sujeitos surdos e não mais uma versão distanciada da realidade. As autoras ainda citam a visão do colonizador a fim de apresentarem como os surdos (não) foram registrando as suas histórias, mas sim que foram vistos e narrados no decorrer da história com olhares externos.

Para além dos saberes mencionados, busca-se entender outros campos de estudo, pois uma cultura como a surda, que por vezes parece estar distante de alguns sujeitos sociais, distanciada também das universidades, requer, para fins de uma análise mais apurada, um olhar ampliado, tais como o olhar da poeta, da artista e da pesquisadora. Estas três personagens não estão desconexas nesta escrita, elas estão internalizadas em cada indivíduo, pois criam-se e compõem-se, sendo movidos por uma ardente ambição, aqui traduzida por paixão. Paixão dosada, aquela para manter o desejo de produzir, de modelar e de ressignificar.

Procura-se assim, observar os distintos conhecimentos presentes nas áreas de saberes, considerando a riqueza que cada uma carrega e possibilitando a valorização desse espaço de produção de conhecimento. Ademais, busca-se um posicionamento diante dos presentes objetos, sendo este norteado por uma multiplicidade de lentes, a fim de ampliar as maneiras de olhar e, ao mesmo tempo, promover novas percepções aos leitores. Para exemplificar tal modo de pensar, fica evidenciada a perspectiva de Barros (2011) que percebe a história cultural como um fator que tem permitido um novo olhar sobre objetos que habitualmente têm sido beneficiados por um tratamento historiográfico, econômico, político ou demográfico.

Desse modo, a história cultural tem se apresentado como um campo que permite uma abertura para novas conexões e campos de saber. Para que se possa desenvolver e continuar trilhando os caminhos desta história cultural, faz-se necessário compreender como os referidos atores são percebidos, lidos e

apresentados. Nesta direção, a surdez é descrita da forma como se pretende que se compreenda.

Reconhece-se os surdos como pertencentes a esta cultura, a cultura surda, que compreende uma comunidade que possui um conjunto de signos, representações e forma de serem e estarem no mundo. A partir desta perspectiva, marca-se o posicionamento autoral, que se distingue da visão clínico-patológica, que caracteriza a pessoa com surdez como deficiente-auditiva. Tal posicionamento envolve a compreensão de surdez para além do que é visto como falta ou perda auditiva, mas, abrange entender o surdo como uma pessoa que se comunica de maneira diferente e pertence a um universo cultural riquíssimo e repleto de particularidades e identidades.

É possível compreender a surdez por diferentes perspectivas. Os muitos autores que abordam a temática apresentam, no mínimo, duas versões. Para esta narrativa, destaca-se a visão histórico-cultural, que compreende a pessoa surda através da sua cultura, valorizando-a e buscando fugir do processo de aculturação. Para a autora do presente documento, a cultura surda vai além da sua forma de se comunicar no mundo, através da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), visto que envolve, também, o contexto que o cerca, suas relações sociais, os lugares que frequentam, as atividades que desenvolvem e como estes se posicionam no mundo. No presente estudo, enfatizou-se a pessoa surda e os esportes.

Considerando ser complexa a conceituação de pessoa surda, por ter uma multiplicidade de identidades, ressalta-se que é possível encontrar distintas definições acerca desse termo. Dentre as mais comuns está aquela relacionada à deficiência auditiva que, embora seja uma das maneiras de perceber esse sujeito, se difere da compreensão aqui apresentada.

Devido a tais vertentes identificadas na literatura sobre a surdez, existem noções que são lançadas tentando definir e enquadrar o surdo em um determinado “molde”, apresentando-o e classificando-o. No entanto, a comunidade surda, o povo surdo, a pessoa surda e suas identidades dependem de uma multiplicidade de fatores. Estes, podem estar presentes nas construções de distintas identidades surdas, constituídas por um longo processo que envolve conquistas importantes, tais como a valorização e reconhecimento da LIBRAS - língua oficial da pessoa surda no Brasil - ou a ocupação de pessoas surdas nos espaços considerados por

vezes relevantes socialmente (política/ acadêmica/ lugar de representação social/espços diversos).

As autoras surdas Pontin e Rosa (2016, p. s/p) definem a pessoa surda como: “um sujeito que possui uma experiência visual e é usuário da língua de sinais. A língua de sinais é um dos fatores que leva a construção da identidade, comunidade e cultura surda”. Ao citarem que a língua é apenas um dos elementos da cultura surda, compreende-se que outros tantos elementos compõem e fazem parte deste universo. As autoras mencionam ainda que a audição não é considerada faltante para os surdos.

Para Strobel (2008), cultura surda é a maneira de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo, a fim de torná-lo acessível e habitável. Tais sujeitos, portanto, ajustam as suas percepções visuais, contribuindo assim para as possíveis definições das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Para a mesma autora e, em consonância com a percepção presente, isso significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo. Como parte desse universo cultural, acrescenta-se os Jogos dos Estudantes Surdos e os Esportes Surdos. Tais tessituras apresentam possibilidades de construção de distintas identidades surdas.

O autor surdo Di Franco (2019a) apresenta a sua definição de surdez se expressando e se posicionando como um ser social, cultural e pertencente à cultura surda. Ele também destaca como se deveria fazer menção aos surdos que participam de associações e se comunicam por meio da Língua Brasileira de Sinais. Para ele não se deve denominar estas pessoas como deficientes auditivos. Estas pessoas que não ouvem, se reconhecem como surdas e não como deficientes auditivas, pois a linguagem foi adquirida desde a infância na relação com comunidades surdas, em associações e lugares de reencontros. Os JSPOA, deste modo, podem ser uma forma de reconhecimento da identidade surda através do esporte.

1.1 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para melhor situar os leitores e auxiliar na compreensão de como se chegou à temática de pesquisa, é necessário relatar que o evento chegou até o

conhecimento da autora na sua 16ª edição, no ano de 2018. No referido ano, os JSPOA ocorreram no mesmo ambiente em que a pesquisadora estudou em sua graduação, sendo este o primeiro contato dela com esta competição. Embora não houvesse proximidade com os jogos, de fato, o vínculo com os surdos participantes foi essencial, pois, muitos deles (competidores) foram alunos de projetos de extensão em que a autora atuara.

Após participação no evento, as pesquisas realizadas mostravam poucas informações disponíveis sobre o evento e a temática. Na 17ª edição, o contato direto com o idealizador do evento, o professor Eli Danillo Thomé, permitiu contato com materiais e informações não encontrados em plataformas digitais. Estes foram listados no Quadro 1. A análise inicial abrangeu leitura e verificação das informações, seguido do confronto das fontes. A autorização para utilização das informações contidas em tais documentos foi formalizada via mensagem eletrônica - *e-mail* (THOMÉ, 2019).

Quadro 1 – Documentos de pesquisa

Avaliações do evento e ficha com orientações com os aspectos a serem avaliados nos JSPOA.
Breve Histórico.
Documentos solicitando voluntários (estudantes do curso de Educação Física) para trabalharem no JSPOA - à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS.
Fichas cadastrais das escolas participantes.
Folha contendo ordem e sequência dos Jogos a serem desenvolvidos em cada dia.
Folha com avisos gerais, escrita por Eli.
Modelos de certificados.
Modelo de ficha de inscrição; cópias de fichas preenchidas, contendo prova, idade e naípe.
Orientações básicas de LIBRAS para os acadêmicos da PUCRS.
Projeto enviado à SME no ano de 2003.
Súmula contendo as modalidades e lista de escolas participantes.
Relatórios.

Fonte: Elaborado pela autora.

Os documentos mencionados no Quadro 1 foram catalogados por ordem alfabética. Ressalta-se que nenhum documento cedido foi descartado. Através dos

fragmentos encontrados, identificaram-se informações de data de início, modalidades, escolas participantes, dentre outros dados. Com tais informações em mãos, o passo posterior foi a procura detalhada, em plataformas digitais, a fim de saber o que já se havia produzido sobre a temática. A busca deu-se no *Google Acadêmico*, *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Banco de Teses e Dissertações da CAPES. As palavras de busca foram: 1- “Esportes Surdos”, 2- “Jogos Esportivos Surdos”, 3- “Surdoatletas” e 4- “Jogos Esportivos Dos Estudantes Surdos”.

A primeira busca, referente aos termos “Esportes Surdos”, resultou em 16.900 resultados. Uma nova busca com filtro foi realizada, incluindo os termos e palavras indexadas e publicações a partir de 2017. Nesta, houve uma queda para 21 resultados. Destes 21, apenas 8 abordavam o tema esporte, sendo do mesmo autor 4 destas produções. A busca por “Jogos Esportivos Surdos” apresentou 2.060 resultados iniciais e, quando filtradas as informações, indexando os termos e combinando a data a partir de 2017, o resultado foi de apenas 4 produções, que se repetiram dentro dos resultados da busca anterior.

Através da busca pela nomenclatura “Surdoatletas” foram encontrados 10 resultados iniciais, diminuindo para 7 quando aplicado o filtro, indexando as palavras e agregando a busca limitada às produções posteriores a 2017. As buscas de produções que abordavam o termo “Esportes Surdos” contemplou 3 estudos e, na última busca, foi necessário realizar a alteração nas palavras chaves e inverter a ordem de busca, pois surgiram muitos artigos que falavam sobre LIBRAS e a inclusão da linguagem, mas, nenhum aspecto esportivo de fato. O Quadro 2 ilustra os trabalhos acadêmicos encontrados nas bases de dados mencionadas.

Quadro 2 – Resultado da busca bibliográfica inicial

Tipo de trabalho	Título	Autores	Ano de publicação	Objetivos
Dissertação	Esportes surdos na constituição do ser social: o resgate histórico sob a perspectiva da educação ambiental	Marco A. R. Di Franco	2014	Buscou resgatar a história dos esportes surdos e da CBDS, demarcando os principais acontecimentos e a participação dos surdos em eventos nacionais e internacionais, bem como identificar as

				contribuições sociais do esporte na vida dos surdos que participam da CBDS e avaliar a importância do esporte como meio de inserção dos surdos nas suas comunidades e associações.
Artigo	Esportes surdos na constituição do ser social: uma compreensão histórica sob a perspectiva da Educação Ambiental	Marco A. R. Di Franco Simone dos S. Paludo, Tatiana B. Lebedeff	2015	O objetivo deste estudo foi evidenciar o papel do esporte como ferramenta de socialização e de construção de identidade surda e mostrou que os esportes foram motivo e meio de inserção e de modificação das relações político-sociais dos surdos no Brasil.
TCC	Memórias de um time de futsal de surdos: o esporte como prática de afirmação identitária	Maurício M. Gayer	2018	O presente estudo busca registrar as memórias de um grupo de homens surdos praticantes de futsal amador, além de evidenciar o papel do esporte como parte integrante da cultura surda.
Artigo	A Implantação do Esporte Vela no Instituto Nacional de Educação de Surdos	Leonardo C. Santos Murilo C. Branco Luísa T. H. Gandolpho	2018	Este artigo visa apresentar as impressões dos idealizadores do projeto esportivo Velejando por um Mundo Melhor, professores de Educação Física do Instituto Nacional de Educação de Surdos, após o primeiro ano de sua implantação.
Artigo	Surdos e o Futsal: respeito, diálogos e autonomia	Alex Luís Emiliavaca Camila da S. Guireli Lorita M. Weschenfelder	2019	O objetivo deste trabalho foi de esclarecer como o esporte de inclusão auxilia no dia a dia, possibilitando respeito entre os diferentes grupos e autonomia para as pessoas com deficiência.
Tese	Surdolimpíadas (deaflympics): histórias e memórias dos esportes surdos no Brasil (1993-2017)	Marco A. R. Di Franco	2019	Esta tese buscou responder o seguinte problema de pesquisa: como se constituiu a prática dos esportes surdos e a participação brasileira nas Surdolimpíadas no período de 1993 até 2017.
Artigo	El nacimiento del "deporte silencioso" en Argentina:	Carolina Ferrante	2020	Desarrollo: con este fin, se recuperan estudios franceses que detallan el rol político del deporte silencioso desde su

	identificaciones e implicancias (1953-1975)			fundación internacional. Luego, se pormenoriza la llegada de este movimiento a Argentina, a través de la constitución, en 1953, de la Federación Deportiva Silenciosa Argentina (FDSA).
Artigo	Surdoatletas nas deaflympics: silêncios da Memória Esportiva Brasileira	Marco A. R. Di Franco Janice Z. Mazo Giandra A. Bataglioni Denize C. Bochernitsan	2021	Este estudo buscou reconstituir as memórias das delegações brasileiras nas Deaflympics (Surdolimpíadas) desde a primeira participação do país no ano de 1993 até a edição de 2017.

Fonte: Elaborado pela autora.

O fichamento deu-se por ordem cronológica, partindo da data mais distante de publicação para a data mais recente. Optou-se por classificar o tipo de trabalho, o título, os autores, o ano de publicação e os objetivos, para assim facilitar a análise posterior.

Em uma segunda busca, após a leitura e fichamento dos materiais do Quadro 2, através do referencial teórico utilizado por estes autores, foi possível chegar a novos documentos, trabalhos em congressos e produções relevantes, que fomentaram a discussão acerca do que se vem produzindo sobre o esporte surdo. Estas encontram-se citadas no Quadro 3.

Quadro 3 – Resultado da busca bibliográfica subsequente

Tipo de trabalho	Título	Autores	Ano de publicação	Objetivos
Artigo em Congresso	Esportes Surdos na Constituição da Identidade	Marco A. R. Di Franco	2015	As análises que seguem tratam da importância do esporte na constituição do sujeito surdo.
Artigo em Congresso	Surdolimpíadas: memórias da participação brasileira	Marco A. R. Di Franco	2017	Apresentar as memórias da participação brasileira nas Surdolimpíadas
Monografia	Comunicação para e com os surdos: análise da cobertura da	Aline C. do V. Rocha.	2018	O presente trabalho tem como objetivo analisar como é feita a cobertura do evento da Surdolimpíadas por

	surdolimpíadas			voluntários na página do Facebook da Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS).
Dissertação	Análise estabíliométrica de atletas de futsal ouvintes e surdos	Alex L. Emiliavaca	2020	Diagnosticar a diferença entre o equilíbrio estático e dinâmico e o centro de gravidade de atletas de futsal não ouvintes e ouvintes amadores.
Dissertação	O movimento esportivo surdo: produções de modos de vida surda na contemporaneidade	Aline do P. Ferreira	2021	Teve como objetivo central conhecer e analisar os efeitos do movimento esportivo surdo na produção de modos de vida surda na contemporaneidade.

Fonte: Elaborado pela autora.

Os quadros 2 e 3, que sistematizam as produções acadêmicas que envolvem o tema esportes surdos, nortearam a escrita do capítulo denominado “Produção Acadêmica Brasileira sobre Esportes Surdos”. Neste são detalhados os achados supracitados. Abaixo, o quadro 4 está composto pelos eventos postados em endereços eletrônicos (*web*). Assim, incluem-se reportagens, matérias ou postagem de divulgação que tenham em sua temática os JSPOA. Tais conteúdos foram utilizados como fontes de pesquisa. Esses materiais foram encontrados através de busca no *youtube*, por vídeos, reportagens e depoimentos. Para cada esporte e nomenclatura lançados na barra de buscas, foram encontradas inúmeras fontes e, para esta produção, optou-se por rejeitar as reportagens amplas, delimitando a exposição apenas às que se referiam aos JSPOA.

Quadro 4 – Materiais localizados em endereços eletrônicos

Título da reportagem ou Evento	Nome do Jornal ou Site	Data de publicação	Link de acesso
Escola Vitória garante classificação nos Jogos de Estudantes Surdos de POA	Prefeitura de Canoas/RS	02/06/2005	http://oldsite.canoas.rs.gov.br/site/noticia/visualizar/id/100515
7.º Jogos dos Estudantes Surdos de Porto Alegre	Prefeitura de Porto Alegre	19/08/2009	http://www2.portoalegre.rs.gov.br/sme/default.php?reg=34&p_secao=107

10.º Jogos dos Estudantes Surdos de Porto Alegre	Prefeitura de Porto Alegre	16/05/2012	http://www2.portoalegre.rs.gov.br/sme/default.php?reg=24&p_secao=132
Repórter Visual-	TV- BRASIL- Visual	06/06/2016	https://tvbrasil.ebc.com.br/visual/episodio/visual-06062016?page=41
EMEF Vitória participa de jogos esportivos em Porto Alegre	Prefeitura de Canoas/RS	2018	http://oldsite.canoas.rs.gov.br/acessibilidade/noticia/visualizar/id/125109
17º Jogos dos Estudantes Surdos 2019. Realização da SMDSE - Diretoria de Esportes	Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Juventude (Porto Alegre) SMELJ-POA Página do Facebook	17/05/2019	https://www.facebook.com/SMELJ.POA/posts/1245967608913187
Jogos escolares envolvem centenas de alunos surdos em Porto Alegre.	Diário Gaúcho	17/05/2019	http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/dia-a-dia/noticia/2019/05/jogos-escolares-envolvem-centenas-de-alunos-surdos-em-porto-alegre-10939472.html
Panorama/ TEV- Boletim Jogos dos Estudantes Surdos de Porto Alegre.	Panorama- Boletim- TVE (Youtube)	17/05/2019	https://www.youtube.com/watch?v=HOHqQQHVzUw
EMEI Bilíngue para Surdos Vitória nos Jogos dos estudantes Surdos de Porto Alegre.	Publicado via Youtube pela prefeitura de Canoas/RS Via: Record TV/RS	2018	https://www.youtube.com/watch?v=xOOWOs5LM58
Banco de imagens	Prefeitura de Porto Alegre.	Cada imagem possui uma data diferenciada de postagem.	http://bancodeimagens.procempa.com.br/default.php?a=jogos&p=66#
Comissão do Esporte discute apoio a atletas surdos	Fonte: Agência Câmara de Notícias	04/12/2019	https://www.camara.leg.br/noticias/619906-COMISSAO-DO-ESPORTE-DISCUTE-APOIO-A-ATLETAS-SURDOS
Jogos dos Estudantes Surdos de Porto Alegre	Gerência de Eventos/ Youtube	Sem data	https://www.youtube.com/watch?v=vtCG8e1F8kk

Fonte: Elaborado pela autora.

A utilização da *hashtag* #PraCegoVer⁴ foi escolhida para proporcionar acessibilidade às pessoas cegas que queiram apreciar a presente produção. Sendo assim, poderão ter acesso na íntegra ao material aqui disponibilizado.

A prática esportiva escolhida para análise são os JSPOA que, devido a pandemia Covid-19 tiveram duas de suas edições suspensas, respectivamente nos anos de 2020 e 2021, retornando no período pós-pandemia no ano de 2022. Destaca-se que as conversas com o idealizador ocorreram nos anos de 2018 e 2019 apenas, por conta da medida de isolamento social em detrimento da pandemia. Os diálogos que foram realizados anteriormente ao início desta pesquisa foram formalizados por *e-mail* no período citado, momento em que se obteve a autorização do professor Eli para publicá-las. O acervo original encontra-se armazenado com o professor Eli em sua residência e, para além dos materiais disponibilizados, outras produções encontram-se em sua posse, tais como filmagens e registros anuais dos jogos.

Reconhecendo a magnitude das diferentes fontes encontradas, destaca-se como foi realizada a análise das informações e como foram tratadas em decorrência de suas distinções. Tais fontes receberam um tratamento específico. Para tanto, acrescentam-se as informações a seguir a fim de apontar os autores que auxiliaram na análise de imagens, das fontes digitais e das fontes documentais.

Quanto às fontes documentais, as análises foram realizadas a luz dos pressupostos teóricos apontados por Pimentel (2001), Bacellar (2005) e Cellard (2008), cujas contribuições auxiliaram na aplicação do método de análise documental. Por serem classificadas como fontes primárias, estas que se encontravam sem tratamento analítico prévio. Deste modo, os referidos autores subsidiaram a compreensão e melhor aplicação dos documentos utilizados na presente pesquisa historiográfica.

Em razão de parte das fontes serem provenientes do acervo particular de Eli, este tipo de fonte é denominado, segundo Bacellar (2005, p. 42), de “documentação de caráter privado”. Para ele, no Brasil, não há uma prática corriqueira de

⁴ As *hashtags* são utilizadas para que *softwares* de leitura de texto utilizados por pessoas com deficiência visual façam a descrição de uma imagem ou publicação, possibilitando a leitura de uma imagem através do texto descritivo. É um projeto de disseminação da cultura da acessibilidade nas redes sociais e tem por princípio a Audiodescrição de imagens para apreciação das pessoas com deficiência visual. Foi idealizado pela professora baiana Patrícia Braille. Endereço eletrônico: <https://www.facebook.com/PraCegoVer/>

preservação documental privada e as notícias de destruição de importantes conjuntos documentais infelizmente não são raras. Em continuidade, o autor expressa que o mais usual são os casos de doação ou venda para arquivos públicos ou centros de documentação, onde podem ser abertos à pesquisa.

Bacellar (2005) destaca ainda que, quase todos os arquivos públicos têm acervos privados. No que concerne à identificação foi possível demarcar que, em algumas das referidas fontes primárias, havia a presença do logo da prefeitura de Porto Alegre, mesmo que estas tenham sido produzidas pelo professor Eli. Neste sentido, destaca-se o trabalho realizado por Eli à prefeitura de Porto Alegre, a exemplo do histórico dos JSPOA. Para Bacellar (2005), cabe ao historiador investigar e localizar onde estão preservados, sob a guarda de quem e buscar contatos para tentar ter acesso a esses acervos tão preciosos.

A análise documental ocorreu a partir das orientações de Cellard (2008). Para o autor, faz-se necessário realizar uma análise preliminar seguida de um olhar crítico norteado por cinco questões: a) o contexto, b) o autor ou os autores, c) a autenticidade e a confiabilidade do texto, d) a natureza do texto; e) os conceitos-chave e a lógica interna do texto. Após esta análise, o autor sugere que se deve reunir todas as partes para fornecer uma interpretação coerente, tendo em conta a temática ou questionamento inicial. Em tal análise, ocorre uma escolha de pistas documentais apresentadas no leque inicial, sendo este configurado à luz do objetivo proposto.

Para Cellard (2008), o pesquisador desconstrói e tritura seu material à vontade e, depois, procede uma reconstrução. Na presente produção, aplicou-se a análise do documento escrito, conforme mencionado, não esquecendo-se do olhar crítico às informações, para assim validar a qualidade das análises. Estas também compreenderam o confronto de distintos documentos.

Pimentel (2001) evidencia que as categorias de análise dependem dos documentos encontrados e do tratamento dados a estes. A busca, por sua vez, foi orientada pelo problema de pesquisa e, posteriormente, estabeleceu-se a montagem das peças. Assim sendo, o problema de pesquisa norteou, direcionou e facilitou a busca de fontes. Tendo-as em mãos, tornou-se possível realizar as análises. Ressalta-se que na busca por fontes se fez necessário anotar, arquivar e referenciar. Para além destes apontamentos, Pimentel (2001) destaca a importância de se

organizar o material, tomando o cuidado de fazer questionamentos do tipo: como arquivar? Quais critérios seguir? Para a autora (2001), organizar o material significa processar a leitura segundo critérios de análise de conteúdo, comportando algumas técnicas, tais como fichamento, levantamento de termos qualitativos ou quantitativos de assuntos recorrentes e criação de códigos para facilitar o controle e manuseio.

Enfatiza-se que os materiais utilizados são fontes documentais de distintas naturezas - fonte impressa e fonte digital – as quais foram analisadas em suas especificidades. Sabendo que para cada tipo de fonte havia um processo interpretativo que envolvia, inicialmente, a organização do material, estes foram organizadas criando-se categorias de aproximação de temáticas. Assim sendo, os documentos foram analisados e interpretados seguindo os critérios de análises de fontes documentais.

Considera-se de suma importância abordar, neste momento, as fontes digitais, especialmente devido ao crescente uso dessa natureza documental, na pesquisa e na escrita da história. Nos últimos tempos, ocorreram transformações no uso das informações, sendo tais mudanças um desafio aos pesquisadores, especialmente no que concerne à validação dessas informações. Este é, portanto, um dos desafios no modo de produção do conhecimento, na prática de investigação da ciência histórica.

Todavia, também destaca-se o progressivo uso de fontes de pesquisa provenientes de acervos ou repositórios digitais, além da utilização de aplicativos de análises de dados qualitativos que auxiliaram nesta pesquisa, tais como o CAQDAS, acrônimo do inglês *computer assisted qualitative data analysis software*, que pode servir para minimizar os problemas e as limitações geradas pelo uso inadvertido e com pouco rigor metodológico das ferramentas digitais. Além da utilização do programa ATLAS.ti. A busca e a análise digital transformaram não apenas a pesquisa histórica, mas possibilitam novas perguntas, problemas e respostas, impactando tanto a teoria quanto o método de se fazer uma pesquisa.

No que se refere a análise de imagens, Mendes (2019), em seu livro intitulado “Metodologia para análise de imagens fixas” defende que o percurso objetivo de análise se constitui de três momentos, a saber: 1) seleção/discriminação/qualificação/sugestão, 2) análise formal dos

signos/elementos que fazem parte da composição e, 3) contextualização da imagem no tempo e no espaço. Mesmo sabendo que a percepção humana não se dá necessariamente nessa ordem sequencial, essa decomposição em momentos específicos tem uma função prática, de caráter organizador.

Foram selecionadas as imagens e realizada a análise formal dos signos que a compõem, contextualizando-as no tempo e no espaço. Para alcançar tal feito, buscou-se compreender o assunto, o que representa, sobre o que se trata, a composição que está por trás, quais elementos estão presentes, percepção sobre simbologia, sentimentos, em que contexto a imagem foi produzida e onde estava exposta. Segundo Sardelich (2006), ler uma imagem vai além da apreciação do esqueleto aparente. Ela é vista como a construção histórica de um determinado momento ou lugar e, quase sempre, foi pensada e planejada.

Sobre a fonte imagética relacionada ao povo surdo, a autora surda Rangel (2004), discorre que seriam importantes a coleta de fotos e a organização de um museu, local onde ficaria registrada a história para que as gerações futuras ouvintes e surdas pudessem admirar, aprender e a conviver com as lutas e as conquistas desse povo. A autora expressa que esta forma de registrar só é imortalizada se alguém a significá-la. Assim sendo, a fotografia por si só, não é suficiente para criar sentidos em quem a vê. A fotografia reproduz ao infinito e só ocorre uma vez.

Visando potencializar as reflexões acerca das representações das pessoas surdas, valorizando os JSPOA e os atores pertencentes a este contexto cultural, foram realizadas, sempre que fosse necessário, buscas textuais nas bases de dados científicos já mencionadas, a fim de aprimorar e atualizar os saberes que compõem as fundamentações teóricas.

A temática foi elencada em capítulos, dividindo os achados. O trabalho de análise de cada dado obtido merece ser reconhecido e continuado, na busca por ampliar o número de pesquisas e de olhares para os estudos sobre as pessoas surdas, valorizando a presença destes em distintas esferas. Com intuito de evidenciar as publicações, apresentadas nos Quadros 02 e 03, foram descritas as produções acadêmicas brasileiras que envolveram a temática dos esportes surdos.

2 PRODUÇÃO ACADÊMICA BRASILEIRA SOBRE ESPORTES SURDOS

Neste capítulo são apresentadas as produções acadêmicas brasileiras que tiveram em seu teor e contexto a temática esportes surdos. Cabe ressaltar que, no início da investigação, foram encontrados apontamentos do pesquisador surdo Di Franco (2019a, p. 21), que em sua tese relatou que, “ao pesquisar em bancos de dados acadêmicos, pouco se encontra sobre o assunto dos esportes surdos e quase nada sobre as surdolimpíadas”. Sua colocação expressa uma lacuna presente nas produções sobre os esportes surdos em teses e dissertações.

Apresenta-se a seguir a conjuntura da produção científica brasileira sobre esporte surdo no Brasil, organizada a partir de uma revisão de literatura. Tais fontes foram elencadas com intuito de valorizar os estudos sobre a temática. Diante do exposto, busca-se contribuir para a área da educação física, apresentando o quanto o assunto dos esportes surdos ainda é pouco explorado, principalmente, quando se partilha do entendimento de que há uma significativa potencialidade na referida temática.

Buscou-se uma construção permanente que, ao mesmo tempo, dialogue com a literatura atual, estabelecendo ligações na busca pela compreensão das “teias” sociais que envolvem as distintas fontes. Torna-se válido registrar que, estas, são intencionais e registram discursos e narrativas. Analisou-se, portanto, os interesses construídos por seus autores, interrogando-os, problematizando-os e valorizando as representações de quem os produziu, com intuito de identificar o que desejavam comunicar a partir de suas produções.

Iniciou-se apresentando as produções de Marco Aurélio Di Franco, que podem ser observadas, de forma geral, no Quadro 2. Foram encontradas quatro produções de sua autoria solo ou em parceria com outros(as) colaboradores(as). Duas produções no Quadro 3 pertencem ao mesmo autor, totalizando seis trabalhos dos doze disponibilizados digitalmente. Em termos de periodicidade, as produções de Di Franco abrangem os anos 2014, 2015 - duas, 2017, 2019 e 2021.

Serão apresentados autores, por ordem cronológica, a iniciar por Di Franco (2014). Este se apresenta, em sua dissertação de mestrado, no prefácio, como pessoa surda, fato que leva a pensar a inserção do ser surdo como autor, escritor e próprio representante de sua história. Em continuidade, descreve a sua trajetória esportiva, inicialmente como surdoatleta amador e, posteriormente, como confederado participante da Seleção Brasileira de Voleibol de Surdos. Revela que permaneceu como jogador até 1998, passando a atuar como técnico da Seleção Feminina e Masculina de Voleibol da Confederação Brasileira de Desportos de Surdos (CBDS) e, atualmente, como Diretor de Voleibol da CBDS.

O problema central da dissertação do autor é apresentado por meio da pergunta: Como foi o processo de fundação da CBDS e de que maneira ela contribuiu para a inclusão e modificação do ambiente social dos surdos? E, para sua afirmação como seres sociais, protagonistas de uma história com o esporte como cenário, sob a visão da Educação Ambiental.

Nas páginas seguintes, o autor traz uma revisão de literatura sobre a educação ambiental à luz da teoria das Três Ecologias, defendida por Guattari (2001), nomeada de social, mental e ambiental. Faz relação entre o povo surdo e as Três Ecologias. Aponta aspectos históricos sobre o movimento que resultou na lei da LIBRAS, cita alguns nomes como: Pedro Ponce de León, idealizador do alfabeto gestual, em 1520 e Charles L'Épée que iniciou o processo de reconhecimento da linguagem gestual e fundou a escola para surdos em Paris. Cita o fato histórico que ocorreu no ano de 1880, em Milão, onde houve a proibição do uso das línguas gestuais na educação de surdos, sendo utilizado o oralismo como meio de ensino.

Outro fato importante citado foi a inauguração em 1956 do Colégio Especial Concórdia (Porto Alegre/RS), que teve, em 1957, reconhecimento como primeira escola de surdos no Brasil. Apresenta um contexto histórico importante para que se conheça parte da história do povo surdo, cita a Federação Nacional de Educação e

Integração dos Deficientes Auditivos (FENEIDA) que surgiu em 1977, inicialmente composta por ouvintes, sendo que, em 1983, a Comissão de Luta pelos Direitos Surdos buscou dar voz ativa aos Surdos na FENEIDA, que criaram em 16 de maio de 1987 um novo estatuto, tendo o seu nome alterado para Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) e a diretoria inteiramente surda após este acontecimento.

Apresenta o tópico que nomeou de narrativas históricas surdas, trazendo informações sobre as associações de surdos que tiveram sua origem no Grêmio Esportivo, do Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), fundado em 1930. Após essa inauguração, muitas outras associações foram fundadas além das Federações Esportivas. O autor cita Sentil Dellatorre, conhecido como fundador da Confederação Brasileira de Desportos de Surdos e Mario Pimentel, primeiro presidente.

Apresenta novos elementos históricos ao dissertar sobre a CBDS, tópico relevante que auxilia na construção dos registros históricos. Aponta que na década de 1950, os surdos viviam uma época de articulações sociais e políticas, fundando associações que serviam de sedes para encontros e práticas esportivas. Getúlio Vargas contribuiu com a criação do Conselho Nacional de Desportos (CND), em 1959, no dia 20 de janeiro. Sentil Dellatorre conseguiu que a Federação Carioca de Surdos e Mudos se tornasse filiada ao Comitê Internacional de Esportes Surdos (CISS). Em 1984 ele convocou uma assembleia fundando a CBDS. Em suas considerações finais, revela que percebe esta produção como a primeira produção científica sobre os esportes surdos no Brasil.

A segunda produção a ser apreciada é a de Di Franco; Paludo; Lebedeff (2015), um artigo em que o autor apresenta alguns elementos já descritos no trabalho anterior, diferenciando-se e apresentando novos fragmentos. O objetivo do estudo foi evidenciar o papel do esporte como ferramenta de socialização e de construção de identidade surda.

No trabalho supracitado, o autor traz a relação surdo e artefatos culturais sob a ótica de Strobel (2008), apresentando que, compreender estas noções torna-se fundamental para a construção identitária dos sujeitos surdos. Revela como o esporte surdo vem sendo organizado e desenvolvido. Seguindo a mesma lógica, apresenta os fatos históricos e datas que já foram citadas na análise anterior. Um

aspecto interessante é o fato de citar que o Grêmio esportivo do INES como responsável por elaborar e adaptar regras de esportes, organizando competições internas em que a maioria dos alunos participam com grande interesse. O autor percebe uma colaboração recíproca e integrada entre eventos esportivos e associações de surdos, tendo em vista que as associações surgiram por causa dos eventos esportivos.

Apresenta a visão de surdez através da ecologia mental, destacando que na história houve um período em que foi defendido o oralismo, momento em que os surdos não eram protagonistas de suas próprias histórias. A luz da ecologia mental, os surdos produziram mudanças e conquistaram rupturas tendo como ponto de partida a sua língua. O que pode ser percebido pelo próprio fato de que o autor é surdo e o mesmo relata e contribui para a construção de registros históricos sobre os surdos. O autor acrescenta que, na década de 1990, século XX, os surdos reivindicam o bilinguismo, afirmando que através da ecologia mental é possível valorizar a construção das identidades surdas, sendo favorecida pelo estímulo à LIBRAS e pela percepção de si mesmo.

Reconhece o esporte como fator de empoderamento social, apresentando um panorama geral e noções sobre o termo esporte que ao longo da história vem sendo praticado com finalidades múltiplas, atualmente inserido nos PCNS e estão nos eventos através de distintas modalidades. O autor afirma que o esporte é um forte incentivador social na atualidade. Valendo-se dos saberes distintos utiliza autores para fundamentar suas colocações. Em 1924, os surdos foram os primeiros grupos de pessoas com surdez a promoverem os Jogos Olímpicos para Surdos na França. Apresenta uma breve diferenciação entre os esportes surdos e os esportes adaptados.

Para o autor, através dos esportes surdos as possibilidades de construção de identidades surdas são empoderadas, especialmente pelo relacionamento com o outro e com o encontro surdo-surdo. Em suas considerações finais, mostra que o esporte surdo é um *lócus* em que se encontra de maneira mais expressiva a autonomia surda. Agrega ainda, que o esporte pode ser visto como rotas de entrada para a vida na comunidade surda.

O terceiro trabalho a ser analisado refere-se ao de Di Franco (2015), intitulado Esportes Surdos na constituição da identidade, trabalho apresentado em congresso.

Traz um resumo da dissertação de mestrado, em uma linguagem simples e de fácil compreensão, apontando elementos da inclusão social do ser surdo e apresenta o esporte como um fator de inclusão.

Para o autor (2015), a comunidade surda caminha no sentido de reconstrução de seu contexto histórico, visto que as frentes de defesa do uso de LIBRAS têm como principal argumento o fato de que a língua unir os surdos e os identificar como comunidade culturalmente definida, da mesma forma como ocorre com comunidades indígenas e de colonizações europeias, por exemplo. As ações surdas, fundamentadas nas manifestações culturais, apesar de sua identidade ou por causa de sua identidade, se traduzem em seus hábitos e suas estratégias de convivência, como em promoções de eventos de surdos, congressos, encontros, campeonatos esportivos, cultos religiosos, cinema surdo, teatro surdo e outros. Finaliza destacando que “é notável a configuração da LIBRAS como dispositivo de produção de subjetividade e de solidificação da cultura surda” (DI FRANCO, 2015, p. 7).

O quarto texto a ser apresentado é a tese de doutorado de Di Franco (2019a). Tal trabalho é referido em outros estudos e sua tese é riquíssima em informações históricas e culturais. O texto é iniciado com a apresentação da noção de Surdolimpíadas (*Deaflympics*), apresentando seu contexto histórico. Apesar de o evento ter tido o seu início em 1920, o Brasil teve a sua primeira participação apenas em 1993. Expressa como o surdo foi construindo a sua história e como estes foram sendo percebidos socialmente. O autor (DI FRANCO, 2019a) traz o seu entendimento de surdez, esporte, identidade surda e comunidade surda, destacando que os surdos não se consideram pessoas com deficiência, mas, pessoas que desenvolvem as suas potencialidades de forma distinta por terem uma cultura visual-gestual.

Em todo o seu texto, o autor apresenta elementos que esclarecem ou ajudam a compreender como os surdos, ou parte deles, se percebem. Os surdos têm um evento próprio, as Surdolimpíadas, conhecidas internacionalmente como *Deaflympics*. Esta também aparece como “Jogos Internacionais para Surdos” ou “Jogos Internacionais Silenciosos”. É um evento esportivo internacional que integra atletas surdos de diversos países, no qual o Brasil é um dos participantes. Apesar disso, ainda é pouco o que se conhece sobre as histórias e memórias dos esportes

surdos no país.

Traz como objetivo central responder a seguinte pergunta: como se constituiu a prática dos Esportes Surdos e a participação brasileira nas Surdolimpíadas, no período de 1993 até 2017? Essa questão central se desdobrou nos seguintes objetivos: a) apresentar um panorama das Surdolimpíadas; b) explicar os percursos dos Esportes Surdos no Brasil; c) delinear a participação brasileira nas Surdolimpíadas. O recorte temporal inicial do estudo demarca a edição das Surdolimpíadas em que os primeiros atletas surdos brasileiros competiram. Por sua vez, o recorte final, representa a possibilidade de alcance temporal da tese, tendo em vista os procedimentos necessários para o seu desenvolvimento e sua conclusão. Para responder ao problema de pesquisa e os objetivos propostos, a tese de Di Franco (2019a) buscou apoiar-se nos referenciais teóricos do campo dos estudos socioculturais.

Vale destacar a emoção que pode ser sentida na escrita do autor: “Enfim, escrever sobre surdez, esporte e as Surdolimpíadas delega sentimento, identidade e principalmente poder sinalizar: sou surdo e participei da história de meu grupo. Sinto-me vivo” (DI FRANCO, 2019a, p. 24). O autor se posiciona, coloca tom na sua escrita e expressa pertencer a essa cultura denominada surda. Cita outros autores para nortear o termo cultura, além de destacar como ele se percebe como sujeito surdo e a sua compreensão de surdez, utilizando os saberes de Stewart (1991). Simplificar e/ou reduzir o que este estudo apresenta, para os pesquisadores de esportes surdos, não traria toda a riqueza presente, pois é repleto de detalhes, informações, datas e um panorama histórico sobre as surdolimpíadas. Por isso, fica a recomendação aos leitores que leiam o material na íntegra.

Algumas informações históricas conversam com as produções anteriores. A participação de atletas surdos em competições sul-americanas foi incrementada na década de 1990. Houve a conquista do primeiro lugar em vários esportes, a saber: voleibol feminino, tênis de mesa, atletismo e futebol masculino. Em maio de 2002 foi realizada a I Olimpíada de Surdos do Brasil, na cidade de Passo Fundo/RS. O estado do Rio Grande do Sul demonstra ser um território fértil de eventos que podem ser realizados por e para surdos.

Ao trazer informações como a que segue, fomenta-se ainda mais a questão lançada no parágrafo anterior. Além dos Jogos Pan-Americanos, dois anos depois, o

Brasil sediou a primeira edição dos Jogos Desportivos Sul-Americano de Surdos. Esse evento foi realizado na cidade de Caxias do Sul, no estado do Rio Grande do Sul, no período de 15 a 23 de novembro de 2014. A competição reuniu atletas surdos de sete países sul-americanos além do Brasil, a saber: Argentina, Chile, Colômbia, Equador, Uruguai e Venezuela. A mesma cidade recebeu, em 2022, as Surdolimpíadas.

Um destaque importante de ser realizado, refere-se a participação oficial de surdo atletas brasileiros nas Surdolimpíadas, que ocorreu a partir da década de 1990, embora o país estivesse filiado à CISS, desde 1965. A primeira vez que o Brasil enviou representantes à Surdolimpíada foi em 1993, na 17ª edição dos jogos de verão, realizada em Sofia, Bulgária. Por intermédio da CBDS, dois surdoatletas brasileiros foram à competição. Na ocasião, dois nadadores, Alexandro Carvalho Grade e Jiovana Cordeiro, disputaram onze provas de natação, sendo que em três ocuparam a quarta posição na classificação geral.

O autor (DI FRANCO, 2019a) valoriza o evento das Surdolimpíadas, relevando que as identidades dos surdos encontram espaço de construção e manifestação nas Surdolimpíadas. Uma evidência no tempo presente que sustenta tal afirmação, são as edições do evento do século XXI, nas quais o Brasil ampliou a participação de surdoatletas e de modalidades disputadas. No ano de 2001, na 19ª edição das Surdolimpíadas de Verão, realizada em Roma, na Itália, foram oito atletas brasileiros para disputar provas de natação, tênis e tênis de mesa.

O autor (DI FRANCO, 2019a) destaca que a sua pesquisa histórica pode ser útil para que as comunidades surdas melhor conheçam os feitos de seus semelhantes surdos e inspirem-se para continuar as lutas por reconhecimento e afirmação social. Ademais, destaca sua produção como um meio de produção e registro de conhecimento sobre sua subjetividade, sua história e sua cultura, assim como intenta a presente dissertação.

Afirma que existem lutas pela prevalência sobre os poderes e os saberes que operam nas sociedades e o palco dessa luta é o meio social como um todo (DI FRANCO, 2019a). Portanto, o esporte se mostra um rico instrumento de socialização e de identidade cultural, na medida em que incentiva a comunicação e a organização política. Esse pode ser um objeto de muitas outras produções acadêmicas que podem valorizar o esporte e elevar o nível cultural dos surdos

brasileiros. Em concordância com o autor, a tese aqui explanada, de fato, tornou-se uma referência histórica e acadêmica, sendo citada em outros trabalhos.

O quinto texto a ser evidenciado, é uma produção de Di Franco, Mazo, Bataglioni e Bochernitsan (2021). Esta foi organizada a partir de elementos levantados na tese de Di Franco (2019a). Esses achados avançam nas discussões adicionando tópicos sobre o ambiente escolar e contribuições das Surdolimpíadas na trajetória do esporte surdo.

Na introdução, os autores apresentam o significado de surdolimpíadas, explicam as instituições que as regem e confederações das quais fazem parte. Relatando que a constituição das histórias acerca dos surdos é atravessada por representações que foram construídas socialmente, em especial, por indivíduos ouvintes, os quais, por muito tempo, atribuíram aos surdos a marca da “incapacidade” (SILVEIRA, 2008). Tais representações preconceituosas começaram a ser desconstruídas a partir dos enfrentamentos e dos movimentos sociais dos surdos que suscitaram a inversão do sujeito incapaz em um sujeito antropológico, passando a promover o seu reconhecimento na sociedade a partir da manifestação de uma cultura própria: a cultura surda.

De acordo com Mesquita (2018, p. 271), um alerta é feito: a universidade precisa “estar disposta a ouvir o surdo e a atender suas necessidades mais específicas”. Estando cientes dessa situação, a autoria ressalta (DI FRANCO; MAZO; BATAGLIONI; BOCHERNITSAN, 2021, p. 88: “a escrita deste texto se constituiu em um desafio, idealizado a partir das memórias silenciadas de um universitário, aluno de pós-graduação e esportista surdo”.

O artigo buscou reconstituir as memórias das delegações brasileiras nas *Deaflympics* (Surdolimpíadas) desde a primeira participação do país no ano de 1993 até a edição de 2017 (DI FRANCO; MAZO; BATAGLIONI; BOCHERNITSAN, 2021). Para tanto, o desenvolvimento do estudo ocorreu por meio da coleta de fontes documentais e de entrevistas com surdoatletas brasileiros. Algumas informações foram obtidas por meio do site da CBDS, tais quais as relacionadas às datas, as cidades sedes das Surdolimpíadas, aos nomes, à quantidade de integrantes das delegações brasileiras, às conquistas de medalhas pelos surdoatletas, bem como documentos oficiais sobre o evento.

Na produção é apresentado um panorama geral das *Deaflympics* (Surdolimpíadas), trazendo informações de nomenclaturas sobre o nome do evento que foi sendo transformado conforme as mudanças sociais e percepções sobre o sujeito surdo. Apresenta datas, composição de delegações, números considerados históricos e demais elementos, situando os surdoatletas e a relação com as surdolimpíadas. Ademais, relatam aspectos vinculados às delegações brasileiras demarcando os nomes de alguns participantes (DI FRANCO; MAZO; BATAGLION; BOCHERNITSAN, 2021).

Trazem, nas considerações finais que, ao investigar as memórias das delegações brasileiras nas Surdolimpíadas, evidenciaram-se as conquistas, dificuldades e lutas que atravessam a constituição do esporte surdo brasileiro. Destacam que o Brasil participou de sete, das 23 edições das Surdolimpíadas. Embora, no período de 1993 a 2017, as delegações brasileiras tenham obtido conquistas em termos do incremento no número de participantes, na quantidade de modalidades disputadas e nas medalhas alcançadas, pouco se observou em termos de reconhecimento e apoio, em especial, de viés governamental. As ações para o desenvolvimento do esporte surdo no país e para a participação brasileira nas Surdolimpíadas ainda parecem depender, basicamente, de iniciativas individuais (DI FRANCO; MAZO; BATAGLION; BOCHERNITSAN, 2021).

Concluem dizendo que, “faz-se imperativo, no meio acadêmico, ampliar as formas de diálogo e escutar os anseios da comunidade surda, de modo a contribuir para que os espaços esportivos, de lazer, dentre outros sejam ocupados de forma mais expressiva pelos surdos” (DI FRANCO; MAZO; BATAGLION; BOCHERNITSAN, 2021, p. 100). Uma vez que conteúdos acerca da cultura surda, incluindo os esportes surdos e as Surdolimpíadas, raramente são oportunizados nas aulas de educação física no ensino básico, a partir da temática aqui abordada motiva-se o olhar da educação física escolar, visando romper com a uniformização e invisibilização que permeia o universo educacional. E, para além da escola, cabe também esse papel aos cursos de graduação do ensino superior.

O sexto e último trabalho do autor Di Franco (2019b) refere-se ao texto apresentado em congresso, intitulado de “Surdolimpíadas: memórias da participação brasileira (1993-2017)”. Em sua introdução apresenta como o surdo vem sendo percebido historicamente. Traz como objetivo principal fazer um registro histórico

dos esportes surdos no país, apresentando aspectos marcantes para a sua consolidação, como observado nos dias atuais. O autor afirma que o esporte é, mesmo sem configuração oficial, um incentivador social de autoestima, de fortalecimento político e de diversão. O esporte, vislumbrado enquanto prática cultural, em cada país, região ou cidade adquire diversos significados que, paulatinamente, se conectam por meio de artefatos e regras globais (DI FRANCO, 2019b).

Acredita que os surdos, através da prática e competições esportivas, adquiriram informações sobre cada comunidade surda, trocaram opiniões sobre questões diversas, além de vivenciarem momentos de socialização e lazer. Não se pode esquecer que, antropologicamente, a identidade de cada surdo depende de suas relações e experiências socioculturais, marcada pela particularidade da utilização da língua de sinais. Além disso, ainda apresenta noções sobre cultura e comunidade (DI FRANCO, 2019b).

O autor (DI FRANCO, 2019b), também destaca as Surdolimpíadas como um evento multidesportivo internacional, organizado para atletas surdos pelo ICSD. O nome do evento resultou da combinação das palavras "surdos" e "olimpíada", aludindo aos Jogos Olímpicos e, talvez por isso, também é referido como "Olimpíadas para surdos". A intenção do idealizador Eugène Rubens-Alcais e de seu colaborador, o jovem surdo belga Antoine Dresse, de realizar um evento esportivo internacional era mostrar que os surdos eram pessoas capazes de praticar esportes e, de tal modo, contribuir para romper com a forma como eram vistos pelos outros.

Di Franco (2019b), ainda apresenta elementos já apresentados em sua tese (DI FRANCO, 2019a), reafirmando, através dos resultados, que o Brasil, mesmo afiliado à CBDS e associado ao CISS, começou sua participação na Surdolimpíadas somente em 1993 e, somente posteriormente, os atletas surdos brasileiros tiveram a oportunidade de participar de competições esportivas internacionais. No que concerne às políticas públicas, ainda são raras as ações para apoiar e subsidiar as pessoas surdas na prática esportiva, inclusive no esporte de alto rendimento. Finaliza concluindo que a prática esportiva para pessoas surdas é abarcada por uma dimensão antropológica e social, pois o esporte é fator constituinte de uma base da comunidade surda, de lutas políticas e de conquistas de seus direitos sociais (DI FRANCO, 2019b).

Na sequência, destaca-se o estudo de Gayer (2018). Em seu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Memórias de um time de futsal de surdos: o esporte como prática de afirmação identitária”, são apresentados, já na “Introdução” informações do IBGE sobre deficiência, além de ser abordado o contexto histórico em que o surdo é visto como deficiente auditivo. Seguindo, passa a apresentar as dificuldades linguísticas e de comunicação da pessoa surda em situações do cotidiano, tal como ir ao médico.

Gayer (2018), discorre que, a partir do desprendimento da ótica biológica e da medicina, passa a surgir um novo prisma acerca do indivíduo surdo, pois, nesse período incorporaram-se ao campo da surdez novos conhecimentos e conceitos provenientes de outras disciplinas, fundamentalmente da linguística, da psicolinguística e da sociolinguística. Ainda, aborda o fracasso do oralismo e uma série de acontecimentos ocorridos, principalmente, na década de 1960, quando foi iniciada uma mudança de percepção da surdez. O sentimento da identidade surda surge do fracasso na oralização dos indivíduos que nascem com essa condição. Sendo assim, o surdo não se denomina deficiente por apenas não ser oralizado. As barreiras da comunicação são quebradas quando o surdo domina a LIBRAS, contudo, os povos surdos ainda enfrentam barreiras em se comunicar com pessoas não fluentes em LIBRAS.

Um aspecto que se difere dos outros textos é a relação com a Educação Física. Gayer (2018) expressa que, no âmbito da Educação Física e dos esportes, locais marcados principalmente pela socialização, pelo contato direto e pelo companheirismo, ficam mais evidentes algumas questões acerca das manifestações do indivíduo. O esporte tem papel fundamental na construção do caráter, da ética, da moral e do sentimento de pertencimento a um ou demais grupos. Para o autor (2018), o futsal, em especial, é um grande fomentador de tais questões, principalmente por se tratar de um esporte coletivo com papéis específicos, no qual o individual e o coletivo atuam de forma a objetivar um sucesso posterior.

O seu estudo objetivou “ressaltar as interações que o esporte faz na vida social do surdo, evidenciando o papel do esporte (dentro do sentido de comunidade surda) como ferramenta social, registrando as memórias de um grupo de homens surdos praticantes de futsal amador” (GAYER, 2018, p. 11). O autor (2018), apresenta que há uma escassez de produções científicas em português que

abordam o esporte, a deficiência auditiva e suas relações. Contudo, o conhecimento sobre o ser surdo vem se ampliando cada vez mais, sendo a LIBRAS tema da redação do ENEM do ano de 2017. Além disso, observa-se certo aumento de reportagens de divulgação acerca desses indivíduos, especialmente em razão de o aprofundamento no conhecimento acerca desta comunidade gerar mais questionamentos, reflexões e novas respostas.

No tópico que o autor (2018, p. 14) intitula “A pessoa Surda e a Prática Esportiva”, inicia apresentando a visão clínica-patológica de surdez, a fim de descrever as noções de surdez através dos estudos socioculturais. Apresenta a forma de se comunicar da pessoa surda, a LIBRAS, e apresenta noções de cultura e identidade. No que tange ao esporte na cultura surda, o autor cita Di Franco (2015), reafirmando que Di Franco é referência no que concerne aos estudos sobre surdos e esportes no Brasil.

Para Gayer (2018), o esporte caminha em conjunto com os avanços sociais do povo surdo, tanto para assegurar seus direitos como cidadãos participantes de uma sociedade comum, quanto para firmar-se como uma comunidade, com sua própria identidade e características, que especifica suas realidades e possibilidades. O futsal, nesta perspectiva, torna-se uma modalidade acessível e com alta aceitabilidade desse grupo de indivíduos, sendo visto como uma forma de socializar e construir uma identidade na comunidade, integrando e reconhecendo a todos. O texto, em sua continuidade, apresenta como foram oficializados os jogos surdos e relata fatos sobre as surdolimpíadas. O esporte acaba sendo de notável valor para a comunidade surda no que se refere à identidade surda e também para a população geral, incluindo os ouvintes, afinal, é necessário que se possa refletir que os surdos podem e, em sua maioria, conseguem ter autonomia de viver uma vida comum, como qualquer outro cidadão que seja ouvinte (GAYER, 2018).

Apresenta em sua metodologia um estudo qualitativo, no qual foram coletadas informações de cinco surdos, sendo duas mulheres e dois homens, com idades entre 28 e 38 anos, praticantes de futsal na Igreja Batista Conde, com diferentes aspectos para, assim, se ter a visão dos surdos com diferentes opiniões e interesses. A coleta de informações deu-se através de entrevistas, perguntas semiestruturadas, abertas a novos questionamentos, transcrição e análise de dados. Traz informações históricas, tais como o fato de o Brasil ter sido palco do 1º Jogo

Desportivo Sul-Americano de Surdos, realizado em Caxias do Sul/RS, no ano de 2014.

Gayer (2018) ainda traz um tópico de suma importância: a identificação com a surdez. O sentimento surdo vai além das características biológicas do indivíduo. Esse sentimento permeia muito mais uma característica cultural, em que o ser surdo, usuário de LIBRAS, é constituído por simbologias próprias da cultura surda. Apresenta falas de seus entrevistados que destacam como preferem ser chamados e identificados como surdos.

Nas considerações finais da investigação destaca que, no que se refere ao esporte, sobretudo o futsal, não se constrói uma identidade por si só. Porém, a modalidade auxilia a comunidade a alavancar sua identidade através da socialização promovida por ela, criando a oportunidade da comunidade surda de trocar experiências, criar novos laços e vínculos tornando-se, assim, uma das formas de ingresso para a comunidade surda. No que tange ao esporte surdo como parte de uma identidade, este torna-se uma peça essencial para a motivação tanto no ingresso quanto na participação em competições, sejam estas nacionais ou internacionais, pois, segundo Gayer (2018), é ali onde as necessidades são preenchidas e as aspirações tornam-se mais palpáveis.

Finaliza afirmando que o indivíduo surdo, em geral, não apresenta dificuldades para a realização da prática esportiva, mesmo havendo a necessidade de adaptações. Principalmente em relação à sinalização do jogo, o surdo é plenamente capaz de jogar até mesmo com ouvintes. Conclui registrando que se faz necessário maiores investigações acerca do esporte dentro da comunidade surda, tanto para levantamento histórico da mesma, quanto para maiores compreensões deste grupo (GAYER, 2018).

A próxima análise a ser realizada é a produção de Santos, Branco e Gandolpho (2019). Na introdução apresenta o projeto “Velejando por um mundo melhor”, destacando um aluno surdo que o pai buscava inclusão e lazer para o filho. Segundo a autoria (2019), foi este aspecto que motivou a escrita da produção. Deste modo, são apresentadas questões históricas do clube, relatando ser a primeira flotilha e trajetória da técnica. Na sequência, há uma breve contextualização do desporto surdo. Destaca ainda, questões de organização, confederações, comitês e

a forma como os surdos devem ser nomeados, a saber: não são nomeados “atletas” ou “paraatletas”, mas surdoatletas (CBDS, 2019).

Apesar de toda uma história olímpica e mundial bem-sucedida, a vela esportiva brasileira apresenta-se como um esporte praticado, majoritariamente, pelas elites, devido ao custo para aquisição de seus materiais básicos, como o barco, a vela, a manutenção desses itens em garagem náutica e a instrução especializada para o aprendizado e treinos. O artigo de Santos, Branco e Gandolpho (2019) objetiva apresentar os benefícios que a prática esportiva pode proporcionar e as especificidades da prática do esporte vela.

Os autores (2019) trazem um breve resumo sobre o esporte adaptado para pessoas com deficiência motora. Assim como os demais textos até aqui apresentados, os quais revelam que os esportes surdos não são esportes adaptados, mas esportes com adaptações, a autoria também apresenta a vela para surdos como necessitando apenas de adaptações linguísticas. O desenvolvimento do trabalho narrado deu-se em parceria com o INES e PUC/Rio.

A produção, por tratar-se de um projeto, evidencia algumas propostas, a saber: i) implementar um novo método de ensino através de movimentos de bandeiras e, ii) a criação de sinais que se tornem referência para o esporte. Explicam, ainda, que o projeto proposto deveria ser constituído por quatro etapas. As duas primeiras já foram citadas. A terceira, seriam iii) aulas práticas e teóricas e, iv) elaboração de um guia de ensino oficial de vela com glossário bilíngue. O livro contará com a descrição da história do INES.

Santos, Branco e Gandolpho (2019) apresentam, como resultados, a necessidade de haver a observação de um conjunto de habilidades iniciais de cada criança, para que, a partir disso, pudesse ser realizado um trabalho, cujo objetivo final fosse o aprendizado da vela. Além disso, finaliza relatando que as maiores limitações ou barreiras que os surdos enfrentam para conhecerem e praticarem plenamente os esportes são de trato cultural, materializadas na carência e até mesmo ausência de referências bibliográficas que dão significado aos termos técnicos dos esportes, nesse caso, a vela, bem como a capacitação técnica de professores, instrutores e treinadores para o ensino ou o treino dos esportes pretendidos em LIBRAS.

O estudo de Emiliavaca, Guireli e Weschenfelder (2019), buscou apresentar um projeto de futsal entre a Associação dos Surdos de Passo Fundo/RS e o projeto de Extensão da Universidade de Passo Fundo, Polo Regional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, e esclarecer como o esporte é importante para a vida das pessoas com deficiência. Em sua introdução, apresenta à UPF e o Projeto de Extensão desenvolvido em parceria com a Associação de Surdos de Passo Fundo (ASPF). O projeto visa desenvolver atividades físicas, culturais e de lazer junto a ASPF, voltado à prática da modalidade Futsal. De modo específico, apresenta a ASPF, fundada em 1990, por um grupo de surdos com o objetivo de proporcionar à comunidade surda um espaço de integração por meio de viagens, prática de esportes e lazer, além de ser também um espaço de encontros onde se faz o uso da língua brasileira de sinais, superando o isolamento linguístico, proporcionando a troca de informações e confraternizações entre os associados (EMILIAVACA; GUIRELI; WESCHENFELDER, 2019).

Apresenta fundamentação teórica sobre o esporte. Para os autores (2019), é notória a importância do esporte para a sociedade, pois é a partir deste que é possível o ser humano se desenvolver como cidadão na interação entre as pessoas, inclusive pessoas surdas. Ainda, apresenta elementos importantíssimos sobre o fato de o esporte ser algo que transcende a hegemonia do alto rendimento, deixando de ser algo exclusivamente de “mercado” e passando a ser, também, um elemento de promoção à saúde, valores educacionais, inclusão social e diversão. A estratégia da implementação ocorre através de treinos que são planejados a partir do nível de desenvolvimento da equipe nos aspectos físicos, táticos e técnicos, bem como a utilização de materiais didáticos pedagógicos como o uso de vídeos, imagens, bandeiras e desenhos para que os jogadores compreendam as atividades a serem desenvolvidas e se tornem sujeitos do processo de formação da equipe.

Evidencia-se que a ASPF é filiada à Federação Desportiva de Surdos do Rio Grande do Sul e Confederação Brasileira de Desportos de Surdos. Assim, sempre que ocorrem jogos ou campeonatos ligados a estas entidades, a equipe de futsal participa. Destes campeonatos, a equipe participa mais assiduamente do campeonato de futsal da Federação Desportivas de Surdos do Rio Grande do Sul. O campeonato consiste em 5 etapas em que a equipe que conquistar mais etapas é a campeã anual.

Como análise e apresentação dos resultados, os autores (2019) destacam que a ASPF é uma das poucas associações de surdos que participa dos campeonatos com o auxílio de uma Instituição de Ensino Superior, sendo que a mesma disponibiliza local para treinos e recursos humanos para atuar junto à associação. Ademais, concluem que após todas as interferências positivas, a equipe apresentou melhora no rendimento e isso possibilitou uma classificação histórica para a Copa Brasil de Futsal de Surdos em 2017. Juntamente com essa vaga, surgiram novas experiências marcantes, que possibilitaram o crescimento da comunidade surda de Passo Fundo/RS.

Rocha (2018) em sua investigação intitulada “Comunicação para e com os surdos: análise da cobertura da Surdolimpíadas”, objetivou analisar como é feita a cobertura do referido evento esportivo, por voluntários, na página do *Facebook* da CBDS. A pesquisa também trouxe uma reflexão sobre a comunicação inclusiva e discutiu a relevância do evento para a comunidade surda e para sociedade como um todo. A análise foi realizada com base no método da Análise de Conteúdo para o estudo das postagens divulgadas na página da CBDS.

A autora (2018) apontou um olhar sobre a surdez em seu contexto histórico, o qual é visto como deficiente inicialmente, passando a ser percebido como sujeito social, posteriormente. Apresenta o contexto histórico que, diante de uma necessidade do povo surdo, foram criadas as associações. A partir dessas, foram desenvolvidos os campeonatos esportivos para a comunidade surda. Assim, além de resistência, o esporte tornou-se um meio de inclusão, pois é nele que esse grupo mostra suas identidades e valoriza suas diferenças. Afirma ainda que, além da inclusão social, a prática esportiva promove benefícios como o bem-estar, proporcionando satisfação ao indivíduo. A falta de visibilidade e conhecimento sobre o esporte surdo faz com que esses sujeitos tenham muitas dificuldades para realizar essa prática (ROCHA, 2018).

A autora (2018), ainda aponta o projeto realizado em uma disciplina da sua graduação, que culminou no *site* “Esporte Surdo”⁵. A página eletrônica, traz uma proposta alegre, com cores vibrantes e informações que permitem uma aproximação com a temática do Esporte Surdo. Na referida investigação (2018), objetivou compreender como é produzida a cobertura feita por voluntários do evento,

⁵ Endereço eletrônico: <https://surdoatletas.wixsite.com/esportesurdo>

analisando materiais da página do *Facebook* e do endereço eletrônico oficial da CBDS. Desse modo, a questão que conduziu a pesquisa foi: como é a cobertura jornalística da Surdolimpíadas realizada por voluntários e veiculada na página do *Facebook* da CBDS?

Assim, o trabalho foi realizado a partir de análises midiáticas e de materiais que proporcionaram um melhor entendimento acerca do universo surdo no desporto. O estudo justificou-se, dessa maneira, pela necessidade de melhor compreensão sobre a comunidade surda, sua cultura e formas de inclusão na sociedade. Tais aspectos devem ser discutidos sob múltiplos olhares, dentre eles, o da apropriação dos surdos de redes sociais como o *Facebook*.

A autora (2018, p. 15) apresenta no tópico “Surdos: história e formas de comunicação”, que o ensino dos surdos só começou a ser praticado em 1855, quando Francez Huet lançou os fundamentos do atual Instituto Nacional de Surdos e Mudos. Antes dessa data, não havia nenhum material referente ao ensino surdo no país, nem mesmo estudos isolados. De acordo com a série histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos (2013, p.8), a iniciativa começou individualmente, mas contou com o apoio e a proteção do Imperador Pedro II.

O texto conta a história do povo surdo, como surgiram as primeiras associações, fala sobre a visão oralista de perceber o surdo como deficiente, após a comunicação total e o bilinguismo. Em busca de uma integração, entende-se que são necessários programas que contemplem o acesso do surdo a práticas sociais e esportivas. Por outro lado, também é preciso considerar o esporte um elo fundamental entre os surdos, pois a participação em eventos e campeonatos vai além do desenvolvimento físico: a comunicação é essencial para consolidar sua identidade (ROCHA, 2018).

Rocha (2018), também apresenta um panorama sobre as redes sociais e traça uma relação da apropriação desta, pela comunidade surda, sobretudo de *sites* e redes sociais, como o *Facebook*. Estes, também são utilizados como ferramentas de divulgação das ações esportivas e formas de comunicação e produção de sentido sobre a Surdolimpíadas. Partindo dessa ideia, a CBDS passou a utilizar a página para divulgação e cobertura completa de jogos.

Sobre a comunicação para e com os surdos, revela que o *Facebook* também possibilita à comunidade surda criar grupos como forma de interação e discussão.

Segundo pesquisa realizada por Oliveira e Almeida (2017), essa opção foi a mais utilizada pelos surdos para compartilhar e discutir sobre sua cultura, contribuindo também para uma socialização com pessoas de outros lugares do mundo.

Desta forma, vale destacar que os surdos são privilegiados por terem a oportunidade de aprenderem tanto a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), quanto a Língua Oral Escrita e serem biculturais. Sacks (1990, p. 352) acredita na capacidade dessa comunidade de aprender mais de duas línguas e outras culturas, enriquecendo o intelectual. A autora apresenta o trabalho de interpretação da imagem, a interpretação verbal, a relação com a cultura, o social, o histórico, enfim, com a formação social dos sujeitos.

O trabalho de Rocha (2018), neste sentido, buscou analisar como foi feita a cobertura de jogos e eventos da Surdolimpíadas a partir da análise do conteúdo de três postagens produzidas por voluntários e veiculados na página do *Facebook* da CBDS. Além disso, realizou um levantamento de informações com pessoas que participaram do evento esportivo, bem como com a própria CBDS. No tópico 3, por sua vez, apresenta as Surdolimpíadas. Neste tópico, traz informações do *site* oficial.

Para a autora (2018), a prática esportiva proporciona o desenvolvimento da própria língua (LIBRAS) podendo haver uma interação das culturas do Brasil com outros países. Segundo Quadros e Massutti (2007), as festas, os jogos e os encontros nacionais foram e continuam sendo formas para propiciar a interação social e o desenvolvimento da língua surda.

O debate sobre inclusão e direitos é cada vez mais real, por isso, a visibilidade do esporte surdo é uma maneira de colocar em pauta o tema e a sua importância. “A noção de realidade que o jornalismo esportivo carrega nos tempos atuais torna a cobertura esportiva tão brilhante quanto qualquer outra no jornalismo. O ponto chave é que, muitas vezes, tal cobertura exige mais do que noção de realidade” (COELHO, 2015, p.22).

Ao analisar a página da CBDS, no *Facebook*, onde ocorreu a divulgação das Surdolimpíadas (*Deaflympics*), a autora (2018) observou que esta é pouco tratada entre os grandes veículos de comunicação tradicional. A última competição aconteceu no ano de 2017, em Samsun, na Turquia, e a CBDS encarregou-se de fazer toda a cobertura do evento divulgando os resultados dos atletas brasileiros.

Ainda, a página divulga postagens diárias de eventos, jogos e vídeos (perfis, relatos, campeonatos, etc.) para a comunidade surda e outros.

Para a sua análise foram selecionados três materiais distintos, sendo eles: dois vídeos e uma postagem com foto. Também, para sustentar a análise, foi feita uma entrevista com um surdoatleta, Matheus Rocha da Costa, que compete na modalidade badminton, pela seleção brasileira, além de uma troca *de e-mails* com a CBDS para mais informações sobre a Surdolimpíadas.

A autora (2018) segue sua análise do vídeo de abertura, descrevendo que pode se observar que o conteúdo não é totalmente acessível à comunidade surda, pois o vídeo tem áudio e não tem nenhum intérprete fazendo a tradução para os usuários surdos. Isso levanta a discussão se a página é realmente acessível. Além disso, a *hashtag* #SomosTodosSurdolímpicos traz um discurso de inclusão, mas se contradiz com o restante da publicação que não tem essa acessibilidade. A postagem também dispõe de pouca informação no texto introdutório, dificultando a interação da comunidade com o conteúdo.

Para a análise da foto do medalhista, revela que também não podemos deixar de pensar na questão da acessibilidade, pois a publicação deveria ter agregado, novamente, um vídeo com um intérprete fazendo uma leitura da foto. O texto introdutório da postagem também é bem curto o que pode dificultar a leitura do surdo, não sendo suficiente para se comunicar com os mesmos.

Por fim, traz o último material analisado: um vídeo do dia 12 de dezembro de 2017, produzido para a seleção de novos voluntários da CBDS. O material tem 8 minutos e 25 segundos de duração e mostra uma mulher vestida com a camiseta do Brasil com as logomarcas da Confederação em um ambiente neutro para que não haja uma dispersão do telespectador. O vídeo também conta com um texto introdutório, sendo ele: “Publicamos este vídeo para as pessoas fluentes em LIBRAS interessadas em participar da seleção de voluntários para atuar na equipe de comunicação da CBDS, a partir de 2018”. Também, se notou que o vídeo não tem som ambiente e na publicação tem um *link* de acesso a outra página, em que aparece o mesmo vídeo acompanhado da tradução em português, no formato de texto, para aqueles internautas que não são fluentes na Língua Brasileira de Sinais e queiram entender do que se trata o conteúdo.

Em outro tópico relevante, intitulado “Surdolimpíadas na opinião de quem participa”, a autora (2018, p. 35) destaca que em outros países a Surdolimpíadas é tratada como um evento de grande proporção e divulgada em todos os veículos de comunicação, principalmente na TV. Além disso, o surdoatleta espera que um dia a competição tenha uma propagação tão boa no país quanto lá fora, não só as Olimpíadas dos Surdos, como todos os outros eventos esportivos organizados pela CBDS, pois, infelizmente, os amistosos e campeonatos ainda dependem de redes sociais para se propagarem. Finaliza a narrativa dizendo que os próprios surdoatletas têm esperança de uma melhor divulgação do seu trabalho e esforço e que as próprias mídias deveriam expressar maior interesse nesses conteúdos. De acordo com o surdoatleta Matheus Rocha, depois que se aprende o esporte ele se torna sua vida e ele não saberia mais viver sem o desporto.

Nas considerações finais, Rocha (2018) evidencia que a pesquisa se baseou em um estudo aprofundado sobre a história da comunidade surda e sobre a cobertura das Surdolimpíadas. Com base nisso, pode-se notar diversas falhas na comunicação e também falhas de acessibilidade. Contudo, é importante reforçar que mesmo que a comunidade surda utilize *sites* e redes sociais para divulgação, ainda há uma grande barreira a ser vencida entre os surdos e a sociedade como um todo.

Neste caso, o *Facebook* da CBDS, não está cumprindo sua função com sucesso, pois, as postagens de fotos e vídeos podem deixar de ser entendidas facilmente por falta de acessibilidade, tais como a falta de vídeos acompanhando as publicações, pois, mesmo que o conteúdo esteja acompanhado de textos introdutórios, deve-se lembrar que os surdos têm uma vasta dificuldade com a Língua Portuguesa. Conclui-se que o meio jornalístico ainda tem buracos que precisam ser preenchidos com dedicação, deve ser mais ativo e humano envolvendo pessoas com deficiência no geral e fazendo com que a informação se propague para todos (ROCHA, 2018).

Neste momento, focaliza-se na produção de Emiliavaca (2020), intitulada: “Análise establiométrica de atletas de futsal ouvintes e surdos”. O autor (2020), inicia suas colocações tratando das pessoas com deficiência, caracterizando os surdos como pessoas com *déficits*, valorizando a atividade física e fazendo associações com a qualidade de vida. Utiliza a escala de *Borg* como uma forma de

avaliar o indivíduo. Expressa que o surdo necessita de inclusão, trazendo estudos que reforçam o surdo como possuidor de *déficits* em relação ao equilíbrio.

Apresenta, como sendo seu objetivo, diagnosticar a diferença entre o equilíbrio estático e dinâmico e o centro de gravidade de atletas de futsal não ouvintes e ouvintes amadores. Como problema de pesquisa, registrou: Pessoas surdas, congênitas ou com deficiência auditiva que realizam atividade física moderada apresentam parâmetros de centro de gravidade e de equilíbrio estático e dinâmico semelhante as pessoas ouvintes? Quanto ao objetivo geral buscou-se comparar as medidas establiométricas entre atletas de futsal não ouvintes congênitos ou com deficiência auditiva e ouvintes amadores (EMILIAVACA, 2020).

Em sua revisão da literatura, contempla os termos envelhecimento, atividade física para pessoas com deficiência, equilíbrio e baropodometria. Os demais elementos não são apresentados e aparecem como acesso restrito, sendo eles resultado, discussão e conclusão. Apresenta, apenas, as considerações finais, onde evidencia que se faz necessário retornar os achados aos participantes, o que a pandemia impossibilitou de assim fazê-lo limitando a publicação na íntegra de seus achados e que pensa no futuro divulgar.

O último texto a ser analisado será de Ferreira (2021). Em sua dissertação objetivou conhecer e analisar os efeitos do movimento esportivo surdo na produção de modos de vida surda na contemporaneidade. A partir das lentes teóricas dos campos dos Estudos Culturais e dos Estudos Surdos, de uma vertente pós-estruturalista em educação, a pesquisa aproximou-se de uma abordagem de cunho etnográfico-participativo para produção e análise das materialidades, sendo elencadas, a partir delas, as seguintes ferramentas conceituais: Sujeito (Michel Foucault), Discurso (Michel Foucault) e Representação (Stuart Hall).

A materialidade produzida gerou um conjunto de dados coletados por meio do exercício de observação simples participante, registradas em um diário de campo e por questionário *online* realizado com líderes surdos representantes do movimento esportivo surdo. Durante o fazer da pesquisa, a autora (2021) percebeu a possibilidade de se narrar os sujeitos surdos para além das questões escolares ou acadêmicas, realizando um deslocamento do contexto escolar para a vida social surda. A autora iniciou se apresentando, contando como foi o percurso até chegar a pesquisa.

No interior dos caminhos metodológicos, a autora relata que, após participar das parolimpíadas e, ao retomar as atividades profissionais na escola de surdos foi interpelada pelos alunos: “Por que os surdos não participam da Paralimpíada?” Ao pesquisar para responder-lhes, descobriu que existe olimpíada somente para pessoas surdas, denominada Surdolimpíada. A partir desse contexto, planejou uma aula sob a temática: Diferenças/Particularidades entre Paralimpíada e Surdolimpíada. Os fatos e contextos apresentados pela a autora (2021) muito contribuem para a compreensão histórica dos esportes surdos. Vale ressaltar que a autora também cita estudos de Di Franco, por muitas vezes em sua produção.

A autora se posiciona, utilizando referenciais diversos, como Bondía (2002, p. 21) quando ressalta que “é experiência aquilo que ‘nos passa’, aquilo que toca ou aquilo que acontece”, e, ao passar, forma e transforma. Nesse sentido, ao ser afetada pelas produções do grupo de pesquisa em que participava e pelas leituras dos Estudos Culturais, a autora passou a compreender a constituição do sujeito surdo deslocada de um olhar clínico-terapêutico, para um olhar que abandona a noção de sujeito como uma entidade já dada, ou seja, uma entidade natural, pré-existente ao mundo social, político, cultural e econômico (VEIGA-NETO, 2003). Esses deslocamentos e o encontro com outras leituras mobilizou a construção da sua problemática de estudo para pensar como o movimento esportivo surdo produz e potencializa práticas culturais que constituem modos de vida surda na contemporaneidade.

Como *lócus* de sua pesquisa registra que a surdez é entendida como um traço identitário de um grupo de sujeitos que têm, na língua de sinais, sua principal marca linguística e cultural (FERREIRA, 2021). A articulação entre os estudos culturais e os estudos surdos possibilita pensar a cultura surda e analisar seus artefatos. Os estudos surdos surgiram a partir da necessidade de outros olhares sobre a surdez e os surdos, tal campo de investigação abre inúmeras possibilidades de pensar como os sujeitos surdos vêm produzindo e compartilhando os modos de ser surdo no cenário contemporâneo. Assim, temas como cultura surda, identidade, língua de sinais, povo surdo, subjetividade surda, história cultural surda, arte surda, intérprete de língua de sinais e o trabalho para surdos vêm compondo um território amplo e vasto de pesquisa no campo da educação de surdos (FERREIRA, 2021).

Reafirma, como problema para o seu estudo, pensar como o movimento esportivo surdo produz e potencializa práticas culturais que constituem modos de vida surda na contemporaneidade. Os objetivos propostos para a reflexão foram os seguintes: 1. Conhecer a história do movimento esportivo surdo como elemento constituidor de modos de vida surda contemporânea e; 2. Analisar os efeitos do movimento esportivo na produção de modos de vida surda na contemporaneidade. Como título do seu tópico dois, destaca: "O que estamos produzindo na articulação entre esportes, educação de surdos e práticas culturais". Para tanto, revela que ao realizar o levantamento das produções que articularam os temas: "esportes", "educação de surdos" e "práticas culturais", possibilita constatar a afirmação de Marco Aurélio Rocha Di Franco no que tange às poucas pesquisas relacionadas com essa temática.

Ferreira (2021), ainda expressa que no segundo semestre de 2019, meses antes da sua banca de qualificação, entrou em contato com a dissertação esportes surdos na constituição do ser social: o resgate histórico sob a perspectiva da educação ambiental, aqui já abordado. A autora apresentou um resumo do texto do autor supracitado, o que não iremos aprofundar. Ainda, destaca que em dezembro de 2019 foi contemplada com a tese de Marco Aurélio Rocha Di Franco e a partir da leitura, passou a entender a surdez a partir do lugar socioantropológico, que acredita que os surdos constituem um grupo minoritário, de sujeitos visuais, constituídos historicamente, cultural e linguisticamente, emergindo, assim, o conceito de cultura surda, que tem como um dos principais artefatos a Língua de Sinais.

Com sua entrada no campo dos estudos culturais e dos estudos surdos na perspectiva pós-estruturalista e as experiências como professora de educação física em uma escola de surdos, foi possível perceber e se inquietar com discursos e práticas discursivas que centralizam esses sujeitos apenas em alguns elementos do fator linguístico. Ainda, registra que, embora seja uma profissional de Educação Física, com atuação tanto no contexto escolar, como também nos contextos sociais, de lazer/recreação e entender/defender que o sujeito surdo não se constitui apenas pelo fator linguístico, direcionou seu olhar para o corpo desses sujeitos não somente em um corpo biológico, composto por músculos, ossos e tendões, mas como sujeitos socioantropológicos. Afirma, ainda, que em sua pesquisa se propôs ao

exercício de olhar a prática esportiva de forma mais ampla, como um elemento cultural e social consumido pela comunidade surda (FERREIRA, 2021).

A autora (2021), percebeu que, para alargar esse olhar acerca das práticas esportivas no cenário das comunidades surdas é preciso que sejam viabilizados espaços de encontro entre surdos-surdos, dentre os quais destacou o “vôlei” que acontece no Farrezão, nas segundas-feiras, o “Futsal” que acontece aos sábados também no mesmo local promovidos pela Associação de Surdos da cidade de Santa Maria/RS, além do “Grupo de Ciclismo”, composto por surdos e ouvintes, realizado pela Fort Bike Shop nas quartas-feiras. A coleta de dados para a pesquisa se deu, principalmente, a partir de dois instrumentos: observação participante (registro dos diários de campo) e questionário *online* com líderes esportistas surdos.

Seu trabalho é riquíssimo e apresenta relatos de suas observações. Em seu texto apresenta relatos, cita exemplos, sendo uma leitura muito prazerosa que remete ao ambiente citado, aproximando o leitor de sua pesquisa, sendo de fácil compreensão. Foram escolhidos apenas alguns trechos para serem exemplificados.

O tópico seguinte, intitulado “As recorrências analíticas”, expressa que há uma força potente nos encontros esportivos surdos-surdos que possibilitam aos participantes construir uma identidade coletiva, sendo resultado da afirmação do valor da língua de sinais para a vida das pessoas surdas, ou seja, há uma necessidade dos sujeitos surdos de estarem com seus pares para manutenção da sua língua. Para autora (2021), outro elemento importante que se desprende dessas recorrências é a ideia de que as práticas esportivas se alinham ao movimento surdo a partir da relação do esporte como um artefato cultural. Desse modo, ela entende que o movimento esportivo surdo está relacionado mais à prática cultural do que à Educação Física adaptada, no sentido da superação. No campo da educação de surdos, o esporte assume um lugar de prática cultural que produz efeitos no modo da vida surda contemporânea (FERREIRA, 2021).

O tópico 3 apresenta o movimento surdo e suas articulações com o esporte. Evidencia um recorte das condições históricas nas quais emerge o movimento surdo, suas bandeiras de lutas, como também a articulação com os esportes. De acordo com Mottez (1989 apud BENVENUTO; SÉGUILLON, 2016), o ano de 1834 foi considerado um marco da história surda. Essa data marca o nascimento da nação surda, bem como o início do culto ao Abade de l'Épée. Esses dois

acontecimentos caminham lado a lado. Sua filiação é evidente, mas indireta. O movimento surdo não iniciou com o culto ao Abade de l'Épée. A nação surda-muda nasceu como reação à ameaça de extinção do ensino das línguas de sinais, iniciado pelo Abade no século XVIII, que representava um grande legado dos surdos, por reconhecer a existência da língua dos sujeitos surdos.

A autora afirma que os acontecimentos contribuíram para a mudança na história da educação dos surdos, visto que, eles deixam os bancos da escola e se tornam não somente profissionais de seu próprio ensino, mas também atores políticos. O ensino da fala articulada passou a ser realizado somente por profissionais ouvintes, restringindo a função dos professores surdos ao cargo de simples repetidores. Para além da questão estritamente pedagógica, a introdução de uma orientação oralista marcou um movimento que desencadeou a resistência dos surdos.

Em continuidade, a autora (2021) relata que em 1834, 122 anos após o nascimento de Abade de l'Épée e época do declínio de sua obra, Ferdinand Berthier, professor surdo da Instituição de Paris, juntamente com alguns de seus colegas surdos, como Alphonse Lenoir e Claudius Forestier, resolvem criar um Comitê de surdos-mudos. A primeira decisão deste comitê, na sessão de 15 de novembro de 1834, foi organizar banquetes anuais para celebrar o nascimento do “pai dos surdos-mudos” – evento único que foi uma grande revolução para o povo surdo-mudo. Não se trata de uma ideia inovadora, mas os banquetes do século XIX, além de reforçarem o laço social é também, inclusive, desde a Grécia Antiga um tipo de atividade política de que dispõem os cidadãos (ROBERT, 2010 apud BENVENUTO; SÉGUILLON, 2016).

Outro fator relevante em seu texto é que os surdos, intencionando romper com representações e estereótipos produzidos na antiguidade e na Idade Média, assumiram, a partir do século XIX, sua posição no âmbito público e político. A língua de sinais, abolida dos espaços educacionais, devido à ideologia oralista, manteve-se em outros espaços nos quais os surdos se agrupavam para viver o seu dia a dia, conseqüentemente, surgem as atividades relacionadas ao lazer. Desta maneira, surgem os reagrupamentos cidadãos, artísticos, esportivos e profissionais surdos. Em vista disso, o esporte torna-se a nova bandeira do movimento surdo aliançado à luta pelo reconhecimento da língua de sinais, denominado movimento esportivo

silencioso, na primeira metade do século XX (BENVENUTO; SÉGUILLON, 2016). Após a breve apresentação histórica dos acontecimentos que contribuíram para a emergência do movimento surdo, apresenta-se na sequência um recorte da trajetória na luta por seus direitos fundamentais no Brasil.

Para a autora (2021), no que tange a tais necessidades, além da garantia e reconhecimento da LIBRAS como língua própria da comunidade surda brasileira, estava presente na pauta o item “Associação e Esporte”, que teve por objetivo destacar o papel das associações de surdos no fortalecimento político e cultural da comunidade surda, bem como promover a importância da prática de diferentes modalidades esportivas pelos surdos (DE BRITO; NEVES; XAVIER, 2013).

Após um longo percurso de mobilizações e lutas do movimento surdo denominado no século XVIII como “Banquetes dos surdos-mudos”, destaca o reconhecimento e a oficialização da LIBRAS no Brasil pela Lei 10.436/2002 (BRASIL, 2022) e sua regulamentação pelo Decreto 5626/2005 (BRASIL, 2005). Nesses documentos, os sujeitos surdos passam a ser reconhecidos como membros de uma comunidade linguística, com direito ao acesso e uso da língua de sinais e uma educação nessa língua. Entretanto, o movimento surdo continuou na luta para a garantia de direito de uso dessa língua em diferentes contextos sociais. A autora finaliza o tópico relatando datas, eventos e leis.

Passa a narrar o esporte como elemento aglutinador dos sujeitos surdos e considera ser importante ampliar as reflexões acerca do potencial do esporte para a cultura surda (FERREIRA, 2021). Citando Santin (2001, p. 74), a autora destaca que “as práticas esportivas constituem, hoje, um sistema sociocultural construído como parte da cultura do movimento humano enquanto fator decisivo no processo de socialização do ser humano”. O esporte torna-se potente para qualificar uma cultura humana e, dentro dessa cultura, está a cultura surda, e esta tem o direito de se apropriar de todos ou outros âmbitos de cultura, inclusive da cultura esportiva.

Em continuidade, considera a importância das associações de surdos para fortalecer os vínculos entre os pares surdos, bem como assegurar seu direito e contribuir para a preservação da língua de sinais da identidade cultural surda e, conseqüentemente, fomentar a luta pelos direitos dos surdos. No contexto brasileiro, duas grandes potentes organizações se ocupam de integrar os surdos, lutar pelos direitos culturais, educacionais, linguísticos e políticos: a FENEIS, fundada no dia 16

de maio de 1987, e a Confederação Brasileira de Surdos (CDS), ambas entidades filantrópicas e sem fins lucrativos (MONTEIRO, 2006).

Para a autora, deve-se sempre lembrar que o esporte é uma ótima ferramenta que reúne todos, inclusive surdos, em qualquer lugar do mundo (FERREIRA, 2021). De maneira geral, o esporte surdo fez a comunidade surda crescer ao longo do ano e de ter a oportunidade de lutar pelo direito igual. Ela acredita até hoje, que há muito tempo o esporte fez a comunidade surda crescer pois a união dos surdos através do esporte fez partirem para outras oportunidades como a luta dos direitos no mercado de trabalho, da importância de acessibilidade, nos respeitos, na educação, na diversidade de valorização cultural e outros. Além disso, como é de conhecimento geral, o esporte reúne pessoas de qualquer mundo, de qualquer raça, gênero, religião, etc. A autora (2021) aborda, ainda, outros elementos, tais como a comunidade surda e cultura surda.

Seguindo com o fenômeno esportivo, Ferreira (2021) percebe, tanto na literatura, como, também, na materialidade produzida para sua pesquisa, que o fenômeno esportivo sofreu algumas transformações no interior das associações de surdos, visto que emerge a partir do aspecto “Associacionista” denominado Esporte-Participação, referenciado com o princípio do prazer, do lúdico, tendo como finalidade o bem-estar social dos seus participantes, desencadeado pelo culto ao Abade l’Epèe e, transformando-se para o aspecto competitivo, ou seja, esporte-performance ou de rendimento (TUBINO, 2011).

Em entrevista, o presidente da associação de surdos de Santa Maria/RS afirma que ocorreram mudanças da concepção do esporte de alto rendimento para a concepção do esporte como lazer em sua narrativa. O esporte centra o surdo na sua história e mostra a importância dessa prática para a formação de sua comunidade. Conforme apresentado por Di Franco (2019a), o esporte surdo não nasce numa concepção de cultura da saúde, cuidado com o corpo, mas sim num contexto antropológico, de autonomia e legitimidade de uma comunidade emergente.

Ferreira (2021), assim, percebe que existem potencialidades do movimento esportivo surdo por meio das práticas culturais. Destinando um capítulo a esta temática, comunica que tem a intenção de apresentar os efeitos do movimento esportivo surdo na produção de modos de vida surda na contemporaneidade e trata de um exercício analítico que foca na categoria de análise denominada “movimento

surdo esportivo como prática cultural associada a formas de vida surdas afastadas da lógica da superação e da deficiência”, afirmando seu posicionamento do modo de perceber o sujeito surdo.

Evidencia, nesse movimento, um deslocamento das representações acerca dos sujeitos surdos enquanto anormais, deficientes e incapazes, para um espaço de representação de empoderamento cultural (FERREIRA, 2021). Percebe que esse deslocamento produz efeitos na vida dos sujeitos surdos, seja na conquista de espaços sociais em igualdade com os sujeitos ouvintes/comunidade ouvinte e na possibilidade de espaços outros de encontros surdos-surdos e de empoderamento da cultura surda para além do espaço escolar. Sugere que as práticas esportivas desenvolvidas junto das instituições escolares potencializaram a mobilização do movimento surdo na luta por reconhecimento do esporte surdo em outras instâncias. Citando Valter Bracht (2005), compreende que esporte se desenvolveu junto às instituições escolares no processo de modernização dos séculos XIX e XX.

Ferreira (2021) ainda afirma que a comunidade surda acompanhou o desenvolvimento da sociedade, porém, ficou marginalizada devido à falta de políticas linguísticas que reconhecessem tais especificidades. Por outro lado, compreende que foram justamente as práticas esportivas que possibilitaram a ampliação das mobilizações coletivas dos sujeitos surdos. Assim, esses sujeitos empreendem-se nas atividades esportivas, inicialmente, em seu aspecto associacionista e, posteriormente, expandindo-se por meio do movimento olímpico.

Cabe salientar que, para além de apresentar a Surdolimpíada como uma questão de inclusão social, a seção seguinte intenciona mostrar, por meio desse evento esportivo, o deslocamento das representações acerca dos sujeitos surdos, em especial, a noção do empoderamento cultural e linguístico e o afastamento da ideia de um sujeito esportista surdo incapaz e deficiente. Para refletir os efeitos que a Surdolimpíada produz nos modos de vida surda contemporânea, traz o termo *Deafhood* “raízes surdas”. Para Quadros e Sutton Spense (2006, p. 114 apud DALLAN, 2013, p. 101), esse conceito representa “o processo através do qual uma pessoa descobre e desenvolve uma identidade surda, como um membro de uma comunidade coletiva visual”. Para elas, ao contrário dos estereótipos sobre os sujeitos surdos, as raízes surdas envolvem um processo ativo.

Diante das literaturas, percebe a potência da *Deaflympic* ou Surdolimpíada como um lugar para a produção de raízes surdas por meio do esporte com o objetivo de deslocarem-se da condição de oprimidos para a condição de ser cultural, recriando um novo território discursivo, novas narrativas para outras representações sobre os sujeitos surdos, distanciadas da “surdez” e do audismo como expressão do colonialismo ouvinte, referindo-se a um novo “termo” para refutar a “surdez” e também uma arma simbólica de combate e de resistência (FERNANDES; TERCEIRO, 2019). Finaliza o tópico entendendo que as narrativas apresentadas permitem inferir que a Surdolimpíada constitui um elemento de resistência surda às práticas de normalização imposta pelos modelos de deficiência, no entanto, faz-se necessário a emergência da visibilidade (FERREIRA, 2021).

Em suas considerações finais, apresenta os resultados da pesquisa de mestrado que teve a intenção de conhecer e analisar a história do movimento esportivo surdo, bem como analisar os efeitos do movimento esportivo surdo na produção de modos de vida surda na contemporaneidade. Para responder a esses objetivos, elegeu o campo dos estudos culturais e dos estudos surdos como lentes teóricas para a análise empreendida (FERREIRA, 2021).

Em consonância com Di Franco (2019a), percebeu as poucas pesquisas que articulam o campo da Educação Física, especificamente em relação aos esportes e os Estudos Surdos, ou seja, poucas pesquisas pensam/problematizam os sujeitos surdos para além das questões linguísticas, centradas em como os sujeitos surdos aprendem, isto é, temáticas articuladas com o bilinguismo e oralismo. Contudo, conforme sua percepção, sua pesquisa não teve como objetivo apresentar, de maneira cronológica e linear, os registros da “História dos Esportes Surdos no Brasil”, mas, sim, recortes que se tornaram importantes para ajudar na compreensão dos efeitos do movimento esportivo surdo na vida dos sujeitos surdos na contemporaneidade.

Para Ferreira (2021), o conceito “movimento esportivo surdo” é potente para romper com representações construídas sobre os surdos articuladas ao esporte, de modo que permitam compreender os deslocamentos das representações de sujeitos com deficiência para sujeitos como cultura, língua e identidade. Nesse sentido, toma a escrita de seu trabalho como uma abertura para múltiplas leituras e infinitas

possibilidades de produção de novos textos. Aqui, nesta produção, buscar-se-á dar continuidade a esta abertura.

A partir da apresentação do cenário das produções científicas brasileiras, alocadas em bases de dados brasileiras, percebeu-se que distintos autores corroboram com o fato de haver uma escassez de produções que tragam em sua temática o esporte para pessoas surdas. Outro fator relevante, foi identificar que um pesquisador surdo ampliou este universo. Notoriamente, o maior número de produções é de Di Franco (2014, 2015, 2015, 2019a, 2019b, 2021), sendo referência para demais trabalhos produzidos.

As produções mencionadas fazem um esforço constante de tentar deslocar a pessoa surda do lugar de deficiente físico, trazendo, em sua maioria, uma visão cultural de valorização da cultura surda. Esta pode ser representada em diferentes esferas. Neste particular, no presente estudo, o esporte se torna um marcador constituinte de uma identidade surda. Historicamente, os surdos não se sentiam representados. Nota-se uma mudança na maneira de registrar parte da historiografia surda, à medida que os surdos passam a narrar as suas histórias e trajetórias.

Dentre os achados, foi possível identificar que estudos vêm sendo desenvolvidos sobre a temática dos esportes surdos e Surdolimpíadas. Diferentes modalidades, tais como o futsal e a vela, também foram objetos de pesquisas, entretanto, a temática dos jogos escolares para estudantes surdos não foi identificada em produções no Brasil e nem em âmbito internacional. Visto o que se tem produzido na literatura sobre o universo surdo, passaremos a aspectos referentes aos JSPOA e os cenários das escolas participantes.

3 JSPOA E OS CENÁRIOS DAS ESCOLAS PARTICIPANTES

Neste tópico, buscou-se abordar quais são as escolas que estiveram

presentes nos JSPOA. Tendo em vista as distintas edições foram descritas algumas ações promovidas por estas instituições e a organização do evento, a fim de melhor adequarem as competições ao perfil dos participantes. A perspectiva apresentada e o modo de perceber os sujeitos surdos, auxiliará na compreensão dos jogos aqui expostos. Percebe-se a surdez como a condição do indivíduo que está inserido na cultura surda, que se expressa através de uma linguagem própria e que vivencia o esporte ou qualquer outra expressão social, como uma maneira de ser e/ou estar no mundo.

Compreende-se os JSPOA como uma prática cultural esportiva, uma forma de expressão da cultura surda no esporte que permite abordar a temática compreendendo suas particularidades. Além dos interesses e percepções dos envolvidos na realização dos JSPOA, estes que serviram de caminho para a compreensão do contexto social dos praticantes e sua representatividade aqui discutido.

Destaca-se a representatividade inerente aos esportes e práticas esportivas a partir de Almeida (2010) que, em sua produção, refere-se aos jogos indígenas e aqui é ajustado o seu pensar à realidade discutida. Sendo assim, ao valorizar a cultura e as representações sociais, este compreende os participantes dos jogos escolares surdos como sujeitos sociais que estão imersos em uma dinâmica cultural da qual faz parte um conjunto de representações. Destarte, as ações dos indivíduos devem ser analisadas conforme o contexto e as representações sociais e simbólicas em que estão presentes.

Di Franco (2019a) ressalta que as identidades dos surdos encontram espaço de construção e manifestação nas diferentes práticas esportivas, compreendendo também que tanto no Brasil como no mundo, o esporte sempre foi um movimento social que tinha em suas entrelinhas a conquista de espaço e o reconhecimento da capacidade dos surdos. O pesquisador valoriza a pesquisa da qual envolve o contexto histórico e, segundo ele, seu estudo pode ser útil para que “as comunidades surdas conheçam melhor os feitos de seus semelhantes surdos e inspirem-se para continuar as lutas por reconhecimento e afirmação social, bem como para produzir mais conhecimento sobre sua subjetividade, sua história e sua cultura” (DI FRANCO, 2019a, p. 100).

A percepção pela qual o autor se expressa é o que motiva a realizar

produções como esta. Se os estudos apresentados tiverem visibilidade, um maior número de pessoas poderá ter acesso às informações, podendo até mesmo ocorrer a identificação com as produções acadêmicas, aproximando esses universos muitas vezes distanciados. Do mesmo modo, corrobora-se a Di Franco (2019a), posto que, para o autor, o esporte é visto como um instrumento de valorização de uma identidade surda, que pode contribuir de diferentes maneiras para a construção dessa identidade.

Aqui, busca-se apresentar novos estímulos aos leitores. Para além de uma reflexão, ressalta-se a valorização da cultura surda através das potencialidades dos atores surdos, o surdo atleta e os estudantes surdos, que são considerados indivíduos centrais nesta narrativa. Pesavento (2008) expressa que a história já atravessou as fronteiras do pensamento e é crucial para os historiadores a reflexão sobre o tempo - do não visto e do não experimentado. Ele deve ser recuperado pela força do pensamento, apoiado pela busca de registros do que se passou e na sua organização e composição decifrável e coerente para os leitores. Com tal intuito busca-se recuperar os registros, organizando-os e os apresentando.

Os jogos aqui explorados foram estruturados para que estudantes surdos competissem entre si, do mesmo modo que as Surdolimpíadas são estruturadas para que surdoatletas participem. O mesmo apontamento é levantado quando se fala da temática dos Esportes Surdos, especialmente quando nos referimos ao motivo de os surdos não competirem nos Jogos Olímpicos ou nos Jogos Paralímpicos. Nesta direção, ressalta-se que os surdoatletas possuem a sua própria competição, em âmbito nacional e internacional e, por isso, não participam das supracitadas competições, visto que se consideram pertencentes à cultura surda e não se percebem como pessoas com deficiência. Os surdos que valorizam esta maneira de se colocarem no mundo entendem que possuem habilidades específicas e que precisam apenas de adaptações em determinados esportes, não se definindo como deficientes auditivos, mas pessoas surdas.

Di Franco (2014) revela o que os surdos pensam sobre a inclusão na educação. O autor (2014) utiliza diferentes estudos para fundamentar e valorizar a escola para surdos como um local de produção e de compartilhamento da cultura (um marcador cultural). Isso, relacionado ao ensino de crianças, quando o surdo já frequentou o ensino fundamental dentro de uma escola que reafirme a cultura surda,

acredita-se que esta já tem bagagem para frequentar escolas que tenham intérpretes, pois se comunica em LIBRAS. Aponta a relação de inclusão social fora da educação que, através da Lei de cotas propiciou que os surdos adentrassem ao mercado de trabalho. Acrescenta a esta a Lei de LIBRAS, que facilitou a entrada de surdos graduados como professores de LIBRAS em cursos de Licenciaturas. Portanto, os surdos encontram espaços em diferentes ambientes.

No ambiente das competições escolares, é possível encontrar diferentes identidades surdas, mas, a aqui mencionada, como a comunidade surda, povo surdo, que se identifica diferenciando-se de deficiente auditivo, luta por uma escola especializada para surdos, luta por competições exclusivas para surdos que valorizem a cultura surda. Portanto, existe uma competição própria para surdos, fruto de lutas pela aceitação da pessoa surda e sua cultura e não apenas a inclusão destes indivíduos em um ambiente de ouvinte ou um espaço dedicado às pessoas com deficiência.

Para além de incluir, busca-se o posicionamento de respeito pelas identidades surdas nesta produção. Em reportagem para o Diário Gaúcho, Brito (2019, p. s/p) destaca: “Incluir, integrar e estimular a prática esportiva”. Estes são os grandes objetivos de alunos, professores e profissionais envolvidos na 17ª edição dos Jogos dos Estudantes Surdos de Porto Alegre, edição com as disputas individuais na Escola Superior de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS. Assim sendo, reconhece-se que existe um esforço para que haja a inclusão e a integração dos surdos ao universo esportivo, conforme mencionado no trecho da reportagem. No entanto, para que ocorra efetivamente a inclusão, a integração e o estímulo à prática esportiva, algumas ações são necessárias.

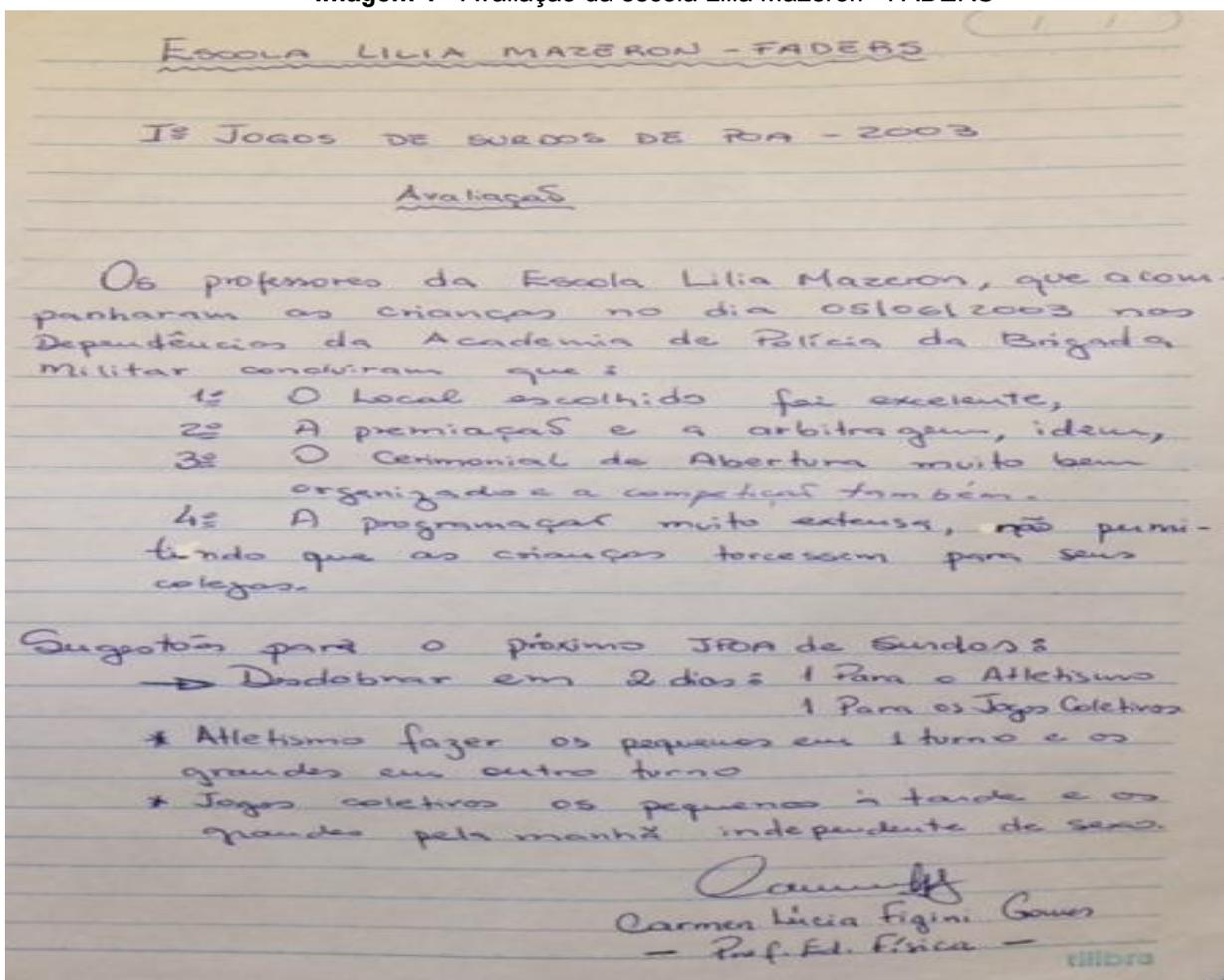
A inclusão aqui mencionada refere-se ao surdo no esporte, não em um ambiente de ouvinte, mas a inclusão em eventos esportivos feitos de surdos e para surdos. No decorrer das etapas de cada jogo, isto nas distintas edições, por vezes ocorreram imprevistos. Ao consultar avaliações, súmulas e anotações do professor Eli, foram encontrados alguns ajustes necessários após a primeira edição do evento esportivo, realizado em 2003, para que ocorresse de maneira efetiva os objetivos desejados e relatados na reportagem de Brito. Em fala, durante uma roda de conversa *online* promovida pelo CEME (2021), Eli revelou fatos que ocorreram durante o primeiro evento:

Notadamente que, quando chegou mais ou menos no final da tarde, já se notou que não daria tempo para terminar todas aquelas competições. As escolas começaram a ir embora, porque, era gente que tinha vindo com escolas de Canoas, de escolas de Gravataí, escolas de Esteio, de Novo Hamburgo, que era o município que ficava mais longe de Porto Alegre. Então, pegar a BR era muito complicado. Na avaliação que fizemos na outra semana, corrigimos esses nossos erros e a competição, então, ficou sendo em dois momentos, um momento do atletismo e na outra semana em outro dia, os jogos coletivos com diversas categorias (CEME, 2021, p. s/p).

Foram necessários ajustes após a vivência desse primeiro dia de competição. Tal situação só foi identificada através das avaliações feitas pelos professores. Deste modo, se tornou imprescindível reestruturar os jogos a fim de que os estudantes não ficassem exaustos e com fome. Eli, ao dar continuidade ao seu relato, evidenciou que as escolas traziam seus lanches, pois as competições não paravam ao meio dia e que havia a necessidade de finalizar os jogos às 15 horas. Este cronograma previa tempo hábil para os estudantes se deslocarem e retornarem até as suas cidades e escolas.

Para melhor ilustrar como os professores avaliaram o evento, a imagem 1, apresentada na sequência, traz uma apreciação crítica do evento. O documento, à princípio, apresenta a escola que está realizando a avaliação, sendo assinada ao final por uma professora de Educação Física que tece elogios ao se referir à escolha do local, passando a apontar no tópico quatro que a competição foi extensa, destacando que os competidores não conseguiam assistir seus colegas.

Imagem 1 - Avaliação da escola Lilia Mazon - FADERS



Fonte: Acervo pessoal de Eli.

#PraCegoVer: imagem retirada do acervo pessoal de Eli. Está em escrita manual, com caneta esferográfica de tinta azul. O conteúdo é a avaliação que os professores fizeram do evento no ano de 2003. Contem vinte linhas e consta a assinatura de Carmen Lúcia Fignini Gomes, professora de Educação Física.

Ao detalhar a avaliação apresentada na imagem 1, datada de 2003, sendo esta uma avaliação que se refere ao primeiro JSPOA, é possível identificar que foram essenciais as sugestões dos professores, em especial o fator mencionado em que sugerem que o evento possa acontecer em dois dias e turnos distintos. Tais registros permitem mudanças quando necessárias e a manutenção dos JSPOA, pois a participação ativa das escolas nas avaliações é que viabiliza as melhores condições de se realizarem os jogos.

Vale destacar uma das escolas participantes dos jogos, pois, conforme observado no quadro 4, nota-se duas reportagens divulgadas pela prefeitura de

Canoas. A primeira, datada de 2005, sob o título: “Escola Vitória garante classificação nos Jogos de Estudantes Surdos de POA” e, a segunda, datada de 2018, traz a informação: “EMEF Vitória participa de jogos esportivos em Porto Alegre”. Pode-se perceber que, duas prefeituras procuram divulgar o evento em seus *sites* oficiais, a citar a prefeitura de Porto Alegre a qual é a cidade sede do evento e a prefeitura de Canoas. Não foram identificados registros nos demais municípios participantes. Ressalta-se que é notório um esforço por parte das prefeituras destas duas cidades em manterem atualizadas as conquistas de suas equipes ou mesmo divulgar o evento. Tais reportagem trazem visibilidade e valorização dos JSPOA.

Foi selecionada uma reportagem que foi divulgada pela Prefeitura de Canoas/RS, no *youtube*⁶, elaborada para o programa Rio Grande no ar, que forneceu as informações sobre a participação de Larissa Costa (2018):

Me sinto muito feliz porque, antigamente, os surdos não tinham esses campeonatos de futebol e tudo mais, os surdos fizeram toda uma luta, uma batalha até conseguir ter a chance de participar desses campeonatos. Então, para mim, é muita emoção, porque o surdo tem sim esse momento e a gente agradece muito o lugar, a organização do campeonato e tudo. A gente fica muito feliz (COSTA, 2018).

Imagem 2 - Reportagem do Rio Grande no ar, com Larissa Costa.



⁶ A saber: EMEF Bilíngue para Surdos Vitória nos Jogos dos Estudantes Surdos de Porto Alegre

Fonte: Record TV RS

#PraCegoVer: imagem retirada da reportagem realizada pelo Rio Grande no ar. Aparece a intérprete de LIBRAS, no canto esquerdo, esta está de costas, com um microfone posicionado em sua direção. Este está sendo segurado pela repórter na qual aparece somente a sua mão e parte de seu braço. Posicionada à direita da imagem, em frente a intérprete, está a estudante Larissa, a mesma está sinalizando algo com as mãos posicionadas à frente de seu corpo na altura dos ombros.

Ao ler a expressão “antigamente”, mencionada pela estudante, pode-se questionar sobre o período ao qual ela se refere. Informações mais precisas poderiam ser obtidas com a atleta por meio de uma entrevista. Na continuidade de sua fala à reportagem, é possível extrair elementos riquíssimos, os quais a estudante menciona como uma luta das pessoas surdas, visto que, ao longo da história foram muitas as adversidades vencidas e as conquistas das pessoas surdas, tais como leis e direitos sociais.

Uma fala da estudante fica para reflexão: o trecho em que destaca uma luta específica, alicerçada em um discurso voltado ao fomento relativo à participação dos estudantes surdos em campeonatos esportivos. Esse excerto tocou a autora do presente estudo durante o processo de análise e, ao mesmo tempo, a fez pensar sobre o fato de estar trazendo contribuições à bibliografia da área Educação Física, principalmente ao considerar o “lugar”, a representação de quem fala.

De acordo com Thomé (2019), as escolas participantes dos JSPOA, inicialmente foram: Escola Especial ULBRA Concórdia (POA), Escola Especial para Surdos Frei Pacífico (POA), Escola Estadual para Surdos Professora Lilia Mazon (POA), Escola Estadual de Ensino Fundamental Mane Garrincha (POA), EMEF - Escola Municipal de Ensino Fundamental Darcy Berbigier (Guaíba), Escola Estadual Especial Padre Reus (Esteio), EMEF Bilíngue para Surdos Vitória (Canoas) e Escola Estadual Especial Keli Meise Machado (Novo Hamburgo). Posteriormente, o Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire (CMET) - (POA) e EMEF De Surdos Bilíngue Salomão Watnick (POA) também passaram a participar. Na imagem abaixo apresenta-se a ficha cadastral das escolas citadas acima, com anotações feitas pelo professor Eli no documento.

Imagem 4 - Ficha cadastral da Prefeitura de Porto Alegre.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE
 Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer
 1º JSPOA (Jogos de Surdos de POA)

Escola: Munic. Ens. Fundam. de Surdos Vitória *Benito Mathuan Velloso*
 Endereço: Rua Casapova 400 - Canoas
 Fone: 4720397 Fax: 4682365
 E-mail: - CEP 92330290
 Diretor(a): Mary
 Prof. de Ed. Física: _____ Celular: _____

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE
 Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer
 1º JSPOA (Jogos de Surdos de POA)

Escola: UNIDADE DE ENSINO ESPECIAL CONCEIÇÃO
 Endereço: AV. DR. SOFIA SIMPLICIO ALVES DE OLIVEIRA, 600
 Fone: (051) 33412039 Fax: (051) 33412039
 E-mail: ULDAESP@GMAIL.COM CEP 91260360
 Diretor(a): ANGELA
 Prof. de Ed. Física: VANDERLEI R. PINHEIRO Celular: 99034582

PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE
 Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer
 1º JSPOA (Jogos de Surdos de POA)

Escola: Estadual Especial Padre Reis (Este. d)
 Endereço: Rua Santana, 235
 Fone: 473-18-63 Fax: 4533799 (PROF. ZENAIDE)
 E-mail: - CEP 93285000
 Diretor(a): Marcos Aurelio Souza
 Prof. de Ed. Física: Ilca Stock de Silva Celular: 96-949872

Fonte: Acervo pessoal Eli.

#PraCegoVer: imagem retirada do acervo pessoal de Eli. Apresenta três fichas cadastrais, cada uma com seis linhas, contendo o título: Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Traz, em escrita digitada, o nome da escola, endereço, fone, e-mail, diretor(a) e professor(a) de Educação Física. Ao lado, linhas para o preenchimento que está descrito com escrita manual, com letras e tonalidades de tinta de caneta esferográfica distintas.

Conforme mencionou Eli, na Roda de Conversa promovida pelo CEME (2021), ocorreram desistências, por parte de algumas escolas. Porém, não foram mencionados os motivos que as fizeram deixar de participar. As escolas que interromperam a participação nos jogos foram: Escola Estadual de Ensino Fundamental Mane Garrincha (POA), Escola Municipal de Ensino Fundamental Darcy Berbigier (Guaíba) e Centro Municipal de Educação dos Trabalhadores Paulo Freire (CMET) - (POA). Não se sabe ao certo os motivos pelos quais tais escolas

desistiram, mas, destaca-se que são necessárias ações diversas para que um evento que envolvam estudantes surdos aconteça.

Em matéria produzida pelo Visual (2016), o repórter menciona:

Mas, aqui, a coisa não funciona no grito, porque todos os jogadores são surdos. Quando o jogo começa é a linguagem do corpo que vale, em vez do apito, os árbitros usam lenço vermelho amarrado no pulso (conforme imagem 6) e o treinador se desespera na beira da quadra para passar instruções.

Fala do treinador ouvinte:

É difícil porque é no visual. É através da LIBRAS que eles têm que visualizar o professor, mas, o interesse para eles é claro! É o jogo! Então, às vezes, a gente quer passar alguma instrução e demora! Até chamar atenção no visual para passar instruções, dá uma angústia.

Imagem 5 - Reportagem da TV Brasil/Visual



Fonte: VISUAL, 2016.

#PraCegoVer1: imagem retirada da reportagem feita pela Visual. Há dois quadros na imagem da tela da televisão. No primeiro, está o intérprete sinalizando com as mãos: uma em configuração de S e outra com o punho fechado. No segundo quadro, tem uma pessoa com uma bola, um colete amarelo e um apito, posicionado à frente de crianças que parecem estar à beira da quadra.

Nota-se, portanto, nas falas acima representadas, que são necessárias

adaptações quanto à forma de dialogar durante uma partida. Como os estudantes são surdos, os gritos são inúteis, entretanto, estes, por vezes, acontecem por parte dos treinadores e de crianças ouvintes, que acompanham na beira da quadra. Quando se fala em linguagem do corpo, pensa-se nas muitas possibilidades de expressão corporal e de gestos possíveis de se fazer durante uma partida. Aqui pode-se citar a própria linguagem de sinais mencionada pelo treinador ou é possível estabelecer combinações prévias de gestos, com intuito de que os surdoatletas e seu técnico possam utilizar durante a partida, lembrando algo que foi treinado.

É possível notar as adaptações através da reportagem de Panorama (2019), por meio da narração de uma das provas: “Não tem sinal sonoro, mas tem Bandeira para dar a largada, nas provas de revezamento do atletismo”. A fim de ilustrar o momento exato em que esta frase é falada, abaixo, destaca-se uma imagem que foi “printada” no momento em que uma das colaboradoras do evento, uniformizada, levanta uma bandeira vermelha para o alto, sinalizando a largada.

Imagem 6 - Reportagem Panorama



Fonte: Imagens de JK Marinho.

#PraCegoVer: imagem retirada da reportagem Panorama, printada no momento exato em que uma das colaboradoras do evento está levantando uma

bandeira na cor vermelha com uma das mãos. Esta encontra-se com um colete verde e um boné preto, com a outra mão apoiada em suas costas.

Conforme se observa na imagem 6, alterações são realizadas a fim de contemplar os surdos. Sobre as adaptações, Di Franco (2019a) explica:

Não há esportes adaptados para os atletas surdos. Todavia, nas competições, ocorrem adaptações como a substituição da sinalização auditiva por sinais visuais. Outro exemplo de adequação diz respeito ao árbitro, que ao invés de soprar um apito, usa uma bandeira vermelha (DI FRANCO, 2019a, p. 53).

Para além das adaptações, a fim de melhor aproveitamento, destaca-se que as reportagens aqui apresentadas foram produzidas por repórteres comuns, que já faziam parte da equipe de reportagem de suas emissoras, sendo que, ao entrevistarem as pessoas surdas, eram auxiliados por intérpretes de LIBRAS. Considera-se um avanço que as Surdolimpíadas tenham contratado os irmãos do canal visurdos⁷ para serem os repórteres oficiais do evento. Sendo assim, os surdos foram representados pelos irmãos Andrei Borges e Tainá Borges, que se comunicam em LIBRAS e Sinais Internacionais (GESTUNO). Estes apresentavam legendas em suas reportagens em português e inglês. Obviamente, por serem eventos distintos e com magnitudes diferentes, um refere-se a um evento Internacional e outro a um evento local, mas, quando se observa surdos sendo representados por surdos na mídia, fica mais acessível a identificação.

Aborda-se aqui que assuntos como as Surdolimpíadas marcam momentos históricos e podem servir de porta de entrada para apresentar aos estudantes, em geral, o assunto dos esportes para as pessoas surdas. Considera-se que estes eventos (Surdolimpíadas e JSPOA), são um avanço no que se refere à visibilidade da temática e, do mesmo modo, almeja-se que esse estudo possa servir de incentivo aos estudantes surdos, para que leiam sobre os esportes ou participem de competições locais como as abordadas aqui.

Outro destaque que envolve a participação dos estudantes na contribuição do evento é a idealização do boneco que simboliza os jogos. A mascote tem o nome de Olímpio e foi confeccionado através de desenhos criados por alunos surdos, em 2005. Estes alunos haviam participado da terceira edição dos jogos, enviando suas

⁷ Endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/channel/UCYHZ8ghF1p0ev8i6TWcmiYg>

produções a SME. A comissão de professores da Secretaria escolheu a “ideia” da aluna Marilene de Mello, da Escola Especial para Surdos Frei Pacífico,⁸ sendo confeccionado, na época, pela estagiária de Educação Física Fernanda M.

Imagem 7 - Divulgação Prefeitura de Porto Alegre (PMPA)



Fonte: Acervo pessoal de Henrique Hainvenreber

#PraCegoVer: imagem retirada do *site* da prefeitura. Em destaque, à frente, duas estudantes seguram o banner do evento, que contém a descrição JSPOA, o logo da prefeitura e a mascote ao centro da imagem. A mascote está de braços abertos sinalizando em LIBRAS com a mão direita eu te amo, na mão esquerda segura a tocha acesa. Ao fundo muitas pessoas dispostas aleatoriamente.

Para melhor ilustrar, foi selecionada a imagem 7, em que é possível observar a sigla JSPOA distribuída nos cinco anéis olímpicos desenhados na camiseta que representa a mascote. Em uma das mãos ele está segurando a tocha e com a outra está sinalizando “eu te amo”. A aluna Marilene, por ter sido a autora do desenho escolhido pela SME, posteriormente foi contemplada com uma medalha.

Quando se reflete sobre as mudanças pelas quais as escolas e a sociedade como um todo vão passando, observa-se que elas se reconfiguram conforme os

⁸ Endereço eletrônico: <http://www.freipacifico.org.br/>

novos arranjos sociais que podem ser percebidos por meio de políticas públicas de acessibilidade ao esporte. Assim sendo, o que vem sendo produzido e estruturado nesses contextos, relativos à temática dos esportes para pessoas surdas, pode ser abordado também como assunto nas aulas de Educação Física.

Ressalta-se que, um dos fatores que viabilizou e agregou ao esporte para as pessoas surdas, em especial aos sul-rio-grandenses, foi que as Surdolimpíadas foram realizadas no estado, mesmo que se tenha observado pouca divulgação, se comparado a outros grandes eventos esportivos. No ano de 2022, durante as Surdolimpíadas 2021, destacaram-se algumas reportagens que foram veiculadas pelo jornal local de Caxias do Sul/RS, Pioneiro⁹, o qual dedicou, no mínimo, duas semanas seguidas de conteúdo voltado ao evento. Acredita-se que tais acontecimentos podem servir de ponto de partida para se pensar mais ações que envolvam a comunidade surda e, em especial, estudantes surdos no esporte.

As reportagens que aqui foram escolhidas para serem apresentadas, foram selecionadas a fim de responder ao problema de pesquisa e visando compreender quais são as escolas que estiveram presentes nos JSPOA, além de identificar as ações promovidas por estas, objetivando a participação dos estudantes. Porém, se faz necessário atenção quanto ao discurso dos meios de comunicação. A forma como os surdos são nomeados, representados, quais assuntos são abordados nas distintas matérias já publicadas, como os surdos são fotografados e qual legenda traz a reportagem. Estas, são algumas questões que se pode identificar e analisar, sobretudo, quando se cruza as informações com estudos anteriores a esse e que, por sua vez, apresentam uma leitura crítica do que é exposto quando se trata da comunidade surda. Corroborando a este entendimento, o estudo de Silveira (2008) apresenta uma análise deste universo, a partir de diferentes fontes:

Particularmente, faço uma coleta de notícias sobre surdos nas revistas, jornais e outros meios de divulgação já há alguns anos. Com esse acervo, posso observar uma grande diferença do tom das notícias, desde alguns anos atrás até o momento atual, certamente relacionada à grande mudança ocorrida na Educação de Surdos. (SILVEIRA, 2008, p. 174).

Ao eleger como uma das fontes a serem utilizadas as reportagens e as imagens, foram necessários um olhar cauteloso e o confronto com outras fontes. Busca-se aqui apresentar as escolas participantes, valorizar e destacar estudantes

⁹ Endereço eletrônico: <http://pioneiro.rbsdirect.com.br/rs/>

participantes das distintas edições. Em um momento inicial, projetou-se coletar fontes diretamente no evento, porém, como já mencionado, os JSPOA foram suspensos durante os dois anos de desenvolvimento desta pesquisa, retornando quando a pesquisadora já estava em fase final de sua escrita, limitando assim a conversa direta e a possibilidade de entrevistar os estudantes e demais participantes. Um fator positivo é a disponibilidade de matérias na *internet*. Considera-se que novas análises e diálogos poderiam surgir a partir da participação presencial e do contato direto, especialmente por intermédio de novas entrevistas.

4 JSPOA: MUDANÇAS AO LONGO DAS EDIÇÕES DO EVENTO (2003 A 2019)

Este capítulo trata de apresentar as mudanças ao longo das edições do evento, de 2003 a 2019, dando forma e caracterizando os JSPOA. Ao analisar os documentos apresentados pelo professor Eli, as reportagens e todo o material aqui exposto em quadros, percebeu-se que algumas alterações foram feitas no decorrer das distintas edições. Notou-se, de outra forma, que houve a manutenção de alguns elementos, configurando-se como continuidades, dando formato e estruturando os jogos.

Para início, aponta-se as nomenclaturas utilizadas para definirem os JSPOA, seja pelo professor idealizador, pela prefeitura ou escolas. O histórico apresentado pelo idealizador à prefeitura de Porto Alegre, foi fornecido por *e-mail* e traz em seu título: “Histórico das Olimpíadas dos Alunos Surdos de Poa”. Destaca-se que, no mesmo documento, se encontra uma imagem e, nesta imagem, a sigla do evento, JSPOA. É desta forma, através da sigla, que o idealizador se refere aos jogos, na maioria dos documentos consultados. Tais colocações permitem concluir que não foram padronizadas as formas de referência aos Jogos em questão, sendo assim, por vezes, este é visto como “Competição, Jogos ou Olimpíadas”.

Conforme relato do professor Eli (2018, p. s/p) na abertura do primeiro evento: “teve desfile, hino sinalizado, juramento do atleta e a condução de uma tocha acesa por um aluno. A tocha permaneceu até a 4ª Olimpíada, sendo retirada a pedido dos professores, pois poderia provocar algum incidente”. Destaca-se que, a retirada da tocha, se configura como uma das mudanças ocorridas nas edições seguintes. Quanto à organização das provas e alterações nas modalidades e estruturação, foram encontrados alguns relatos:

No transcorrer dos anos, algumas provas foram acrescentadas no atletismo – Lançamento da Pelota (na 8ª edição - 2010), Arremesso de peso (na 9ª edição - 2011), 200m rasos, e 50m para alunos especiais. A prova de 1500m que existia foi retirada em função do enorme desgaste dos participantes. Nos jogos coletivos – Futsal, Vôlei, Basquete, o basquete permaneceu da 1ª (2003) até a 4ª (2006). O handebol o substituiu na 5ª (2007) e na 6ª (2008). Após ficaram o futsal e vôlei (THOMÉ, 2018, p. s/p).

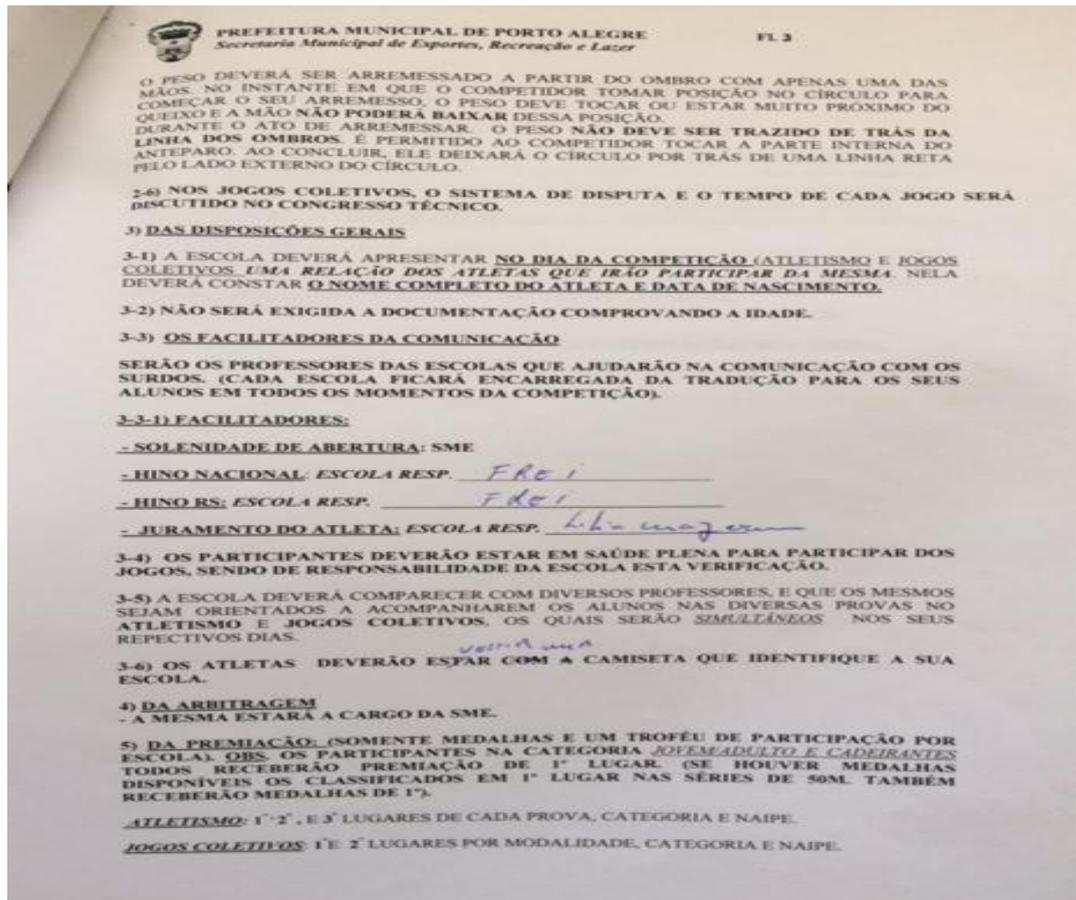
Outros elementos podem ser extraídos de sua fala. Assim, embora não haja uma explicação pontual acerca de cada modalidade, no sentido de uma maior compreensão sobre as motivações que levaram a efetivação de tais mudanças,

nota-se uma dinâmica de adaptação da competição. Observamos que ocorreu, também, a retirada da prova de 1500m, mudança esta implementada na busca por atender da melhor forma todos os estudantes. Cabe destacar que a prova de natação também foi afetada ao longo das edições:

A natação também foi contemplada durante algumas edições. A ideia era estimular os alunos a aprenderem a nadar e defender a sua escola, pois eram poucos os que sabiam. Além de ser uma atividade saudável e prazerosa, poderiam usufruir na sua vida como recreação ou numa necessidade. Foram realizadas as provas de natação em 4 edições: 2005, 2006, 2007, 2008, respectivamente da (3ª a 6ª edição). As provas eram: 25m nado livre e revezamento 4x25m livre nos dois naipes, na categoria livre. (THOMÉ, 2018, p. s/p).

A boa intenção de incentivar os estudantes a aprenderem a nadar durou poucas edições, porém, infelizmente, não foi possível manter tal atividade. Os motivos desta mudança não foram citados. Para o melhor desenvolvimento das atividades, materiais foram elaborados e serviam como guia, contendo orientações iniciais possíveis de serem visualizadas através da imagem 13, que contém instruções de como seriam realizadas as provas, nome das escolas facilitadoras, etc.

Imagem 8 - Ficha da prefeitura com orientações



Fonte: Acervo pessoal Eli.

#PraCegoVer: imagem retirada do acervo pessoal de Eli, contendo orientações gerais e digitada, em sua maior parte, contendo singelas alterações descritas manualmente.

O documento mencionado acima está numerado como folha três. Tal descrição remete a pensar que haviam outros materiais que o completam, a fim de estruturar, organizar e nomear as escolas que desenvolveram cada tarefa durante os JSPOA. Existem também quadros que servem de registros dos acontecimentos durante as partidas de futebol de campo (súmula), conforme demonstrado no quadro 5. Nestes, era possível preencher os espaços com o nome das equipes, faltas cometidas, pedido de tempo e número de gols.

Quadro 5 – Quadro de registro (súmula)

SECRETARIA MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL SÚMULA SIMPLIFICADA DE FUTSAL – FUTEBOL DE CAMPO
<u>EQUIPES</u>

_____ x _____							
<u>NOME OU N. DA CAMISETA</u>		<u>GOL</u>		<u>NOME OU N. DA CAMISETA</u>		<u>GOL</u>	
FALTAS COLETIVAS		1º.	2º.	FALTAS COLETIVAS		1º.	2º.
CARTÕES: PEDIDO DE TEMPO:				CARTÕES: PEDIDO DE TEMPO:			
APÓS 5ª. FALTA EM CADA TEMPO-TIRO LIVRE				APÓS 5ª. FALTA EM CADA TEMPO-TIRO LIVRE			

Fonte: Acervo pessoal Eli.

São apresentados alguns documentos que auxiliam na percepção acerca da maneira com que as edições dos JSPOA foram organizadas. Serão destacadas e identificadas algumas mudanças que se referem aos locais que foram realizadas as distintas edições dos jogos, sendo que o relatório de Eli traz informações que contemplam os anos de 2003 até 2018. As demais informações foram acrescentadas posteriormente pela autora através de informações adquiridas por aplicativo de troca de mensagens com Eli. Ressalta-se que, após tais informações estarem descritas no estudo, realizou-se o confronto dessas com distintos documentos, tais como reportagens e registros encontrados no *site* da prefeitura de Porto Alegre. Para tanto, a seguir são apresentados informações e documentos que podem auxiliam nesta compreensão.

A 1º edição, que ocorreu em 2003, teve o atletismo no período da manhã na Academia da Brigada Militar e os Jogos coletivos (futebol, vôlei e basquete) pela tarde. O 2º evento, já com ajustes, ocorreu em 2004. Os jogos de atletismo ocorreram no Serviço Social do Comércio (SESC) e os jogos coletivos na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). No ano de 2005, a 3º edição ocorreu em dois locais, sendo o atletismo na Sociedade de Ginástica de Porto Alegre (SOGIPA) e os jogos coletivos na PUCRS. A 4º, a 5º e a 6º edição ocorreram entre os anos de 2006 a 2008 na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Canoas/RS. Em 2009, durante a 7º edição houve apenas as competições de

atletismo no SESC e não foram realizados os jogos coletivos, devido à gripe suína.

Foi possível identificar, em visita ao endereço eletrônico da prefeitura de Porto Alegre¹⁰, o cancelamento dos jogos coletivos através de um comunicado. O mesmo encontra-se referido na imagem 9. Segundo informações da prefeitura de Porto Alegre, datadas de agosto de 2009, os jogos estavam programados para ocorrerem em duas datas. No dia quinze de maio, tendo como local o SESC Campestre, onde foram disputadas as provas de atletismo (corridas e salto) e a segunda data, programada para a disputa dos jogos coletivos (futsal e voleibol) foi cancelada, conforme a imagem a seguir.

Imagem 9 - Comunicado divulgado pelo site da PMPA.



⇒ **ATENÇÃO** **COMUNICADO**

Os jogos coletivos programados para ocorrerem no dia 21/08/2009, na Academia de Polícia Militar, foram cancelados, em função da desmobilização das escolas, devido o prolongamento do recesso escolar e reestruturação do calendário.

Porto Alegre, 19 de agosto de 2009.

Fonte: Prefeitura de Porto Alegre

#PraCegoVer: imagem retirada do *site* da prefeitura. Nesta, está em destaque um banner, contendo o convite para o 7º JSPOA, o qual anuncia a abertura. Há,

¹⁰ Endereço eletrônico: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/sme/default.php?reg=34&p_secao=107

também, o mascote à esquerda e, ao fundo, na cor amarela, encontra-se um comunicado.

Embora a qualidade da imagem acima não esteja adequada, optou-se por mantê-la no estudo, tendo por objetivo registrar este fato. A referida postagem presente no *site* da PMPA foi encontrada facilmente em primeiro momento, embora estivesse em configuração antiga e a cada acesso à página mencionada recebia um convite para visitar o novo site da Prefeitura de Porto Alegre. Na barra superior de busca, no momento inicial de coleta, foi capturada a imagem e o *link* salvo. Referenciado em nota de rodapé, para melhor apresentar a publicação buscou-se uma nova imagem com melhor qualidade, mas, o *site* não estava mais disponível. O que corrobora com as colocações de Bacellar (2005, p.61):

A pesquisa em arquivo nos reserva surpresas. Entre os imprevistos mais comuns está a qualidade da documentação, que pode surpreender pela riqueza de informações inesperadas. Mas, também, não é incomum a decepção, seja pela má qualidade das fontes, seja pelo pequeno número de casos encontrados (BACELLAR, 2005, p. 61).

Fatos como os mencionados evidenciam mudanças nas gestões adaptações a novos *sítes* e banco de imagens. A imagem 10, referente ao do banner de divulgação, traz a descrição: “Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer”, nome do órgão responsável pelo evento no ano de 2011. A informação mencionada aponta outra mudança ocorrida no decorrer das edições. O órgão que era responsável pela realização dos Jogos era a SME, que foi extinta e, atualmente, os JSPOA são administrados pela Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Juventude (SMELJ), em cujo *site* oficial é definida como a secretaria atual que: “É responsável pela promoção do esporte, da recreação e do lazer”.

Em 2010, na 8° e a 9° edição, os jogos coletivos aconteceram na Academia da Brigada Militar e o atletismo na PUCRS. A 10° edição, por sua vez, ocorreu toda na PUCRS. No *site* da Prefeitura de Porto Alegre foi possível encontrar o convite (ilustrado na imagem 10) para a 10ª edição dos Jogos, o que, em sua exposição registra que eles permanecem acontecendo em dois dias distintos: 18/05 e 25/05. O convite também apresenta nos arcos simbólicos alguns elementos que caracterizam a competição, tal como a sigla JSPOA representada em LIBRAS à direita do documento.



Fonte: Prefeitura de Porto Alegre

#PraCegoVer: imagem retirada do *site* da prefeitura de Porto Alegre, é um convite. O fundo é azul escuro e os destaques de informações que contém hora, local estão em branco e outras informações em letras azuis. O nome dos JSPOA está em vermelho, em cima da mascote que se encontra a esquerda em formato pequeno. Bem ao centro e acima está descrito Secretaria do Esporte, Recreação e Lazer, em letra menor e em letras grandes a palavra “convida”.

Visto na imagem acima que o evento da 10ª edição foi realizado na PUCRS, ressalta-se que entre os anos de 2012 a 2015, os JSPOA referentes à 11ª, 12ª e 13ª edições permaneceram acontecendo neste espaço. Já no ano de 2016, na 14ª edição, o atletismo ocorreu no SESC e, na 15ª edição, os esportes coletivos aconteceram na Academia da Polícia Militar, conforme imagem 11.

Imagem 11 - Divulgação da Prefeitura de Porto Alegre.



Fonte: Prefeitura de Porto Alegre

#PraCegoVer: imagem retirada do *site* da Prefeitura de Porto Alegre. Refere-se a um panfleto de divulgação do evento. Está na cor verde e traz a descrição “15° JSPOA - Jogos dos Estudantes Surdos - 2017 Porto Alegre” centralizada, na parte superior. A mascote no canto inferior à esquerda, os arcos simbolizando as olimpíadas contendo as siglas dos jogos em LIBRAS dentro dos arcos, além da data, local e o símbolo da prefeitura.

Em 2017, os jogos da 15° edição aconteceram em duas etapas. As disputas do atletismo foram realizadas na PUCRS e os jogos coletivos na Academia da Brigada Militar. Na 16° e 17° edição, o atletismo ocorreu na ESEFID/UFRGS e os esportes coletivos no SESC, respectivamente nos anos de 2018 e 2019. A 18ª edição do evento foi realizada nos dias 3 e 10 de junho de 2022. As provas de atletismo ocorreram no CETE e os esportes coletivos no Parque Ararigbóia, da Prefeitura municipal de Porto Alegre. Conforme o recorte temporal selecionado, a última edição de retorno após a pandemia de Covid-19 não é contemplada na presente análise.

As edições realizadas nos anos de 2018 e 2019, cujas quais a autora pôde ter acesso, tiveram suas competições de atletismo realizadas na ESEFID/UFRGS. Foi na referida instituição que a autora do presente estudo realizou sua formação. A imagem destacada na sequência foi registrada enquanto a autora caminhava pelo pátio da ESEFID/UFRGS.

Imagem 12 - Banner dos JSPOA



Fonte: Arquivo pessoal da autora

#PraCegoVer: imagem retirada do acervo pessoal da autora. Nesta, encontra-se um banner do evento, contendo a mascote e a descrição “16° JSPOA - Jogos dos Estudantes Surdos - 2018 - Porto Alegre”, além dos arcos com símbolo e o logo da Prefeitura.

Através dos anúncios, dos folders de divulgação e das informações descritas no relatório do idealizador, nota-se que as distintas edições dos jogos sofreram alterações no local onde ocorreram, tendo sido realizados, ao longo dos anos, em espaços como os da Academia da Brigada Militar, SESC, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Sociedade de Ginástica de Porto Alegre (SOGIPA), Universidade Luterana do Brasil (ULBRA/Canoas) e ESEFID/UFRGS. Muitos foram os espaços pelos quais os jogos aconteceram. Alguns dos fatores que podem ter influenciado são as parcerias firmadas e as gestões que favoreciam o acontecimento no local escolhido. Observa-se, na imagem de divulgação da SMPA, por exemplo, o nome da Secretaria responsável pela realização do evento, no ano

2011.

Imagem 13 - Banner de divulgação do 9° JSPOA.

A Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer

CONVIDA

9° JOGOS DOS ESTUDANTES SURDOS DE PORTO ALEGRE

Dia: 31/08
 Hora: 14h
 Local: Academia de Policia Militar
 Av. Coronel Aparício Borges, 2001

Porto Alegre: Eu curto. Eu cuido. Informações no site: www.portoalegre.rs.gov.br/sme

Secretaria Municipal de ESPORTES, RECREAÇÃO E LAZER
 Prefeitura de PORTO ALEGRE
 Nossa cidade, nosso futuro.

Fonte: Banco de imagens da Prefeitura de Porto Alegre.

#PraCegoVer: imagem retirada do *site* da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Está na cor amarela e apresenta um convite para o 9° JSPOA. Além disso, contém a mascote a esquerda, endereço, data e local, na barra inferior e as informações da Prefeitura de Porto Alegre.

Algumas mudanças foram de ordem organizacional, partindo da gestão, outras, alterações que foram antecedidas por diálogos entre a organização e os professores, os quais revelavam as situações problemas durante a avaliação do evento. Nota-se que a participação das famílias foi essencial para que ocorressem mudanças no que se refere aos espaços. O trecho a seguir, por exemplo, registra uma solicitação dos pais, que solicitavam um olhar mais atento à forma como seus filhos eram caracterizados pela organização dos Jogos:

Ao longo dos anos os jogos se consolidaram, sendo aguardados com ansiedade pelos alunos no início do ano letivo. Nas provas para alunos especiais (cadeirantes e outras deficiências), os pais, em 2014, solicitaram que o nome “**especial**” fosse trocado. Foi escolhida nomenclatura “**Jovem adulto**” (THOMÉ, 2019, p. s/p, grifos nossos).

Para que o evento fosse compreendido pelos pais como inclusivo, ocorreu uma solicitação de troca na maneira pelo qual era chamado a categoria inclusiva. O pedido foi aceito e tais estudantes permanecem até a última edição como participantes nomeados “Jovem Adultos”. Segundo Eli, para os próximos jogos, será discutida a participação de ex-alunos em algumas provas no atletismo e jogos coletivos.

Cabe ressaltar que, as categorias, modalidades e faixa etárias tanto do atletismo, como dos jogos coletivos permaneceram inalterados desde a primeira edição. Exceto a natação, conforme mencionado. No atletismo é feito um *ranking* nas diversas modalidades contemplando o *recorde* das provas e o ano da conquista. Em virtude do tempo disponível, a competição não é interrompida ao meio-dia para que termine no início da tarde, visando o regresso dos estudantes as suas cidades. Em 2018, as provas estavam distribuídas da seguinte maneira: Atletismo: revezamentos 4x30m; 50m rasos; salto em distância; arremesso de peso; 4x50m; 100m rasos; salto em altura; 4x100m; 200m rasos; lançamento de pelota. Os Jogos Coletivos compreendiam as disputas de voleibol e futsal. A arbitragem é realizada por professores(as) e estagiários(as) da SME. A premiação é entregue através de troféus de 1º, 2º e 3º lugar para as provas de atletismo e 1º e 2º lugar nos jogos coletivos.

O colaborador e idealizador Eli forneceu súmulas e fichas de inscrições que ilustram parte de como as provas são organizadas. É possível ver na imagem 14 a descrição da modalidade, de idades e naipes, apresentando abaixo uma descrição que destaca como deveria ser distribuído o voleibol misto.

Imagem 14 - Modalidades/Idades e Naipes.

I

JOGOS COLETIVOS (FUTSAL - VOLEI BOL)
(CONFIRMAR COM UM “X” AO LADO)

MODALIDADE	IDADE	ANO NASC	NAIPE	MARCAR C/ “X”
FUTSAL	ATÉ 12 A.	2005 - 2006	MASC.	
FUTSAL	ATÉ 12 A.	2005 - 2006	FEM.	
FUTSAL	ATÉ 15 A.	2002 - 2003	MASC.	

Fonte: Acervo pessoal Eli.

#PraCegoVer: imagem retirada do acervo pessoal de Eli. A imagem apresenta uma súmula digitalizada. Apresenta informações de prova, idade e naipe. Aparentemente parece ser uma foto tirada de uma tela de computador, pois apresenta pontos de luz e/ou reflexos.

Como já mencionado, as imagens trazem inúmeras possibilidades de leituras. Nesta direção, escolheu-se a imagem 15, pois esta representa um momento específico, onde a imprensa aparece representada pelo cinegrafista e duas adultas ajoelhadas. Aparentemente uma parece ser a repórter que segura em uma de suas mãos o microfone e ambas, se nivelam à altura das crianças, sinalizam em LIBRAS o que representa o “oi”. Há, ao fundo, pessoas circulando em segundo plano.

Imagem 15 - Bastidores do evento



Fonte: Acervo pessoal Eli Danilo Thomé

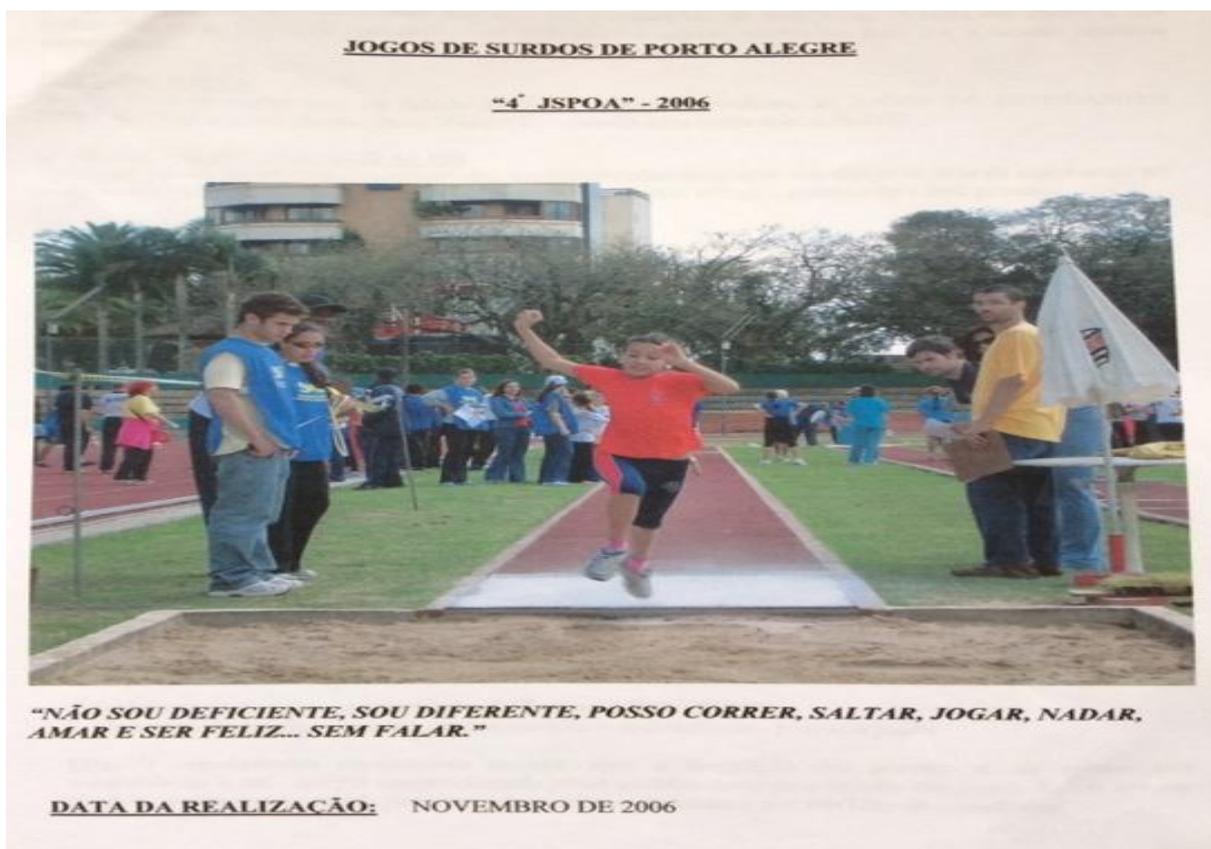
#PraCegoVer: imagem retirada do acervo pessoal de Eli. É uma imagem que retrata os bastidores dos JSPOA. À esquerda e à frente está o cinegrafista. Ao centro estão duas adultas ajoelhadas para ficarem à altura das crianças, uma contendo um microfone na mão direita e alguns papéis, com a mão esquerda sinaliza o que aparentemente parece ser a letra i em LIBRAS. A outra adulta está olhando atentamente a repórter e também sinaliza. Três crianças estão à frente delas, sinalizando e sorrindo. Ao fundo muitas pessoas circulando.

Ao analisar a imagem 15 como registro do JSPOA, pode-se questionar: por que em um evento esportivo, optou-se por registrar a comunicação, a interação? Ou, o que leva os fotógrafos a registrarem este momento específico? Na imagem em destaque, os estudantes não estão saltando, correndo, mas sim sinalizando, se expressando linguisticamente. O que está sendo priorizado? Valorizado? Essas questões estão presentes naqueles(as) que lançam o olhar enquanto professores(as) de Educação Física. Busca-se valorizar os movimentos corporais e os esportes surdos para além dos gestos e sinais em LIBRAS. Torna-se relevante questionar o discurso aqui produzido através desta representação imagética, pois, este revela a valorização da linguagem gestual e da comunicação, reforçando o discurso de inclusão da

linguagem. Na presente narrativa, buscou-se a valorização do esporte e da participação dos estudantes atuando nas competições. Para além de lançar questionamentos, objetiva-se instigar a reflexão acerca do que foi apresentado para, assim, criar leitores críticos, que analisem os discursos apresentados e/ou representados.

Porém, destaca-se que há algo que toca quando se observa as mãos sinalizando. É necessário valorizar, sim, as mãos a se moverem em direção ao espetáculo da arte através da LIBRAS, mas não deixar que esta seja a única percepção de pessoa surda. É preciso valorizar o esporte surdo para que os surdos se percebam para além de sua comunicação diferenciada e se sintam representados no esporte. É preciso contar histórias de mãos que há muitos anos andam sendo tapadas e/ou invisibilizadas. É preciso dar vozes às mãos falantes, apontando possibilidades de serem visualizadas através do esporte.

O que move é o que importa. O que se faz destes ou com estes registros é o que trará sentido. Ao realizar a leitura de outra imagem, a frase que está descrita “Não sou deficiente, posso correr, saltar, jogar, nadar, amar e ser feliz... sem falar”, percebe-se muitos posicionamentos. Este é um discurso. Possui uma intencionalidade. Transmite um pensar, um conhecimento sobre o que se buscou apresentar através do registro.



Fonte: Acervo pessoal Eli Danilo Thomé

#PraCegoVer: imagem retirada do acervo pessoal de Eli. Refere-se a um documento criado por Eli, contendo uma descrição “Jogos de Surdos de Porto Alegre” na parte superior, datado de 2006. A foto está centralizada e ocupa quase todo o documento. Em destaque, há uma estudante realizando o salto do atletismo, em uma caixa de areia. No espaço em que a estudante está saltando, encontra-se nas laterais pessoas com coletes azuis, possivelmente avaliadores(as). À direita, há uma pessoa com camiseta amarela e uma prancheta nas mãos. Há muitas pessoas ao fundo realizando outras atividades. Na parte inferior e abaixo da imagem registra-se a seguinte frase: “Não sou deficiente, posso correr, saltar, jogar, nadar, amar e ser feliz... sem falar”.

Em continuidade à análise das fontes imagéticas, é possível fazer um comparativo das imagens 15, 16 e 17, pois estas se assemelham quanto à modalidade em que foram capturadas. Contudo, ao mesmo tempo em que apresentam semelhanças, também é possível destacar algumas diferenças entre elas. A imagem 16, por exemplo, é capa do projeto de uma das edições dos Jogos. A imagem 17 por sua vez, foi produzida para ser exposta no *site* da SME, ou seja,

foram produzidas em épocas distintas, diferenciando-se em qualidade e resolução. Outro fator a ser observado é o posicionamento dos avaliadores. Muitos elementos são utilizados na imagem 17, tais como vassouras e cones, apresentando uma evolução dos acessórios para as provas de atletismo.

Imagem 17 - Imagem da prova de salto em distância.
SECRETARIA MUNICIPAL DE ESPORTES, RECREAÇÃO E LAZER - SME



Fonte: Prefeitura de Porto Alegre

#PraCegoVer: imagem retirada do site da Prefeitura de Porto Alegre. A imagem foi registrada na pista de atletismo, com foco na caixa de areia, durante o salto de uma estudante. Esta encontra-se saltando na fase aérea, sorrindo e está com roupas escuras. Na entrada da caixa de areia há dois cones, um de cada um dos lados, além de quatro pessoas com coletes vermelhos. Cada uma está com um objeto, a saber: vassoura, rodo, material de medição. Há, também, um número significativo de pessoas assistindo ao fundo.

Para além das imagens mencionadas, também se selecionou a imagem 18 por estar retratando o momento do salto de uma estudante. Eli encontra-se à direita e, à esquerda, um dos colaboradores está com uma espécie de rodo em madeira para ajustar a areia após o salto. Alguns elementos se repetem, tais como o registro

encontrado nas três imagens. Difere-se a datas, o local e os materiais. Ao analisar a própria imagem, pode-se dizer que a resolução também se diferencia. Importa o registro, o movimento e a valorização do esporte aqui representados em imagem.

Imagem 18 - Imagem da prova de salto em distância



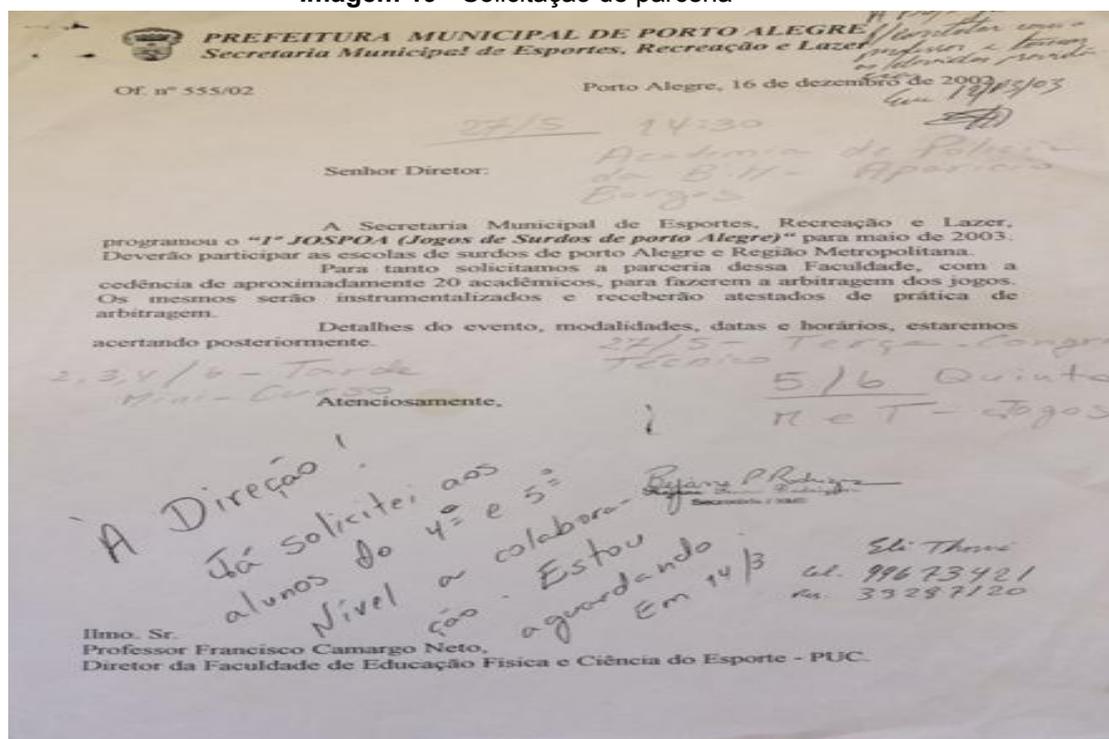
Fonte: Luciano Lanes/PMPA

#PraCegoVer: imagem retirada do *site* da Prefeitura de Porto Alegre. Registra o momento do salto em distância, cuja estudante encontra-se na fase aérea. Está com blusa vermelha e um crachá. Na lateral esquerda um dos colaboradores está com um rodo para ajustar a areia. À direita está Eli, em pé, olhando para a estudante.

A partir do exposto até o momento, buscou-se legitimar o que foi experimentado, as diferentes ideias, o pensar e o fazer científico, guiando-se pela convicção de que o trilhar, o caminhar e o abrir de espaço são movimentos que permitirão alcançar o público alvo deste espetáculo. Não foi possível realizar a identificação de cada estudante retratado nas imagens, no entanto, optou-se por apresentá-los mesmo assim, com o intuito de destaca-los como protagonistas desses Jogos.

Eli concedeu à investigação distintos documentos sobre os JSPOA e, em razão disso, considera-se indispensável e, sobretudo, necessário valorizar o caminho aberto por ele, juntamente à ramificação das produções elaboradas anteriormente à presente narrativa. A imagem 19, datada de dezembro de 2002, registra o documento que solicita parceria através da SME com a PUCRS, para que cerca de 20 acadêmicos possam fazer parte da arbitragem. Tais estudantes ganharam certificado de participação (Imagem 20)¹¹. No referido ofício, há uma descrição manuscrita por Eli, direcionada à Direção, referindo-se à colaboração dos estudantes da quarta e quinta séries, com o intuito de organizarem o primeiro JSPOA.

Imagem 19 - Solicitação de parceria



Fonte: Acervo pessoal Eli.

#PraCegoVer: imagem retirada do acervo pessoal de Eli. Refere-se a um Ofício que solicita parceria através da SME com a PUCRS, para que cerca de 20

¹¹ Destaca-se que, provavelmente, a nomenclatura citada no documento, a saber: “Jogos de Surdos de Porto Alegre (JOSPOA)”, deva estar com um equívoco de digitação, visto que, nos demais documentos consultados observou-se a sigla “JSPOA” e não “JOSPOA”.

acadêmicos possam fazer parte da arbitragem. Há inscrições manuscritas, telefone e ações realizadas por Eli.

Imagem 20 - Certificado para voluntários que trabalharam durante o JSPOA.

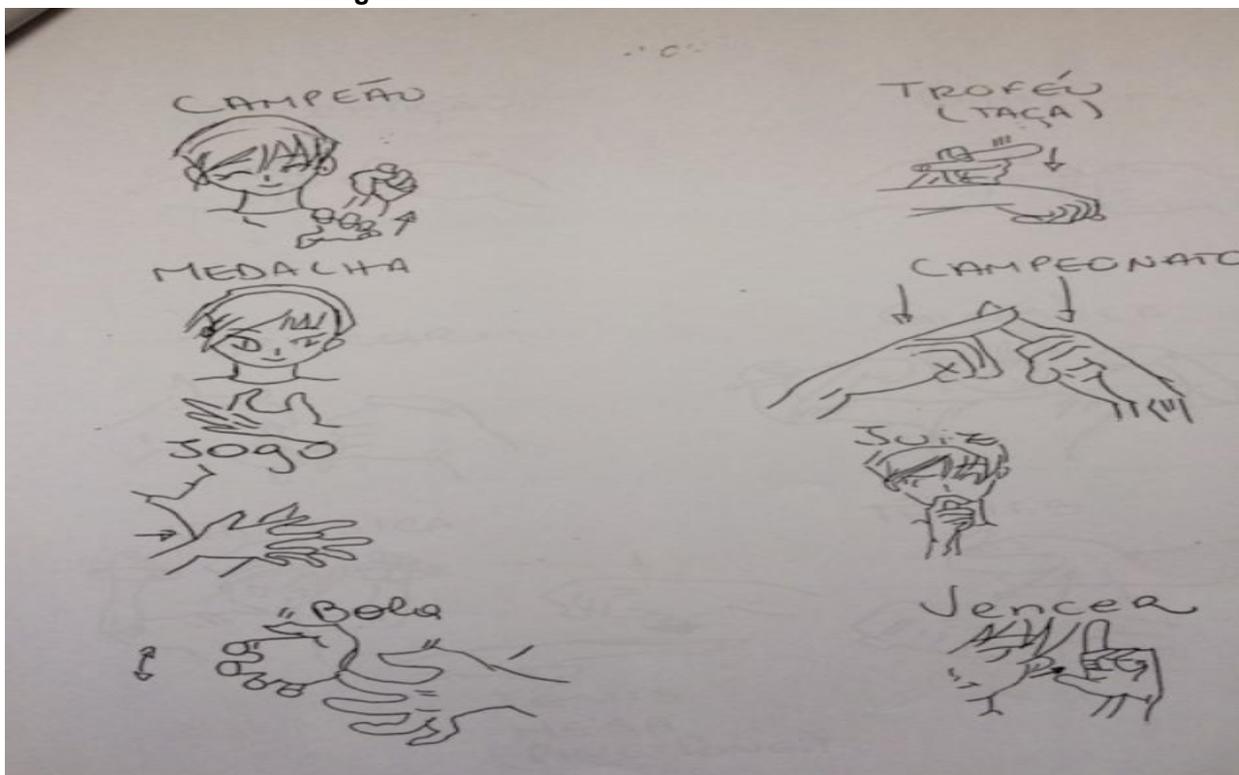


Fonte: Acervo pessoal Eli.

#PraCegoVer: imagem retirada do acervo pessoal de Eli. Apresenta o certificado que foi entregue aos estudantes da PUCRS que atuaram como voluntários. A esquerda acima está o desenho de uma mão em configuração de mão do eu te amo utilizada do termo em inglês, *I love you*, com um j e um s e a sigla POA. Ao centro e acima, com letras grandes, está a palavra certificado.

Outro fator que remete à participação dos voluntários do curso de Educação Física da PUCRS, mencionado por Eli em Roda de Conversa do CEME (2021) é que estes estudantes tiveram (embora pouca) instruções de LIBRAS. As noções referiam-se a sinais que permitissem uma comunicação mínima com os estudantes surdos. A imagem 21 compõe parte do material que foi fornecido aos voluntários para aproximação com os sinais.

Imagem 21 - Material contendo Sinais em LIBRAS



Fonte: Acervo pessoal Eli

#PraCegoVer: imagem retirada do acervo pessoal de Eli. Contém oito desenhos de sinalização em LIBRAS, a saber: campeão, medalha, jogo, bola, troféu (taça), campeonato, juiz e vencer.

A proposta de analisar os jogos até o ano de 2019 deixa uma porta aberta para que novos estudos surjam. Nesta pesquisa não foi possível coletar dados da edição mais recente, a qual retornou no ano de 2022, após uma pausa decorrente da pandemia de Covid-19. Em busca posterior ao período de coleta de fontes iniciais, foram encontrados, no Jornal o Timoneiro (2022),¹² reportagens sobre os estudantes participantes da 18ª edição. Na imagem 22 é possível ver as medalhistas que estão com máscaras de proteção. Tal orientação constava no protocolo que deveria ser seguido em razão da pandemia de Covid-19.

¹²

Endereço eletrônico:
<https://jornaltimoneiro.com.br/index.php/2022/06/10/estudantes-canoenses-de-escola-bilingue-para-surdos-conquistam-50-medalhas/>

Imagem 22 - Medalhistas



Fonte: O Timoneiro, 2022

#PraCegoVer: imagem retirada do jornal Timoneiro. Aparecem três estudantes, meninas, cada uma com uma medalha no peito. Uma segura a faixa com as duas mãos. A menina que se encontra na posição central, faz o sinal de *I love you* com uma das mãos e a outra segura a faixa. A terceira integrante da foto reproduz o mesmo sinal de *"I love you"* com a mão direita e com a mão esquerda segura a faixa. A faixa está com a descrição "18º JSPOA/2022". No canto esquerdo da faixa há a mascote e, no canto direito, o logo da Prefeitura de Porto Alegre. As três estão com máscaras. Ao fundo há um painel da Secretaria Municipal de Esporte, Lazer e Juventude, com logos da prefeitura, nas cores verde e preto. No lado esquerdo, ao chão, há um painel com o logo do Governo do estado do Rio Grande do Sul. As estudantes estão em cima de caixotes numerados, simbolizando as posições 1º, 2º e 3º.

Considera-se ser relevante o retorno dos JSPOA, mesmo que estes sejam marcados por fatores inerentes à pandemia de Covid-19. Deste modo,

compreende-se que determinados fatores externos podem afetar a estrutura proposta pela organização e, tais elementos, portanto, conferem ao evento certo dinamismo. No entanto, a organização prévia, os ajustes, as transformações e as mutações permitiram que os JSPOA se mantivessem até o tempo presente.

Desta forma, a presença dos estudantes nas diferentes edições dos JSPOA é a ação acontecendo e se materializando. Os conteúdos desenvolvidos pelos professores de Educação Física, as habilidades aperfeiçoadas em aula, transformam em realidade o que a organização planejou e o que a prefeitura divulgou. Para finalizar os nossos achados, apresentaremos na sequência, a trajetória do idealizador e como este iniciou o projeto dos JSPOA e contribuiu para que esta pesquisa se concretizasse.

4.1 TRAJETÓRIA DO IDEALIZADOR DOS JSPOA: PROFESSOR ELI

No presente subtópico objetiva-se apresentar a trajetória do idealizador dos JSPOA. Eli Danilo Thomé que, nas linhas que seguem, será referenciado a partir do seu primeiro nome. Em arquivo disponibilizado *online*¹³, datado de 2004, o personagem é descrito como: Porto-alegrense de nascimento, casado, 71 anos (dado atualizado em 2022), professor de Educação Física. É especialista em deficiência auditiva, pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul. Atuou na Fundação de Assistência Social e Cidadania (FASC) e no Centro de Comunidade da Vila Floresta (CECOFLOR) como Coordenador Regional Noroeste da Secretaria Municipal de Esportes Recreação e Lazer. Estas foram algumas das funções exercidas pelo professor Eli, durante sua carreira.

Nota-se, na linguagem descritiva destacada, a forma como são nomeadas as pessoas surdas, considerando a maneira como eram chamadas as especializações e os cursos de capacitações. Tais termos foram destacados para fomentar a discussão aqui lançada, sobre como os surdos foram sendo identificados no decorrer da história e reafirmar o posicionamento contrário ao “rótulo” de deficiente auditivo dado às pessoas surdas. Para Bacellar (2005), um dos pontos cruciais do uso de fontes reside na necessidade imperiosa de se entender o texto no contexto de sua época, e isso diz respeito também ao significado das palavras e das

¹³ Endereço eletrônico: http://200.169.19.94/processo_eletronico/001062004PR/001062004PR.pdf

expressões.

Para dar continuidade a este subtópico, apresenta-se o depoimento que surgiu na fase de avaliação final da construção da presente dissertação. Esse fato tornou-se relevante, pois, optou-se por convidar, para compor a banca avaliadora deste estudo, uma professora surda, a Prof^ª. Dr^ª. Gisele Maciel Monteiro Rangel. Esta sentiu-se emocionada e se identificou com a trajetória do professor Eli Danilo Thomé, destacando este como uma figura importante. A decisão de manter um subcapítulo dedicado apenas ao idealizador, em um estudo de viés histórico cultural, deu-se em razão das colocações da Prof^ª. Dr^ª. Gisele Rangel, esta destacou:

Ao ler sua dissertação me emocionei referente ao professor Eli Danilo Thomé. Ele foi meu professor de Educação Física no período em que estudei na Escola Especial Concórdia. Estudei desde a 5^ª série até 2^º grau (atual 5^º ano e ensino médio). Ele foi o mesmo professor neste tempo. Recordo de participar dos Jogos Municipais dos Estudantes Surdos de Porto Alegre/RS. Nossa, sua pesquisa mexeu comigo, fiquei refletindo acerca da época que estudava. Mergulhei em uma imensidão de dados. (RANGEL, 2022, p. s/p)

Ao refletir acerca do depoimento de Rangel (2022), percebeu-se que os JSPOA ocorreram porque havia um professor de Educação Física que se dedicava a ministrar aulas para pessoas surdas. Portanto, o trabalho do professor Eli foi marcante e merece destaque. Outros acontecimentos que foram surgindo de maneira espontânea durante o processo de escrita desta pesquisa se referem às pessoas surdas e suas falas (sinalizadas).

Durante uma das aulas da pós-graduação havia, em sala, um colega surdo. O nome dele é Augusto e estava cursando o doutorado. Em uma das aulas, cada aluno(a) deveria expor sua temática de pesquisa e se apresentar. Em dado momento da apresentação, Augusto sinalizou e as intérpretes foram realizando a tradução. Embora a autora que vos escreve pudesse entender grande parte de suas colocações, este relatou: “Sobre sua pesquisa tem uma pessoa que contribuiu com os jogos: Professor Eli Danilo Thomé”. As conversas foram levadas com o auxílio das intérpretes e mais uma vez percebeu-se que os surdos consideram a figura desse professor importante. Por este fator, será mantido este subcapítulo e será ressaltado o idealizador dos jogos.

O trabalho realizado pelo professor Eli, com estudantes surdos, iniciou antes da idealização dos JSPOA. O referido professor iniciou seu trabalho ministrando

aulas de Educação Física em diferentes espaços. Como foi possível identificar no relato de Rangel (2022) durante a defesa deste estudo, o professor Eli já atuava com estudantes surdos. Ligado a este aspecto, evidencia-se que Eli já realizava jogos entre os estudantes surdos, contudo, estes não eram estruturados pela Prefeitura de Porto Alegre, mas, por uma instituição privada. No trecho destacado a seguir, o professor Eli expõe sua atuação durante os treinos, ou seja, em momentos que antecediam os jogos:

No ano de 1975 iniciei meu trabalho com a Educação Física, na Escola Especial Concórdia, de Porto Alegre, com as crianças surdas. Em 1977 fui convidado pelo Prof. Coll, da FAERS (hoje FADERS), para ajudar a realizar os primeiros jogos entre as escolas de surdos da capital. Era um projeto daquela entidade. Dividimos o trabalho: ele ficava com a parte administrativa e eu com a parte técnica. (THOMÉ, 2019, p. s/p).

Segundo Thomé (2019), os jogos mencionados duraram cerca de cinco anos, sendo extinguidos em função de diretrizes da entidade e da saída do Prof. Coll do projeto. A imagem 23, datada de 1977, representa a equipe da Escola Especial Concórdia, nos primeiros jogos entre escolas de surdos de Porto Alegre.

Imagem 23 - Equipe do Concórdia no 1º torneio



Fonte: Acervo pessoal Eli Danilo Thomé (1977)

#PraCegoVer: a imagem tem seu fundo em cores terrosas, a contar o piso e as paredes, sendo registrada em um ginásio com quadra e arquibancada. As

peessoas que aparecem e estão posicionadas à frente são surdoatletas que compunham a equipe da Escola Especial Concórdia. Cinco estão agachados mais à frente e, outros cinco, em pé, com os braços cruzados. Todos estão com medalhas no peito, de calção esportivo e camiseta regata em tons escuros. Ainda em pé, ao lado dos surdoatletas, uma figura masculina, com camisa listrada e mãos para trás. Aparecem, atrás de uma grade, ao fundo, outras pessoas, aparentemente torcedores ou estudantes.

No ano de 2002, após sua saída da Escola Especial Concórdia e trabalhando na SME, que o Professor Eli resolveu elaborar um projeto para a retomada dos jogos. Contudo, agora, por intermédio de uma instituição pública municipal e com melhor estrutura. É neste cenário que surgem os JSPOA.

Neste subtópico, também pretende-se destacar algumas características desse personagem. Em documento localizado digitalmente¹⁴, Eli é descrito como criativo e dinâmico. Ademais, são tecidos outros elogios e apontados alguns de seus trabalhos. Tal documento é composto por duas páginas. A segunda, refere-se a sua concessão de título honorífico de Líder Esportivo, conforme Resolução n. 1.123, de 14 de novembro de 1991. Na sequência, destaca-se um trecho do documento, datado de 2004:

Criativo e dinâmico, foi precursor de diversas atividades, como a organização da primeira sala de musculação nos Centros de Comunidade e de atividades aquáticas especiais. É um extraordinário orientador de exercícios adequados para grupos esportivos, dirigentes de futebol e pessoas com algum tipo de dificuldade motora, sendo procurado frequentemente nos espaços de trabalho para essa orientação. (RESOLUÇÃO, 2004, p. 2).

Muitas foram as ações e trabalhos desenvolvidos pelo professor Eli. Neste sentido, pretende-se dar um destaque para as atividades realizadas como coordenando os JSPOA. Ao garimpar o material pertencente ao seu acervo pessoal foi possível identificar rascunhos, modelos e ajustes realizados por Eli, ao longo dos anos em que se dedicou ao projeto inicial dos JSPOA. Recorda-se que, ao final de cada edição dos JSPOA eram realizadas avaliações e estas, por sua vez, auxiliavam Eli no que se referia as modificações necessárias. O professor Eli estava sempre acompanhando de perto as alterações, realizando reuniões após cada evento para assim promover os ajustes necessários.

¹⁴ Endereço eletrônico: https://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/default.php?reg=6&p_secao=87

Foi selecionada uma reportagem publicada no Diário Gaúcho, para dar visibilidade ao trabalho prestado ao JSPOA. Brito (2019)¹⁵ intitula sua reportagem, veiculada no dia 17/05/2019, da seguinte maneira: “Jogos escolares envolvem centenas de alunos surdos em Porto Alegre”. Nesta, apresenta o professor Eli, o qual encontra-se em destaque na reportagem, sendo representado em duas imagens de Félix Zucco. Uma evidencia: “Idealizador do projeto que deu início aos jogos há 17 anos, Eli Daniel Thomé¹⁶, 69 anos, agora acompanha a competição como voluntário. A dedicação é fruto de uma visão percebida quando ainda era professor”. Em continuidade, o professor Eli discorre, em entrevista:

Durante toda minha vida, trabalhei com crianças surdas. E via que existiam poucas atividades que contemplassem esses jovens, não existia inclusão. Então, apresentei o projeto que, ano a ano, foi se consolidando, integrando pessoas de diversos locais (BRITO, 2019, p. 2).

O professor Eli dedicou grande parte de sua carreira às pessoas surdas, em especial, às atividades esportivas. Como professor de Educação Física criou o projeto para proporcionar competições entre estudantes surdos. Destaca-se que, mesmo após estar aposentado continuou a atuar, ativamente, como voluntário, dedicando seu tempo a prestar serviço a este evento esportivo. Tal aspecto demonstra a grande paixão que tem por tais jogos.

Na imagem 24, o professor Eli aparece posicionado à frente, no canto esquerdo, usando um boné. Esta imagem foi utilizada para ilustrar a reportagem e remete o leitor a perceber a presença ativa do professor nos JSPOA. Na imagem, ainda se destaca um estudante executando o arremesso de peso, alguns espectadores, enquanto o professor Eli observa atentamente a execução do movimento do arremesso. Nota-se também que o mesmo se encontra uniformizado, mostrando o seu engajamento e pertencimento ao evento.

¹⁵

Endereço eletrônico:
<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2019/05/jogos-escolares-envolvem-centenas-de-alunos-surdos-em-porto-alegre-cjvshhk8j016401per4qwckg6.html>

¹⁶ O nome do personagem está escrito de forma errônea. Acredita-se que tenha havido um erro de digitação.

Imagem 24 - Professor Eli observando o arremesso de peso



Fonte: Félix Zucco/Agencia RBS (2019)

#PraCegoVer: imagem retirada da reportagem realizada pela RBS, onde aparece o idealizador dos JSPOA, posicionado a esquerda e a frente, na mesma linha do estudante que está ao centro da imagem realizando o arremesso de peso. Aparecem mais nove pessoas posicionadas atrás. Aparentemente os demais parecem ser estudantes e/ou integrantes da equipe que organizava o evento. Alguns olham o arremesso e outros conversam entre si. Os organizadores estão com coletes amarelos. Aparecem árvores ao fundo, um gramado ao redor da plataforma de arremesso de peso que aparenta ser de concreto.

A imagem 25 ilustra a continuidade da reportagem de Brito (2019). Esta é intitulada “Eli, dedicação ao projeto há 17 anos”. O conteúdo da reportagem relata que o professor continuou atuando como voluntário e exercendo tal função até o

presente momento. A palavra dedicação tem muitos sinônimos tais como, interesse, esmero e cuidado, qualquer uma destas palavras traduzem a atuação que o professor vem exercendo ao esmerar-se em manter-se ativo como parte atuante na execução dos jogos.

Imagem 25 – Eli Thomé



Fonte: Félix Zucco /AgenciaRBS (2019)

#PraCegoVer: imagem retirada da reportagem produzida pela RBS. Nela está em destaque o idealizador dos JSPOA, professor Eli, onde aparece somente a sua parte superior. Sua pele é branca e o pouco do cabelo que aparece sobrando no boné também. Está de óculos escuros, uma blusa preta e um colete amarelo. Está olhando para a diagonal do registro.

Imagens como as apresentadas, registradas pela reportagem, permitem ao leitor conferir fragmentos do evento esportivo. Conforme aponta Rangel (2004), estas fontes permitem diferentes maneiras de se olhar para o mundo. O momento da seleção de imagens, visando compor determinada narrativa, materializa uma visão

sobre as coisas, colocando na imagem não só o enquadramento escolhido, mas a própria cultura, valores e mesmo sentimentos.

Ter a oportunidade de conversar com o professor Eli, permitiu à autora dessa dissertação perceber a emoção quando este referia-se aos JSPOA. Na Roda de Conversa promovida pelo CEME (2021), Eli tenta explicar a experiência que teve atuando como professor de Educação Física de crianças surdas, na Escola Especial Concórdia e busca fazer uma retrospectiva do trabalho desenvolvido. Ressalta que no início da sua formação não imaginava trabalhar com crianças surdas, porém, foi convidado por uma colega professora de Educação Física para dar aulas de recreação para os filhos das senhoras que ela daria aula de ginástica, em um salão do seminário Concórdia, bairro Mont Serrat, em Porto Alegre. Após aceitar o convite, conversou com a professora e recordou-se do seguinte trecho do diálogo:

[...] eu teria, uma vez por semana, que dar aula para um grupo de crianças surdas, que tinha uma pequena escolinha, no subsolo da capela luterana ali no seminário. Eu disse que eu nunca tinha trabalhado com crianças surdas, e ela disse eu também não, mas, vamos juntos fazer algumas atividades com as crianças para que possamos interagir com elas (CEME, 2021, p. s/p).

Em continuidade, no seu relato, é possível perceber que esta experiência inicial foi só o começo de uma trajetória voltada ao trabalho com aulas de Educação Física ou atividades esportivas para estudantes surdos. O trabalho por ele iniciado, após o convite da professora que ele menciona no fragmento acima, posteriormente não teve continuidade, pois o referido projeto não teve mais o fomento. Diante de tal situação, seu trabalho se transformou em um voluntariado que, posteriormente, culminou com a sua contratação como docente de Educação Física na Escola Especial Concórdia. O professor Eli permaneceu como docente nesta Instituição por 25 anos, conforme seu relato:

No decorrer do tempo, eu trabalhando, há muitos anos (foram 25 anos trabalhando na escola) eu deixei de trabalhar ali e passei o bastão para outro colega. Fui atuar na Secretaria de Esporte de Porto Alegre, em 2002. Lá, eu fiz um projeto para Secretaria Municipal de Esportes, os JSPOA (jogos de Surdos de Porto Alegre), que compreendia as escolas de Porto Alegre e grande Porto Alegre. O Projeto foi aceito na Secretaria e, em 2003, no início do ano letivo, reuni os professores interessados. Eram oito escolas. Foi assim que fizemos, então, o regulamento. (CEME, 2021, p. s/p).

A experiência destacada pelo professor Eli ressalta sua vontade e desejo de realizar atividades voltadas para estudantes surdos. Foram 25 anos ministrando aulas de Educação Física para estudantes surdos. Já na Secretaria, este mantinha a sua vontade e desejo de realizar ações voltadas para a prática esportiva e para estudantes surdos. Neste ponto, destaca-se a importância de pessoas comprometidas em cargos políticos, que pensem em ações voltadas para todas as modalidades esportivas e todos os públicos, bem como que valorizem todas as maneiras de ser e estar no mundo.

Destaca-se mais uma reportagem, realizada por Panorama (2019). A reportagem traz a seguinte descrição: “Esta é a 17ª Edição dos Jogos, que começaram com uma ideia do Eli que, hoje, não é mais funcionário da Secretaria de Desenvolvimento Social e Esporte, mas, sempre volta como voluntário” (PANORAMA, 2019, p. 1). Tal trecho sublinha, uma vez mais que, mesmo que Eli não estivesse mais como responsável pelos JSPOA, fazia questão de se manter atuante, sugerindo uma postura de empenho no que concerne à realização do referido evento esportivo.

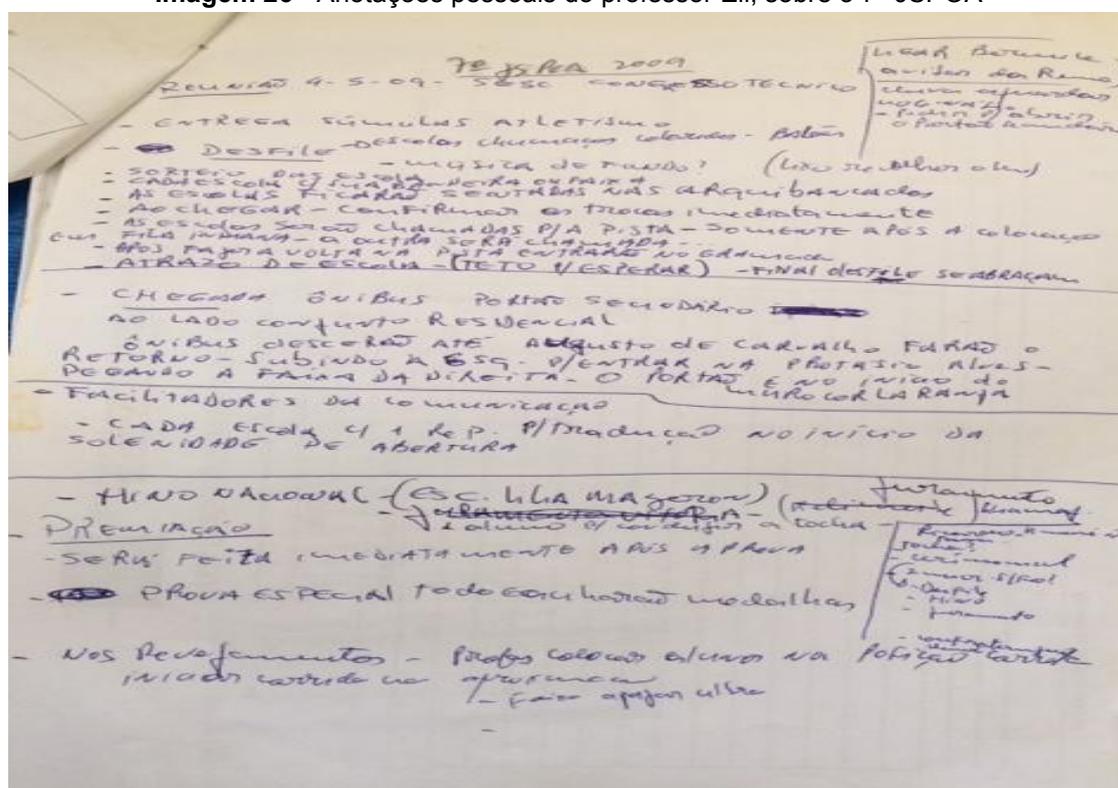
Para se manter, por tanto tempo, um evento, uma ideia apenas não basta. São necessárias ações, planejamento, ajuste e o indispensável, parcerias. Sozinho o professor Eli não conseguiria aplicar o projeto. Tornou-se necessária uma ação inicial, que foi a criação do projeto. Após, foi preciso apoio das escolas em participarem e em treinar seus estudantes, além de organizarem-se, ano a ano, com relação ao deslocamento até os locais onde as atividades e disputas seriam realizadas. Destaca-se, também, o importante papel dos *feedbacks* dos(as) professores(as) a cada término de evento. Portanto, um campeonato que envolve tantas pessoas não se concretiza sozinho.

Compreende-se, a partir do exposto, que o processo que levou o professor Eli à idealização dos JSPOA, se constituiu de um projeto idealizado para os estudantes surdos, para que estes participem de jogos escolares, socializassem com seus pares e valorizassem a prática esportiva e os esportes. Ressalta-se, uma vez mais que, para o bom desenvolvimento de um trabalho, parcerias precisam ser firmadas e ações promovidas a fim de melhor organizar o ambiente, as provas e todo o processo que envolve a organização de um evento desta magnitude.

Eli Thomé, além de ser o idealizador é, ainda, um dos colaboradores dos

JSPOA. O professor Eli é um personagem marcante do referido evento, pois além de atuar diretamente nas edições dos JSPOA, ele se preocupou em guardar as memórias, produzindo materiais como, por exemplo, o rascunho manuscrito imagem 26, em destaque na sequência.

Imagem 26 - Anotações pessoais do professor Eli, sobre o 7° JSPOA



Fonte: Acervo pessoal do professor Eli (2009).

#PraCegoVer: imagem retirada do acervo pessoal de Eli. Apresenta escritos manualmente e, por conta disso, alguns não estão nítidos. A imagem aqui trazida foi utilizada como uma forma de ilustração. Contudo, traz informações possíveis de serem lidas e analisadas em outro momento. Há descrições como: 7° JSPOA, reunião, desfile, chegada, facilitadores e Hino Nacional.

Ao acessar as fontes disponibilizadas, percebe-se que o professor Eli estava atuando diretamente na organização, além de rascunhar e dedicar tempo, enquanto coordenador, para produzir registros. A imagem 26 apresenta os rascunhos da

organização do 7º JSPOA, realizado em 2009. Conforme sugerido acima, há alguns trechos ilegíveis, no entanto, o que pode ser lido traz informações sobre a organização prévia do evento.

Imagem 27 - Viviane Dulus de Lima e Eli Thomé



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2019).

A imagem em destaque foi registrada no dia 06 de agosto de 2019. Na ocasião, a autora do presente estudo encontrava, pela segunda vez, o professor Eli. Destaca-se que o primeiro encontro foi tímido, visto a pouca concretude do estudo. Na época estava-se delineando o esboço da pesquisa. No entanto, mesmo sem recursos e sem informações, uma estudante de graduação, impulsionada pelo olhar da pesquisadora Janice Zarpellon Mazo, iniciou o contato. Este foi mantido, em sua

maior parte, por email e troca de mensagens por aplicativo, especialmente em razão da pandemia de Covid-19.

Do mesmo modo que o professor Eli conseguiu dar seguimento a sua ideia, transformando-a em um projeto sólido como são os JSPOA, este estudo, também foi sendo construído com persistência. De uma ideia surgiu um objeto de estudo, cuja análise de diferentes documentos permitiram a escrita da narrativa ora apresentada. Leituras da bibliografia, confronto de fontes, análise apurada de cada documento. Se para a realização dos JSPOA foi preciso auxílio de parcerias, o mesmo ocorreu na presente investigação. O subsídio do professor Eli, desde o início da construção narrativa, foi essencial.

Deste modo, apresentar o idealizador dos JSPOA tornou-se parte desta escrita e uma forma de agradecimento. Foram os materiais e o tempo de diálogo cedido pelo professor Eli que permitiram a construção desse estudo. O intuito é valorizar a sua imagem, a sua trajetória e, especialmente, suas ações em prol da comunidade surda. Na sequência, passa-se a apresentação das Considerações Finais da pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo principal desta pesquisa que é compreender como ocorreram as edições dos Jogos Municipais dos Estudantes Surdos de Porto Alegre (JSPOA), no período de 2003 a 2019, pode-se concluir que tal objetivo foi alcançado, pois foram identificados como os JSPOA surgiram a partir de um projeto idealizado pelo professor Eli Danilo Thomé, além de resgatar reportagens, imagens, ilustrações e documentos pertencentes ao acervo pessoal do idealizador, contemplando assim a magnitude que o evento nos proporcionou analisar.

A fim de destacar a temática dos esportes surdos, foi realizada uma revisão bibliográfica das publicações acadêmicas nacionais, em língua portuguesa, a respeito do tema referido. A partir desta, identificou-se uma virada cultural, especialmente relacionada à compreensão do ser surdo. Guiada por distintas vertentes culturais identificou-se que os surdos se inseriram na sociedade e lutaram por conquistas. Estas, por sua vez, vão além da linguagem e intentam sustentar um espaço de respeito, através da identificação de identidade surda ou de identidades surdas, visto os distintos posicionamentos presentes na comunidade surda e no esporte para pessoas surdas.

Ao citar elementos encontrados na revisão da literatura, é possível visualizar uma escassez de produções sobre os esportes surdos, mais especificamente sobre os JSPOA. Além disso, há poucos registros através de reportagens, acerca das edições do referido evento esportivo. Nas produções referenciadas nos quadros, percebe-se diferentes perspectivas de se abordar a temática surdez: sujeitos surdos, comunidade surda e identidades surdas. As diferentes visões da percepção do sujeito surdo proporcionaram reflexões acerca de tais produções. Cada autor interpreta, apresenta e descreve seus atores tal como os vê, percebe ou mesmo os revela. Portanto, se faz necessário destacar que, em uma cultura dessa dimensão, é natural que exista distintas possibilidades de olhares e, deste modo, também a distintas narrativas sobre esta.

Torna-se relevante destacar que um fator percebido nas produções recentes é a presença crescente de surdos como autores, escritores e pesquisadores. Esse achado permite refletir como vem sendo inserida a pessoa surda na sociedade e como ela se vê e se coloca nos contextos e textos acadêmicos. Algumas das

produções iniciais sobre pessoas surdas, em sua maioria, foram produzidas por pessoas ouvintes ou simpatizantes da cultura surda, sendo produzidas por meio de uma visão de inclusão e inserção social dos surdos através da LIBRAS. Na presente investigação buscou-se refletir sobre a pessoa surda e o surdoatleta, tal como este se percebe e constrói sua identidade a partir da vivência com seus pares, na cultura surda e no esporte surdo.

Ainda neste caminho, foi possível identificar a presença de pessoas surdas como pesquisadores e representantes surdos em autobiografia e livros, sendo estas produções mais recentes. Identificou-se que os surdos abordam a temática da surdez com singularidade, uma lente única apresentada e representada por sua cultura e através dela, a qual vai além da mera linguagem e da forma de se comunicar. Apresentam-se como seres sociais, que possuem representatividade em diferentes esferas, seja no âmbito cultural, esportivo ou acadêmico. Foi identificada uma busca constante dos estudiosos em deslocar a pessoa surda que historicamente foi classificada como deficiente e realocá-la em um *status* de ser social, pertencente a uma cultura riquíssima e repleta de significados.

Os surdos têm um evento próprio, as Surdolimpíadas, conhecida internacionalmente como *Deaflympics*, evento este que integra atletas surdos de diversos países. O Brasil é um dos países que participa das Surdolimpíadas, porém ainda é escassa a literatura sobre os esportes surdos no país. No entanto, se por um lado a produção acadêmica e científica localizada evidenciou uma gama de materiais que tratam da história da educação dos surdos, por outro, no campo do esporte notou-se carência de investigações e até mesmo de documentos.

Para construção do presente estudo, foram traçados objetivos específicos que auxiliaram no traçado da investigação, a saber: Apresentar o cenário das escolas participantes dos JSPOA; delinear as transformações sucedidas nas edições dos JSPOA, no período de 2003 até 2019; descrever a trajetória do idealizador dos JSPOA. Através dos achados, foram identificados os nomes de dez escolas participantes em um momento inicial, ocorrendo três desistências, posteriormente. Evidenciou-se que algumas dessas escolas produziram materiais de divulgação, tal como as escolas da cidade de Canoas/RS e de Porto Alegre/RS, ambas divulgaram reportagens e promovem eventos em suas escolas. Outro elemento que foi possível destacar são as adaptações feitas para que houvesse a

comunicação entre o professor de Educação Física ouvinte e os estudantes surdos. A troca de sinais sonoros por bandeiras ou recursos visuais também foi percebida nos documentos localizados durante a realização do estudo.

Reconhecer as escolas, identificá-las e representá-las por meio de imagens, sobretudo de estudantes durante as competições, foi essencial para dar visibilidade aos participantes dos JSPOA. O projeto inicial desta pesquisa visava realizar entrevistas com participantes para, deste modo, dar voz a eles. Contudo, devido à pandemia de Covid-19 não foi possível tal feito. Esta, talvez, seja uma das limitações do presente trabalho. A ideia era que todos os estudantes se sentissem contemplados através da pesquisa ou se sentissem representados por intermédio de suas escolas. Tem-se a consciência de que tal feito é utópico, visto que, poucos nomes de estudantes são mencionados. A maior visibilidade, por vezes, é dada à escola campeã.

Delinear as transformações sucedidas nas edições dos JSPOA, no período de 2003 até 2019, fez parte dos objetivos. Algumas transformações foram ocorrendo a fim de ajustar os jogos às demandas solicitadas por pais, professores e a equipe organizadora. Foi acatada a decisão de retirada da tocha que era considerada perigosa. Foi retirada a prova de natação devido às dificuldades de espaços para treinos e preparação dos atletas. Destacam-se as duas ocasiões em que ocorreu a interrupção dos JSPOA. A primeira, em 2009, por conta da gripe suína. Nesta, os jogos coletivos não foram realizados e os JSPOA daquele ano contaram apenas com as provas de atletismo. A segunda, em 2020 e 2021, quando os JSPOA não ocorreram devido à pandemia de Covid-19.

Apontar as rupturas presentes nas distintas edições dos jogos são elementos que corroboram a percepção de que sempre haverá novas possibilidades de se analisar o objeto estudado e que esta não é finda. Apenas foi aberto o caminho para que novas pesquisas possam surgir na busca por dedicar-se a esta temática. Entende-se que esta narrativa está sujeita a críticas. Muitas pessoas gostam de uma determinada arte. Existe uma gama muito rica de obras e artistas, mas, pode-se escolher como apresentar trabalho artístico desejado, o que pintar e para quem expor. Os pesquisadores não estão sozinhos. Essas produções são dignas de apreciação e sempre haverá público.

Acredita-se que, através dessa produção, as futuras gerações de pessoas surdas e estudantes surdos poderão acessar parte de suas memórias. Neste estudo, buscou-se valorizar o esporte surdo e os Jogos dos Estudantes Surdos, compreendendo que produções como estas devem ser materializadas e incentivadas. Os estudantes atletas poderão se ver através do registro dos jogos ou até mesmo através da representatividade do esporte surdo. Aqui dá-se destaque às Surdolimpíadas que, no ano de 2022 trouxe, através da mídia, uma valorização da prática esportiva, além da valorização de uma identidade surda: a identidade surdoatleta.

Destaca-se que esse compreende um determinado recorte temporal. Deve-se considerar a possibilidade de novos estudos sobre o trabalho iniciado e, deste modo, convida-se aos interessados que não se sentiram contemplados com a narrativa apresentada para que, em conjunto, ampliem essa visibilidade. Espera-se que novas pesquisas sejam realizadas para somarem a esta e colaborar para que outras versões desta história possam ser contadas.

Sobre a relevância e escolha do contexto específico a ser apresentado nesta pesquisa, destaca-se o que diz Luchese (2014). Em seu escrito, intitulado “Modos de fazer história da educação: pensando a operação historiográfica em temas regionais”, a autora explica que, “ao eleger um objeto de pesquisa, o historiador faz uma opção que é sua. Essa escolha é tangenciada pelas dimensões objetivas e subjetivas do contexto de vida e das experiências construídas” (LUCHESE, 2014, p. 148). Deste modo, a presente produção traz percepções carregadas de subjetividade. Jenkins (2004) também sublinha a produção do conhecimento histórico como sendo complexa, pois é sujeita a subjetividade de quem a conta, devido à inserção cultural e social e, portanto, não é neutra. Discursos são produzidos sempre através de um determinado olhar, utilizando-se de uma determinada lente.

Outro fator a ser sublinhado refere-se ao crescimento do esporte surdo na região sul do país. Talvez, a realização das Surdolimpíadas de Verão, na cidade de Caxias do Sul/RS, em maio de 2022, tenha contribuído para tal questão. Na referida edição, a cidade serrana recebeu cerca de 4.500 surdoatletas e equipes de mais de 100 países. O *site*¹⁷ das Surdolimpíadas fornece informações detalhadas sobre a

¹⁷ Endereço eletrônico: <https://www.deaflympics2021.com/pt/history/>.

história, as modalidades e os patrocinadores. Ademais, tal edição trouxe como marco histórico o Brasil como primeiro país da América Latina a sediar os Jogos Surdolímpicos de Verão.

Os esportes surdos são esportes realizados/praticados por/para pessoas surdas competirem entre si. Uma das primeiras práticas institucionalizadas em que surdos participaram foram as Surdolimpíadas, organizadas pelo Comitê Internacional de Esportes para Surdos (ICSD), principal órgão responsável pelas competições Surdolímpicas e Campeonatos Mundiais de Surdos. Tal instituição foi fundada em 1924 e é conhecida como *Comité International des Sports des Sourds* (CISS). Suas ações consistem em proporcionar a participação de surdoatletas de elite nas competições. Do mesmo modo, os eventos visam desenvolver camaradagem entre seus países, segundo as palavras divulgadas no *site* oficial¹⁸.

As surdolimpíadas contam com quatro confederações: Confederação de Esportes para Surdos da Ásia-Pacífico (APDSC), Confederação Africana de Desportos Surdos (CADS), Organização Europeia de Desportos para Surdos (EDSO) e Organização Panamericana de Esportes Surdos (PANAMDES), da qual o Brasil faz parte. No endereço eletrônico supracitado foi localizado um número significativo de informações, reunindo conteúdos sobre: organização, tais como Estatuto, Código de Ética, Constituição, Comissões, Edições do Congresso, Conselho Executivo, História, Logotipo, Filiação - membro Associado, Associação - Membro Pleno, Declaração de missão, Presidentes, Confederação Regional, Relatórios e Diretores Técnicos). Há também informações sobre premiações, como nome de Membros Honorários Vitalícios, Medalha de Honra, Prêmio Rubens - Alcais, Desportista e Desportista do Ano. Registram-se também regulamentos, como aqueles Regulamentos de Audiograma, Regulamentos Surdolímpicos, além de informações sobre Antidoping, Calendário de eventos, Reivindicações em disputa, Formulários, Políticas, Publicações e O Movimento Olímpico.

Tendo ciência do atual cenário do esporte surdolímpico no Rio Grande do Sul, este estudo buscou aproximar os leitores do tema dos esportes surdos, demarcando a importância e dimensão de fazer parte de um marco considerado histórico. Sublinha-se ainda que os Jogos Surdolímpicos de Verão representaram a maior competição poliesportiva internacional realizada no Rio Grande do Sul, voltado às

¹⁸ Endereço eletrônico: <https://www.deaflympics.com/icسد>

pessoas surdas.

Outro destaque foi o retorno dos JSPOA. Os jogos ocorreram em 03 de junho de 2022, das 9h às 16h, sendo que a abertura do evento e o atletismo ocorreram no Centro Estadual de Treinamento Esportivo (CETE), localizado na rua Gonçalves Dias, 700 (Menino Deus/Porto Alegre). Os jogos coletivos, por sua vez, aconteceram no dia 10 de junho de 2022, das 9h às 16h, no Parque Ararigóia, localizado na rua Saicá, 6, no bairro Petrópolis em Porto Alegre, conforme informações contidas no *site* da Prefeitura de Porto Alegre¹⁹.

Pode-se ressaltar que a experiência obtida e vivenciada durante a construção do presente estudo não pode ser traduzida em palavras. Também não é em sua totalidade palpável. Não está dada e nem está findada. A pesquisadora viu-se envolvida e pode, em todas as etapas, pensar, refletir e sentir-se tocada pelas sensações e vibrações. Como amante das artes, das múltiplas linguagens, das expressões, das diferenças, as percepções da autora foram sensíveis às diferentes fontes que se apresentam coloridas. A utilização de diferentes sentidos para visualizar cores e sentir as texturas, criaram tessituras e tecituras, pois passou-se a tecer diferentes fios, valendo-se de uma composição repleta de múltiplas experiências.

Esta narrativa histórica, ao adotar os caminhos metodológicos da história cultural, permitiu contar a “versão” da história pela visão da autora, a qual buscou identificar novas percepções para ampliar as distintas possibilidades de leitura do mundo. Com fontes imagéticas em mãos, utilizou-se de Passos (2017), posto que este autor revela que a construção de um texto se dá como um mosaico, ou seja, pegando pedaços de tudo que já fora experimentado, vivido, estudado, aprendido para juntar todos esses fatores e fazendo nascer um texto único e cheio de identidade.

Muitas ações foram realizadas para que o presente mosaico se materializasse, a partir de aproximações com a literatura. Além das associações, que foram justificadas através dos argumentos teóricos-interpretativos, buscou-se identificar, descrever, associar e interpretar os significados, dando sentido ao

¹⁹

Endereço eletrônico:
<https://prefeitura.poa.br/smelj/noticias/jogos-dos-estudantes-surdos-de-porto-alegre-comecam-nesta-s-exta-feira>

fenômeno estudado. Aqui apresentaram-se as experiências da autora, o que sentia, o que acreditava e que só é solidificado através da contribuição de distintos atores.

Como ações futuras, considera-se relevante utilizar a imagem, os registros e as fotografias em corroboração às colocações de Rangel (2004). Autora surda que utilizou a imagem em sua pesquisa, mobilizou a pesquisadora a pensar como uma ação futura a possibilidade de ser realizada, a criação de uma galeria com os registros das distintas edições dos jogos. Além de disponibilizar os materiais aqui utilizados na galeria do CEME ou do Observatório do Esporte Paraolímpico e Esporte Surdo, da UFRGS.

O acervo poderá ser divulgado no Centro de Memória do Esporte (CEME²⁰) que, além de concentrar e promover parte das atividades do grupo de pesquisa da autora, o NEHME²¹, tem por objetivo preservar, disponibilizar e divulgar acervos físicos e digitais sobre o esporte, a educação física, a dança e o lazer. Desde sua implementação, em dezembro de 1996, desenvolve atividades de extensão, pesquisa e ensino, buscando propagar histórias e memórias esportivas como elementos fundamentais para a construção da cidadania.

Diante destas colocações, muitas são as possibilidades de seguimento nos estudos sobre os esportes surdos. Perceber esta dissertação como uma obra de arte é vê-la como um barro que precisa ser preparado e moldado para no fim tornar-se vaso. O trabalho de modelagem foi árduo, mas culminou nessa obra final. Podendo, depois de pronto, sofrer alterações, pinturas, colagens e enfeites e ser utilizado para diferentes fins. Acredita-se que, a partir daqui, nasçam novas possibilidades com a finalidade de ampliar a contribuição nessa construção infinita e inacabada.

²⁰ Endereço eletrônico: <https://www.ufrgs.br/ceme/>

²¹ Endereço eletrônico: <https://www.ufrgs.br/nehmeparalimpico/>

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Arthur José Medeiros de; SUASSUNA, Dulce Maria Filgueira de Almeida. Práticas corporais, sentidos e significado: uma análise dos jogos dos povos indígenas. Porto Alegre, **Movimento**, 2010.

BACELLAR, Carlos. **Uso e mau uso dos arquivos**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

BARROS, José D'Assunção. A Nova História Cultural: considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, v. 12, n. 16, 2011, p. 38-63.

BENVENUTO, Andrea; SÉGUILLON, Didier. Primeiros banquetes dos surdos-mudos no surgimento do esporte silencioso 1834-1924: por uma história política das mobilizações coletivas dos surdos. **Revista Moara**, Pará, v. 45, p. 60-78, jan./jun.2016.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.19, p.20-28, 2002.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

BRASIL. **Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Distrito Federal, 2005.

BRASIL. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. 2022. Distrito Federal, 2005.

BRITO, Jéssica. Jogos escolares envolvem centenas de alunos surdos em Porto Alegre. **Diário Gaúcho**, Porto Alegre, 15 de maio de 2019. Disponível em: <<http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/dia-a-dia/noticia/2019/05/jogos-escolares-envolvem-centenas-de-alunos-surdos-em-porto-alegre-10939472.html>>. Acesso em: 17 de junho de 2022.

CBDS. **Confederação Brasileira de Desportos de Surdos**. Disponível em: <https://cbds.org.br/cbds>. Acesso em 2019.

CELLARD, André. **A análise documental**. In: POUPART, Jean et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

CEME. **CEME na "escuta" dos esportes surdos**. Porto Alegre, 19 de maio de 2021. Centro de Memória do Esporte (CEME/ESEFID/UFRGS). Disponível em: https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=125531149570251. Acesso em: 07 fev. 2023.

CHARTIER, Roger. História Cultural. In: CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Algés/Portugal: DIFEL, 2002.

COELHO, Vinicius Paulo. **Jornalismo Esportivo**. 4ª edição. São Paulo, Contexto, 2015.

COSTA, Larissa. **Inclusão: Competição em Poa**. Entrevista concedida a Gisa Guerra. Record TV RS. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=xOOWOs5LM58>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

DALLAN, Maria Salomé Soares. **Análise discursiva dos estudos surdos em educação: a questão da escrita de sinais**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

DE BRITO, Fábio Bezerra de; NEVES, Sylvia Lia Grespan; XAVIER, André Nogueira. O movimento surdo e sua luta pelo reconhecimento da Libras e pela construção de uma política linguística no Brasil. In: ALBRES, Neiva de Aquino; NEVES, Sylvia Lia Grespan (Orgs.). **Libras em estudo: política linguística**. São Paulo: FENEIS, 2013. p. 67-104.

DI FRANCO, Marco Aurelio Rocha. **Esportes surdos na constituição do ser social: o resgate histórico sob a perspectiva da educação ambiental**. 2014. 81 f. Dissertação de Mestrado - (Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental) - Instituto de Educação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014.

DI FRANCO, Marco Aurélio Rocha. Esportes surdos na constituição da identidade. In: **Anais eletrônicos do 6º SBECE e 3º SIECE**. Canoas/RS, ULBRA, 2015. Disponível em: http://www.2015.sbece.com.br/resources/anais/3/1430063771_ARQUIVO_Completo_SBECE_EsporteSurdos.pdf. Acesso em: 28 abr. 2022.

DI FRANCO, Marco Aurélio Rocha; PALUDO, Simone dos Santos; LEBEDEFF, Tatiana Bolivar. Esportes surdos na constituição do ser social: uma compreensão histórica sob a perspectiva da Educação Ambiental. **Revista Educação Especial**, v. 28, n. 52, p. 365–376, 2015.

DI FRANCO, Marco Aurélio Rocha. **Surdolimpíadas (Deaflympics): histórias e memórias dos Esportes Surdos no Brasil (1993-2017)**. 2019. 111 f. Tese (Doutorado) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019a.

DI FRANCO, Marco Aurélio Rocha; BOCHERNTSAN, Denize Denize Cohen; MAZO, Janice Zarpellon. Surdolimpíadas: memórias da participação brasileira (1993- 2017). In: **Anais do SBECE**. Canoas/RS, ULBRA, 2019b. Disponível em: https://www.2019.sbece.com.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=431. Acesso em: 28 abr. 2022.

DI FRANCO, Marco Aurélio; MAZO, Janice Zarpellon; BATAGLION, Giandra Anceski; BOCHERNITSAN, Denize Cohen. Surdoatletas nas Deaflympics: silêncios da memória esportiva brasileira. **Arquivos em Movimento**, v.17, n.1, p. 86- 102, 2021.

EMILIAVACA, Alex Luís. **Análise estabibliométria de atletas de futsal ouvintes e surdos**. 2020. 81f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2020.

EMILIAVACA, Alex Luís; GUIRELI, Camila da Silva; WESCHENFELDER, Lorita Maria. Surdos e o futsal: respeito, diálogos e autonomia. Centro Virtual de Cultura Surda. **Revista Virtual de Cultura Surda**. Petrópolis RJ, n. 25, p. 01,09. 2019.

FERNANDES, Sueli de Fátima; TERCEIRO, Francisco Martins Lopes. Deafhood: um conceito em formação no campo dos Estudos Surdos no Brasil. **Revista Educação Especial**, v. 32, 2019.

FERREIRA, Aline do Prado. **O movimento esportivo surdo**: produções de modos de vida surda na contemporaneidade. 2021. 119f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Instituto de Educação, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2021.

FOGGETTI, Fernanda. **Cultura surda**: o que é e quem faz parte dela? Disponível em:

<https://www.handtalk.me/br/blog/cultura-surda-o-que-e-e-quem-faz-parte-dela/#:~:text=A%20cultura%20surda%20nasceu%20da,sonoras%2C%20que%20podem%20ser%20sentidas>. Acesso em: 26 jan. 2022.

GAYER, Maurício Moraes. **Memórias de um time de futsal de surdos**: o esporte como prática de afirmação identitária. 2018. 54 p. Trabalho de Conclusão (Licenciatura em Educação Física.) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 11ª Ed. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 2001.

JENKINS, K. O que é a história? In: JENKINS, K. **A História Repensada**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 9-43.

LUCHESE, Terciane Ângela. Modos de fazer História da Educação: pensando a operação historiográfica em temas regionais. **História da Educação**, Porto Alegre, v. 18, n. 43, p. 145-161, maio/ago. 2014.

MENDES, André. **Metodologia para análise de imagens fixas**. Belo Horizonte: Selo PPGCOM UFMG, 2019.

MESQUITA, Leila Santos. Políticas Públicas de Inclusão: o acesso da pessoa surda ao ensino superior. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 255-273, jan./mar. 2018.

MONTEIRO, Myrna Salerno. História dos Movimentos dos Surdos e o Reconhecimento da Libras no Brasil. **Revista Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 292- 302, jun. 2006.

OLIVEIRA, Lucas, ALMEIDA, Fabíola. Português de surdos em *posts* do *Facebook*: uma análise sistêmico-funcional do discurso através do gênero midiático. **Muitas vozes**, Ponta Grossa, v.6, n.2, 2017.

PANORAMA, Simone Feltes. **17ª edição dos Jogos dos Estudantes Surdos de Porto Alegre**. Panorama TVE, Porto Alegre, 15 de maio de 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=HOHqQQHVzUw>>. Acesso em: 11 fev. 2022.

PASSOS, Robert Filipe dos; QUADROS, Anna Maria Malaquias de. Carta aberta sobre o aprender extensionista. **Revista da Extensão da UFRGS**, v. 1, p. 1-71, 2017.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. **Educar em Revista**, Curitiba, Edição Especial, n. 2, p. 17-31, 2014.

PESAVENTO, Sandra J. Fronteiras da História: uma leitura sensível do tempo. SCHÜLLER, Fernando; AXT, Gunter; MACHADO, Juremir (Orgs.) In: **Fronteiras do Pensamento**: retratos de um mundo complexo. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2008.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 114, p. 179-195, nov. 2001.

PONTIN, Bianca Ribeiro; ROSA, Emiliania Faria. Movimento, história e Educação de surdos. **Textos da Apostila de LIBRAS**, UFRGS: 2016.

QUADROS, Ronice Muller de; MASSUTTI, Mara. CODAs brasileiros: Libras e Português em zonas de contato. In: QUADROS, Ronice Muller de; PERLIN, Gladis. **Estudos Surdos II**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

RANGEL, Gisele Maciel Monteiro. **História do povo surdo em Porto Alegre**: imagens e sinais de uma trajetória cultural. 2004. 157p. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

RANGEL, Gisele Maciel Monteiro. **Parecer da Dissertação** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <giselemmrangel@gmail.com> em 09 jan. 2023.

RESOLUÇÃO. **Resolução n. 1.123, de 14 de novembro de 1991**. Concede o título honorífico de Líder Esportivo ao Professor Eli Danilo Thomé. Disponível em: http://200.169.19.94/processo_eletronico/001062004PR/001062004PR.pdf. Acesso em 2023. Porto Alegre, 2004.

ROCHA, Aline Carrijo do Vale. **Comunicação para e com os surdos**: análise da cobertura da surdolimpíadas. 2018. 41f. Trabalho de Conclusão de Curso

(Graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

SACKS, Oliver. Vendo vozes. Rio de Janeiro: Imago, 1990. In: OLIVEIRA, Lucas, ALMEIDA, Fabíola. **Português de surdos em posts do Facebook**: uma análise sistêmico-funcional do discurso através do gênero midiático. Ponta Grossa, v.6, n.2, 2017.

SANTOS, Leonardo Carmo; BRANCO, Murilo Castello; GANDOLPHO, Luísa Torres Homem. A implantação do esporte vela no Instituto Nacional de Educação de Surdos. **Revista Arqueiro**, jul./dez. 2018.

SARDELICH, Maria Emilia. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. In: **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 128, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2006, p. 451-472.

SILVEIRA, C. H. Representações de surdos/as em matérias de jornais e revistas brasileiras. **Educação (UFSM)**, v. 33, p. 171-190, 2008.

STEWART, D. A. **Deaf sport**: The impact of sports within the deaf community. Washington: Gallaudet University, 1991.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

THOMÉ, Eli Danilo **Histórico dos Jogos Surdos** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <elidanilo5@gmail.com> em 06 ago. 2019.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Focault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VISUAL. **TV Brasil**, 16 de junho de 2016. Repórter Visual. Disponível em <<https://tvbrasil.ebc.com.br/visual/episodio/visual-06062016?page=41>>